

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES
POLÍTICAS
WEVERTON BRAGANÇA DO AMARAL

**Ciro Flamarion Cardoso e os embates ético-políticos sobre a
cientificidade da História no Brasil (1980-2011)**

VITÓRIA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES
POLÍTICAS
WEVERTON BRAGANÇA DO AMARAL

**Ciro Flamarion Cardoso e os embates ético-políticos sobre a
cientificidade da História no Brasil (1980-2011)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

VITÓRIA
2022

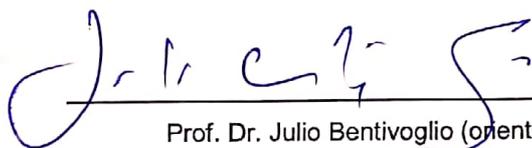
WEVERTON BRAGANÇA DO AMARAL

**Ciro Flamarion Cardoso e os embates ético-políticos sobre a
cientificidade da História no Brasil (1980-2011)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade Federal do
Espírito Santo como requisito para a obtenção do título
de mestre em História.

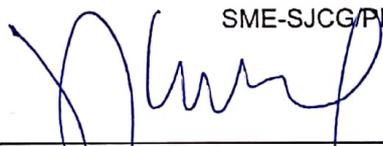
Aprovado em 06 de Julho de 2022.

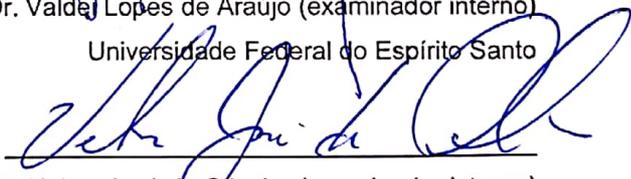
Comissão examinadora:



Prof. Dr. Julio Bentivoglio (orientador)
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Wagner Geminiano dos Santos (examinador externo)
SME-SJCG/PE e UNICAP

Prof. Dr. Valdeir Lopes de Araújo (examinador interno)
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (examinador interno)
Universidade Federal do Espírito Santo

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

A485c Amaral, Weverton Bragança do, 1993-
 Ciro Flamarion Cardoso e os embates ético-políticos sobre
a cientificidade da História no Brasil (1980-2011) / Weverton
Bragança do Amaral. - 2022.
 130 f.

Orientador: Julio Bentivoglio.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Historiografia Brasileira. 2. História Intelectual. 3. Ciro
Flamarion Cardoso. 4. Pós-modernidade. 5. Racionalismo. I.
Bentivoglio, Julio. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

Sapere aude!
Tem coragem de fazer uso de teu próprio
entendimento, tal é o lema do
esclarecimento.
Immanuel Kant, O que é o esclarecimento, 1783.

Você tem brio? Sabe o que é brio eu dizer,
malandro você é tosquinho, você não entende!
Clovis de Barros

À Gabriela, por tudo e mais um pouco.

Agradecimentos

Esse momento, em que realizo a façanha de escrever uma dissertação, marca o resultado de muito esforço, suor e lágrimas. Eu não poderia ter realizado tal empreendimento, mesmo que grande em sua pretensão, porém, modesto em sua realização sem aqueles que durante anos me acompanharam nessa caminhada que realizo com dificuldade.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador e amigo, a quem tenho o prazer de chamar de *Master*, Julio Bentivoglio, por me inspirar a ser um historiador que não se deixa apequenar frente as dificuldades da vida acadêmica e por estar me orientando desde o início da graduação.

Agradeço os professores Valdei Lopes de Araújo, Wagner Geminiano dos Santos e Ueber José de Oliveira por comporem a banca de avaliação e se prontificarem a ler, em curto tempo, minha dissertação, não tenho palavras para agradecer pela contribuição dos senhores.

Agradeço diariamente por ter entrado no Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia, coordenado pelo professor Bentivoglio, lugar aonde tive o prazer de conhecer meus três companheiros (a) de graduação e de formação intelectual, Wesley Ribeiro dos Santos, Taynna Mendonça Marino e Fernando Soares, aos quais eu deixo a pergunta: você entendeu Koselleck? Agradeço a todos que fazem parte do LETHIS e que me ajudaram nessa caminhada, seja em debates, leituras ou conversas no Pedro: Rusley Biasutti, Abner Wotkosky, Thiago Brito, Marcelo Durão, Hugo Merlo, César Pérpetuo e a todos que fazem parte desse grupo tão caro em minha vida.

Agradeço especialmente à companhia das três pessoas mais importantes em minha caminhada. A Bruno Cesar Nascimento, por me coorientar em diversos momentos e, especialmente, em minha jornada pela historiografia brasileira, me fazendo crescer como um historiador em nossas discordâncias e debates acalorados acerca do ofício

historiográfico. A Lucas Bispo Fiorezi, por me ensinar a ter humildade e a ter brio, mesmo quando eu mesmo não acredito em mim. A Edjalma Nepomuceno Pina, meu irmão de graduação e de vida, que nunca se furtou ou cansou de me escutar e contrapor meus argumentos enfáticos, relativos a nosso ofício de historiador, mesmo quando estamos em casa.

Serei eternamente grato a Universidade Federal do Espírito Santo e aos professores do curso de História, e todo seu corpo de funcionários que me possibilitaram de estar aonde estou hoje. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que sem a sua contribuição por meio da bolsa essa dissertação não poderia ser viabilizada.

Agradeço a minha família, por cada experiência e aprendizado adquiridos aos longos dos anos, e mesmo em tempos difíceis nunca deixaram de me apoiar e me sustentar. Contudo, eu agradeço especialmente a meu tio Ademar Caseli Bragança que, sem ter nenhuma responsabilidade perante minha pessoa, sempre me deu condição e possibilidade de ser alguém melhor.

Reservo o último agradecimento a pessoa mais importante, atualmente em minha vida, Gabriela Santos Nepomuceno, companheira que nos últimos quatro anos me ajudou, suportou e amou, sem à qual não teria condições de segurar todas às angustias e sofrimentos desse momento tão conturbado que vivemos. Meu eterno agradecimento e amor a você.

Resumo

Busco analisar as contribuições de Ciro Flamarion Cardoso no debate epistemológico da História no Brasil a partir da década de 1980 até 2011, visando compreender seu papel na recepção de historiadores herdeiros do giro linguístico e do pós-estruturalismo. No intuito de produzir um sentido a contribuição de Cardoso, parto de duas questões: a) Cardoso empreendeu um discurso coercitivo em relação a essas contribuições? B) caso o tenha feito, qual foi o sentido que norteou tal prática? Por ter uma vasta obra sobre o tema, analiso sua argumentação referente especialmente as teses irracionistas e pós-modernas, visando elucidar a hipótese apresentada. Para além, penso as relações de disputas disciplinares das quais Cardoso exerceu alguma participação dentro da História no Brasil, entendendo o papel que o historiador tem enquanto intelectual carregado de um *status* social e simbólico dentro da disciplina, além de buscar desvelar a posição ocupada por Cardoso na historiografia brasileira. O caminho adotado para construir a análise perpassa duas etapas; a) entender quem é e como se formou Ciro enquanto historiador, compreender os múltiplos significados de pós-modernidade e de giro linguístico e expor a preocupação de Cardoso relativa a temática; b) analisar como a construção argumentativa de Ciro Flamarion é focada na construção de um discurso que visa mais o aspecto ético-político de uma defesa da história enquanto ciência e sua reafirmação do que em uma análise dos autores citados pelo mesmo, além de apresentar como que tal discurso foi recepcionado por seus pares. Nesse sentido, utilizaremos os aportes conceituais de Michel de Certeau referente a *operação historiográfica*, Jean-François Lyotard, Frederic Jameson e Alex Callinicos acerca do conceito de *pós-modernidade*, concluindo com Michel Foucault sobre a *disciplina*.

Palavras-chave: Historiografia Brasileira, História Intelectual, Ciro Flamarion Cardoso, Pós-modernidade, Racionalismo.

Abstract

I seek to analyze the contributions of Ciro Flamarion Cardoso in the epistemological debate of History in Brazil from the 1980s to 2011, aiming to understand his role in the reception of historians heirs of the linguistic turn and post-structuralism. In order to make sense of Cardoso's contribution, I start from two questions: a) Did Cardoso undertake a coercive speech in relation to these contributions? B) if you did, what was the meaning that guided such practice? As I have a vast body of work on the subject, I analyze his arguments referring especially to irrationalism and postmodern theses, in order to elucidate the hypothesis presented. Furthermore, I think about the relations of disciplinary disputes in which Cardoso had some participation within the History in Brazil, understanding the role that the historian has as an intellectual charged with a social and symbolic status within the discipline, in addition to seeking to unveil the position occupied by Cardoso. in Brazilian historiography. The path adopted to construct the analysis involves two steps. a) understand who Cardoso is and how he was formed as a historian, understand the multiple meanings of postmodernity and the linguistic turn and expose Cardoso's concern on the subject; b) to analyze how Ciro Flamarion's argumentative construction is focused on the construction of a discourse that aims more at the ethical-political aspect of a defense of history as a science and its reaffirmation than in an analysis of the authors cited by him, in addition to presenting how that such speech was received by their peers. In this sense, we will use the conceptual contributions of Michel de Certeau regarding the historiographical operation, Jean-François Lyotard, Frederic Jameson and Alex Callinicos about the concept of postmodernity, concluding with Michel Foucault and on the discipline.

Key-words: Historiography, Intellectual History, Ciro Flamarion Cardoso, Postmodernity, Rationalism.

SUMÁRIO

Introdução	12
Parte I: Formação e institucionalização: um historiador combatente?	23
Entre a renovação e a tradição: a historiografia brasileira pós-1950.....	25
Um intelectual em formação: entre a instituição e a “revolução”	37
Expansão institucional: um historiador combatente	47
Pós-modernidade: um conceito repleto de sentidos	54
O lugar social do historiador no Brasil	60
Parte II: Por uma ciência em construção: conceito de História, verdade e razão nos escritos de Ciro Cardoso	68
Uma ciência em constante construção	71
Razão e verdade – uma premissa do racionalismo.	77
Do irracionalismo à pós-modernidade	88
A crítica visita o crítico: recepção como disputa.	100
À guisa de conclusão, ou sentido ético-político como crítica historiográfica.....	114
Considerações Finais	117
Referências	120
Fontes	120
Obras de Ciro Flamarion Cardoso:	120
Demais obras consultadas:	122

Introdução

O historiador Ciro Flamarion Cardoso, a partir de 1990, alertava para um possível descrédito social que estaria atingindo a História. Considerado um polemista e crítico das reflexões proveniente do *linguistic turn*, movimento que introduziu problematizações relativas à linguagem nas diversas áreas do conhecimento, ficaria conhecido por suas contundentes afirmações da importância da ciência histórica e do historiador como intelectual ativo. Suas advertências, surgiam em razão dos debates acerca da cientificidade da História e do relativismo em torno do discurso histórico. No intuito de legitimar tal combate, Cardoso produz desde o final dos anos de 1970 até o ano de 2011 livros, artigos e coletâneas visando construir um discurso que enfrentasse tais propostas e reflexões.¹

Em razão dessa atuação relativa a recepção do que o autor viria a denominar como paradigma pós-moderno, elenco a hipótese que norteia essa dissertação: afinal, Ciro Cardoso teve êxito em produzir um discurso que visava deslegitimar autores considerados pós-modernos? E se caso tenha tido, qual o sentido de assim o fazer? Para responder a essas questões, desenvolvo um percurso em duas partes, que Por essa razão utilizarei abordagens conceituais distintas em cada uma delas, porém, que irão se confluir ao longo da pesquisa.

Na primeira Parte início com as formulações proposta por Michel de Certeau oriundas de sua *Operação historiográfica*. Emprego-as no sentido de compreender a figura de Ciro Cardoso em sua persona acadêmica. Com isso busco delimitar em como o *lugar social* afeta o historiador, enquanto formador de concepções culturais e epistemológicas, formalizando a percepção e compreensão do real. Este *lugar* possibilita, de um modo ou de outro, explicitar vínculos e visões políticas acerca da realidade histórica.² Buscarei compreender como a formação historiográfica de Ciro Flamarion Cardoso volta-se para uma

¹ AMARAL, Weverton B. Ciro Flamarion Cardoso e o lugar social do historiador no Brasil. In: OLIVEIRA, Ueber J. de; SANTOS, Cleber F. dos. **Intelectuais & ideias políticas**. Vitória: Milfontes, 2021, p. 174.

² Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3. Ed. rev. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

compreensão marxista de mundo e, doravante seu período na França, aproximou-se das fileiras da história problema da escola dos *Annales*. Entender o autor e sua relação com o *lugar* possibilita conjecturar sentidos possíveis acerca da estruturação do seu entendimento quanto à História e sua construção analítica. Para além disso, será necessária uma exposição e aprofundamento do contexto histórico relativos à formação disciplinar acadêmica dos anos de 1960 a 1990, visto que se trata de um momento de intensas disputas quanto à definição da História disputada como disciplina.

Além disso, analisarei o conceito de *pós-modernidade*,³ na tentativa de delimitar os sentidos que circulam essa concepção de críticas à o projeto moderno de conhecimento. Para compreender esse conceito, utilizarei tanto as ponderações de Frederic Jameson,⁴ quanto as de Lyotard⁵. Na tentativa de delimitar alguns sentidos nesse conceito polissêmico tanto utilizado para se referenciar aos desdobramentos do giro linguístico, os apontamentos de Alex Callinicos, o autor indicado por Cardoso, serão úteis para pensar a *pós-modernidade*.⁶ Por fim, faço uma exposição de como Cardoso se portou a relação à sua preocupação com a importância do lugar social ocupado pelos historiadores no início do século XXI.

No segundo momento, parto dos conceitos de *discurso* e de *disciplina* formulados por Michel Foucault em *A ordem do discurso*, para construir uma análise relativa as obras e entrevistas de Ciro Cardoso. Segundo Foucault, a construção e legitimação de um *discurso*, como mecanismo inerente na produção do saber, circunscreve elementos exclusivos, esses elementos, ou *práticas* como pensadas por Certeau, delimitam fronteiras entre o “verdadeiro” e

³ O debate relativo ao conceito de pós-modernidade é extenso e tem várias contribuições, como de Keith Jenkins, Peter Burke, Hans Kellner Bryan Palmer Lynn Hunt e outros, destacados em boa parte pelo trabalho de Willie Thompson, buscaremos amalgamar a maior quantidade de leituras possíveis, já que muitos desses textos não estão traduzidos. Para conferir uma lista completa de trabalhos em inglês relativo ao tema: THOMPSON, Willie. **Postmodernism and history: theory and history**. New York: Palgrave Macmillan, 2004, p. 154-157.

⁴ Cf. JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

⁵ Cf. LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Editora José Olympio, 2000.

⁶ Cf. CALLINICOS, Alex. **Against postmodernism: a Marxist critique**. Cambridge: Polity Press, 1989.

o “falso”, o “valido” ou “invalido”. Nas palavras de Foucault: “a formação regular do discurso pode integrar, sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos do controle (é o que se passa, por exemplo, quando uma disciplina toma forma e estatuto de discurso científico)”.⁷ A legitimação desse discurso passará inevitavelmente pela criação de um corpo *disciplinar* que definirá o elemento de poder.⁸ Conjecturando um *lugar* como a universidade, a legitimidade de ditar a *disciplina* é estabelecer o que é ou não relevante epistemologicamente, resultando sempre em uma constante busca por poder de decisão.

Com o intuito de produzir um sentido possível para a contribuição de Ciro Cardoso, busco expor e analisar alguns conceitos que considero como centrais em sua construção discursiva. Chamo atenção para o conceito de História, razão, irracionalismo e pós-modernidade. Posterior a essa ação, procuro na fortuna crítica relativa as contribuições de Ciro Cardoso à Teoria da História expor como o autor foi recepcionado por seus pares, na tentativa de atribuir um sentido comum a essas análises. Por fim, tento delimitar um sentido possível a forma em que Cardoso produz seu discurso de combate ao que considerava potencialmente perigoso a legitimidade de História na sociedade. Para melhor iniciar o problema apresentado, parto de uma pequena introdução que perpassa os assuntos desta dissertação.

A História da Historiografia⁹, configurada como prática compreensiva dos discursos históricos e sua relação com uma memória disciplinar,¹⁰ lega a capacidade de produzir problematizações acerca da prática historiográfica. Pensar o *metier* da História é buscar entender seu lugar no meio social,

⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 66.

⁸ *Ibidem*, p. 37.

⁹ Importante destacar o trabalho de Valdeci Lopes de Araújo acerca da formulação da História da Historiografia como uma subdisciplina autônoma. Pensando o passado histórico para além das fronteiras de campo e disciplina observáveis em formulações como a de Jurandir Malerba. ARAUJO, Valdeci Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 12, p. ago. 2013; MALERBA, Jurandir. Teoria e a história da historiografia. In.: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e a história da historiografia**. Curitiba: Editora Primas, 2016.

¹⁰ Na acepção dada por GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

acadêmico e conseqüentemente os embates gerados, seja política ou epistemologicamente, na tentativa de delimitar o que é a disciplina, e, acima de tudo, como se define sua identidade. Não é novo que exista uma disputa constante acerca da definição e dos problemas que norteiam a disciplina, tema este caro a historiografia, tanto nacional quanto internacional. Basta pensar em todas as múltiplas noções do que é História, seja seguindo as vertentes historicistas, metódica, dos *Annales* ou as marxistas.

O ponto que se destaca nessa contínua dissensão é a tentativa de constituir uma normativa universalizante acerca desse ofício. Pensar as relações de disputas legadas por esses embates na experiência singular de um historiador possibilita aberturas explicativas de como se dá o processo de determinadas epistemologias serem agregadas ou não ao campo. Chamo especial atenção para as problemáticas oriundas da chamada *linguistic turn*, que abalaram consideravelmente a concepção estabelecida de História até a década de 1960, contudo, que só chegaram ao Brasil a partir dos anos de 1980.

Portanto, pretendo a partir da obra de um historiador de relevância nacional, Ciro Flamarion Cardoso, problematizar os escritos desse intelectual verificando como repercutiram a profissionalização da própria disciplina histórica no Brasil a partir da década de 1970 até sua morte em 2013.

Os embates travados, no Brasil, durante as duas últimas décadas do século XX acerca do que é História e o que define seu ofício, não poderiam ser abordados sem que as contribuições de Flamarion sejam referenciadas. Em grande medida, suas argumentações acerca desse tema incidem sobre a cientificidade da história e a produção da pesquisa historiográfica, contudo, há consideráveis observações a respeito de correntes teóricas, elemento nodal da problematização aqui elencada. Ciro Cardoso protagonizou, no Brasil, um processo que ocorreu em outras tradições historiográficas nacionais:¹¹ os

¹¹ Zarmeño relata o mesmo acontecimento no México, entre a década de 1970 e 1980, no qual uma percepção tradicional de história, na qual não adere a posições teóricas por considera-las filosóficas demais para o trabalho do historiador, reverberaram na dificuldade de renovação do quadro teórico oriundo das discursões encabeçadas no pós-giro linguístico e nos *Annales* em seu país. ZARMEÑO, Guillermo. *?En el umbral de una nueva teoría de la historia? Algunas reflexiones desde América Latina*. In.: DURÁN R. A., Norma (org.). **Epistemología Histórica e Historiografía**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2017, p. 296.

embates entre historiadores arregimentados em torno de uma concepção da História como ciência e pares que, em certa medida, acolhem as problemáticas oriundas do giro linguístico, frequentemente taxados de relativistas da ciência histórica ou pós-modernos.

Dito isso, o problema de pesquisa consiste em compreender como Ciro Flamarion Cardoso, entende a disciplina História como um *lugar social* a ser preservado e como é construída sua argumentação analítica acerca dos apontamentos feitos por autores alinhados com os postulados do giro linguístico. Para desenvolver essa problemática, devo abordar três elementos importantes: primeiramente, precisar o que foi o giro linguístico; depois analisar como Ciro Cardoso reflete as reverberações desse movimento; por fim, se suas considerações são levadas adiante.

Os anos de 1980 foram marcados, no Brasil, por uma expansão do debate teórico acerca dos métodos e problemas históricos, com contribuições estrangeiras recorrentes em novos periódicos, fomentando o debate cada vez mais diversificado sobre problemas epistemológicos.¹² Um dos debates no qual Flamarion participou intensamente foi a recepção dos teóricos influenciados pelas questões do giro linguístico na História, tais como: Hayden White, Paul Ricoeur, Roger Chartier, Michel Foucault, Derrida, entre outros. Sua contribuição ficou marcada pelo debate entre *racionalistas* e *pós-modernos*, termos utilizados em sua escrita para delimitar o que seria a crença na História enquanto ciência social em contrapartida de posições que visam relativizar a importância do discurso histórico, e até mesmo questionar a cientificidade da disciplina.

Para compreender suas preocupações e apontamentos relativos a problemática acima levantada, há de se precisar o que é giro linguístico¹³. No

¹² Cf. SANTOS, Wagner Geminiano dos. **A invenção da historiografia brasileira profissional: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012)**. Vitória: Editora Milfontes, 2020; ARAUJO, Valdeci Lopes. História dos conceitos e história da historiografia: um percurso brasileiro. *In*: NASCIMENTO, Bruno Cesar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX**. Serra: Editora Milfontes, 2017.

¹³ Segundo Marcelo Rangel e Valdeci Lopes o giro linguístico, ou *linguistic turn*, além de ser um conceito que carrega diversos sentidos, pode ser compreendido de duas formas: estruturalmente, pensando em toda a formação problemática da relação linguagem-conhecimento desde o século XVIII, ou enquanto fenômeno recente, localizado na Europa a

decorrer das décadas de 1950 e 1960 alguns intelectuais das Ciências Humanas desencadearam uma série de problematizações no tocante à linguagem em diálogos frutíferos com pensadores pós-estruturalistas, destacando-se os questionamentos em relação ao significado e ao significante, mas também, sobre a naturalização dos sentidos empregados aos conceitos, crenças e certezas dogmáticas, em um movimento de reconsideração acerca do lugar da linguagem na estrutura narrativa e sua relação com o indivíduo.¹⁴ As décadas seguintes foram marcadas pelo questionamento das meta-narrativas, convergindo, gradativamente, a escrita da história de grandes obras generalistas para trabalhos menores e especializados, fragmentando-a em particularidades – o que François Dosse denominou como *história em migalhas*. O historiador americano Hayden White é o símbolo desse momento no debate historiográfico, pois sua obra, *Meta-História*,¹⁵ provocou uma intensa polêmica, até o presente momento não esgotada, quanto à forma de produção da escrita histórica e seus recursos a aparatos narrativos ficcionais.¹⁶ Desses postulados suscitou-se um intenso embate entre os adeptos das problematizações do giro linguístico e a percepção tradicional de se pensar a história, ainda orientada pelo signo da ciência em construção que, ainda hoje, aparentemente, parece ser uma querela inacabada.

O problema gira em torno da forma como Ciro Flamarion Cardoso, ao longo dos últimos 30 anos, tomou parte no debate acima destacado. Sua postura apresenta um carregado sentido crítico às posições aderentes ao giro linguístico, referindo-se as contribuições dos “pós-modernos, irracionistas, nietzschiano e relativistas” com um tom que, às vezes, beira o desprezo. Segundo Flamarion, tais posturas implicam em sérias reservas de ordem ética e política e os adjetivos dos quais faz uso para qualificar esses historiadores e filósofos denota este importante aspecto, indicativo de como Ciro Cardoso encarou a questão, dado

começar nos anos 1950. Cf. RANGEL, Marcelo; LOPES, Valdei. Apresentação – Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 318-332, abr. 2015.

¹⁴ MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no linguistic turn, o caso brasileiro. **Projeto História**, n. 41, p. 353, dez. 2010.

¹⁵ Cf. WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica no século XIX**. São Paulo: Editora Edusp, 2008.

¹⁶ Cf. MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no linguistic turn... *Op. cit.*

que ele enraizou como um “problema, que não foi de jeito nenhum reavaliado, [...] o pós-modernismo como paradigma”, porém, em nenhum momento Cardoso expressa com clareza o que é esse “pós-modernismo”.¹⁷

Observa-se em seus textos a alusão no sentido de aglutinar uma variedade de pensadores em um único termo com sentido pejorativo, como os acima mencionados, sem que se contra argumente o conteúdo de cada um, sempre elencando generalizações acerca dos autores. Esse mesmo argumento pode ser visto quando Hayden White descreve como ocorreu o debate entre Perez Zagorin e Keith Jenkins. White afirma que uma das argumentações que perpassa o texto de Zagorin é o questionamento da produção histórica de Jenkins, sua formação e se ele teria conhecimentos suficientes para argumentar elementos da narrativa histórica, porém, não entra de fato na argumentação, tentando deslegitimar o discurso por meio do espaço que ele ocupa.¹⁸

Parto do pressuposto de que querelas de ordem teórica dentro do campo da História podem escamotear disputas de ordem política, muitas vezes, pela hegemonia dentro do campo, por esse motivo volto a elencar que identifico na postura “bélica” de Ciro Cardoso um discurso eminentemente político, afinal, para ele, fazer história é a seu modo, um ato ético e também uma ação política.¹⁹ Pode-se ver a importância do debate para Flamarion em algumas entrevistas, nas quais, o que aparenta estar em jogo em sua visão, é a própria identidade e o lugar do historiador na sociedade. Como afirma, em entrevista publicada em 2002, que “a crise é também de identidade” a ponto de historiadores fazerem

¹⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. Entrevista concedida a Cristiano Alencar Arrais. **Emblemas**, Catalão, v. 1, n. 3, p. 16, 2007.

¹⁸ WHITE, Hayden. *Foreword: the postmodern Messenger*. In: JENKINS, Keith. **At the limits of history: essays on theory and practice**. New York: Routledge, 2009, p. 2.

¹⁹ Referente ao debate acerca do giro ético-político conferir: VOIGT, André Fabiano. Há um “giro ético-político” na História. In.: MEDEIROS, Bruno Franco; DE SOUZA, Francisco Gouvea; BELCHIOR, Luna Halabi; RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus H. F. (org.). **Teoria e Historiografia: debates contemporâneos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015; JENKINS, Keith. Ethical Responsibility and the Historian: on the possible End of History “Of a Certain Kind”. **History and Theory**, v. 43, n. 4, p. 43-60, dez. 2004; MUDROVICIC, María Inés. *Historical Narrative as a Moral Guide and the Present as History as an Ethical Project*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 21, p. 10-24, ago. 2016.

mais alusões à antropologia que à história enquanto disciplina em suas análises.²⁰

Ciro Cardoso defende a ideia de que a importância da História para a sociedade seja pautada na transformação por meio da *práxis*, sendo o historiador o indivíduo que carrega uma responsabilidade de fomentar o pensamento crítico que potencializa a mudança social, assim, a História, enquanto ciência, legitima o discurso histórico e estimula o presente a agir, algo visto por alguns, provavelmente, como um discurso potencialmente perigoso.²¹

Portanto, elenco questões ao ler suas análises como: o que Flamarion entende como *pós-modernidade*? Conceito que aparece frequentemente em sua escrita, variadas vezes com a acepção de “relativismo extremo”.²² Sempre associado a autores que questionam as bases da narrativa histórica. Qual o sentido neste ato de Giro Cardoso ao categorizar esses autores como pós-modernos? Existe um elemento de disputa na utilização desse meio? Nota-se que, para Flamarion, os “pós-modernos” têm um

anti-racionalismo típico da corrente [que] às vezes se acompanha de certo desleixo teórico e metodológico (e mesmo, o que é especialmente grave no caso de historiadores, quanto a crítica das fontes). Os pós-modernos costumam, com efeito, ser mais apodícticos e retóricos do que argumentativos: abundam em seus textos as afirmações apresentadas como se fossem axiomáticas e auto-evidentes, não sendo demonstradas [...] nem mesmo se preocupam com a refutação detalhada e rigorosa das posições contrárias.²³

Contudo, conforme nos adverte Willie Thompson, o próprio conceito de

‘pósmodernidade’ é um termo muito difuso e flexível, podendo incorporar uma series de pontos de vista, até mesmo contraditórios,

²⁰ CARDOSO, Giro Flamarion. Giro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 231.

²¹ CARDOSO, Giro Flamarion. Giro Flamarion Cardoso... *Op. cit.*, p. 237.

²² *Idem*. História e paradigmas rivais. *In.*: CARDOSO, Giro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 30.

²³ *Ibidem*, p. 27.

e como entendido hoje em dia confluem tendências e perspectivas que surgem de diferentes fontes que eram inicialmente bastante distintas.²⁴

Será que o pós-modernismo pode ser compreendido como um movimento anti-racionalista? Para Ciro Cardoso, mesmo que não se trate de um movimento homogêneo, as percepções que envolvem a linguagem e seu questionamento é um nítido ataque ao projeto iluminista, racional e moderno. Ademais, pergunto: as percepções de Cardoso obtiveram aderência na historiografia brasileira? Até onde seu discurso chegou? Isto é, Flamarion conseguiu arregimentar uma base expressiva na defesa da história enquanto ciência no Brasil?

Desta maneira, a relevância científica da pesquisa apresenta-se na possibilidade de entender as relações de poder na formação da historiografia brasileira recente, já que o caso de Ciro Cardoso não é único nesse determinado tema, possibilitando destrinchar um amálgama de relações complexas na extensa rede de disputas com vistas à definição da disciplina História no Brasil. Desse modo, as disputas em relação à constituição dos campos e a tentativa de uma delimitação disciplinar pode ser observada tanto na interpretação de Bourdieu²⁵, quanto em Foucault.²⁶ Pensar o *poder simbólico* que envolve um historiador e legitima seus discursos perante seus pares, é buscar entender como essa *disciplina* fundamenta o espaço que Ciro Flamarion ocupa na historiografia brasileira. Visto que, conforme escreve Jurandir Malerba, “as contendas entre ‘racionalistas’ e ‘pós-modernos’, diálogo de surdos, tende a esvair-se por si mesma, mas deixará suas marcas”.²⁷

²⁴ “‘Postmodernism’ is a very flexible term and a very diffuse one; it can incorporate a variety of standpoints, even contradictory ones, and as understood nowadays amalgamates trends and outlooks that spring from diferente sources which were initially quite distinct”. THOMPSON, Willie. **Postmodernism and history...** *Op. cit.*, p. ix. Tradução minha.

²⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3 ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000; *Idem*. O campo científico. In.: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

²⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso...** *Op. cit.*

²⁷ MALERBA, Jurandir. Teoria e a história da historiografia... *Op. cit.*, p. 22. Aqui se faz necessário uma pontuação. Entendo que Malerba, ao afirmar que as contendas são diálogos de surdos, parte do pressuposto de que as disputas entre historiadores arregimentados em ambas as trincheiras não são recepcionadas de modo satisfatório. Portanto, por mais que exista um diálogo, o que chama atenção é justamente na falta de consideração com a argumentação do outro, visando sempre que possível produzir uma reafirmação de sua própria posição.

A história da historiografia será aqui tratada como um campo de pesquisa relevante para compreender a formação da narrativa histórica. Segundo Malerba, “pensar o estatuto do texto histórico, produto da arte ou da ciência dos historiadores” guarda uma possibilidade de compreensão tanto da relação historiador-academia quanto da historiador-sociedade,²⁸ já que, a reflexão relativa ao texto histórico não depende somente da análise documental, entendida aqui como fonte. O conhecimento produzido a respeito do passado pelo historiador depende de uma vasta variedade de discursos anteriores ao dele, promovendo um amplo acervo analítico do passado. Em razão dessa perspectiva, pensar o debate entre “modernos” e “pós-modernos” por meio de uma compreensão da escrita histórica é entender como a relação entre historiadores a respeito de determinadas concepções teóricas concernentes ao ofício do historiador produz disputas referentes a finalidade do conhecimento histórico. Portanto,

é essa historicidade do próprio conhecimento que obriga ao historiador a haver-se com toda a produção que procura superar. Nasce aqui a necessidade incontornável da crítica. Nessa brecha se instaura a história da historiografia como ramo legítimo do conhecimento histórico.²⁹

Refletir, enquanto objeto da História da Historiografia, os escritos de Ciro Cardoso, possibilita compreender como é formulada a ideia de *lugar* e a defesa da *disciplina* por meio de parâmetros de exclusão que serão tratados mais à frente.

A interpretação dos trabalhos e sua historicidade ao longo dos últimos 30 anos será nodal para perceber como é constituído a fundo o *discurso* de Ciro Flamarion Cardoso e se há uma alteração na narrativa dele a respeito de como lidar com as questões levantadas pelo giro linguístico. Ademais, interpretar as reflexões referentes as delimitações do que seria a *disciplina* nos *discursos* de Ciro Cardoso, e sua contribuição na reformulação disciplinar da História no Brasil, entre os anos de 1980 a 2010, ajudará a compreender como que este

²⁸ MALERBA, Jurandir. Teoria e a história da historiografia... *Op. cit.*, 19.

²⁹ *Ibidem*, p. 25.

dado está intrinsecamente ligado à compreensão do conceito de pós-modernidade como um elemento de exclusão. Em função de um alargamento analítico das fontes, findarei com as contribuições do conceito de *diferendo* proposto por Lyotard, no qual

um caso de conflito entre duas partes (no mínimo) que não poderia ser resolvido equitativamente dado a falta de uma regra de julgamento aplicável às duas argumentações. Que uma seja legítima não implicaria que a outra não seja.³⁰

Portanto, interpretar o discurso analítico do Flamarion alusivo as percepções “pós-modernas” é entender para além de um embate político, um horizonte epistemológico relacionado com a própria finalidade do conhecimento histórico.

³⁰ LYOTARD, Jean-François. O diferendo. **Revista Lampejo**, n. 2, p. 177, out. 2012.

Parte I

Formação e institucionalização: um historiador combatente?

O processo formativo de um intelectual pode ser considerado uma via de interpretação de suas contribuições a um determinado campo. Depreender possibilidades de sentidos no intuito de desenvolver uma análise acerca dessa produção necessita recorrer a experiência vivida pelo indivíduo no intuito de desvelar vínculos, relações, discursos, motivações e disputas. Conforme exposto por Helenice Rodrigues, a correlação entre contexto e conteúdo, paradigma e produção de discursos é basilar para estruturar uma pesquisa que almeja o campo da História Intelectual.³¹

Compreender o contexto, tanto historiográfico quanto político, que Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942-2013) vivenciou em sua formação como historiador torna-se central para fundamentar a problematização de sua contribuição ao campo da História. Estruturar uma análise acerca de um intelectual que produziu obras nas mais variadas áreas denota uma questão inicial: limitar os discursos a serem analisados. Por essa razão, pretendo me dedicar a trazer à tona sua produção que tem como cerne contribuições a Teoria da História, principalmente em seu entendimento acerca do que regula o saber histórico, disciplinado e científico.

Embora a relação texto e contexto possa produzir um falso sentido a interpretação ora proposta, parto de uma série de camadas textuais que possibilitam desvelar um sentido possível de compreensão acerca da vida e obra de Ciro Cardoso. Tendo sido um dos mais proeminentes historiadores brasileiros do final da segunda metade do século XX, existem análises e memórias de outros historiadores acerca de suas obras e trajetória. Portanto, por mais que a biografia entre como fator constitutivo na maioria das pesquisas e não como problema central, como aponta Alexandre de Sá Avelar,³² explorar a experiência vivenciada por Ciro Flamarion Cardoso torna-se necessária. Contudo, não só para compreender sua tática argumentativa e sua formação como historiador, mas alcançar a compreensão do autor enquanto um intelectual socialmente ativo. Como expõe Avelar,

³¹ SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, p. 19.

³² AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 160, 2010.

Esta sensação de poder controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas.³³

Ao evitar os aspectos acima mencionados, parto da compreensão de contexto na qualidade de estruturação delimitadora para atribuir uma narrativa acerca das possibilidades de ações que Ciro Cardoso desempenhou durante sua formação. Tendo em vista os aspectos explanados, envolvo três ambientes que permeiam a trajetória acadêmica de Cardoso, sendo: a renovação da historiografia brasileira nos anos 1950-1960; o paradigma francês nos anos 1960-1970; a estruturação dos programas de pós-graduação nos anos 1980-1990 no Brasil.

Entre a renovação e a tradição: a historiografia brasileira pós-1950

A partir da década de 1950 ocorreu uma transformação que marcou a historiografia brasileira, até então simbolizada pelo predomínio do IHGB e da Universidade de São Paulo. Elenco dois pontos centrais como justificativa para esse movimento: o problema da formação dos historiadores no Brasil e a chegada de novas correntes teóricas/metodológicas.

Nesse período, por mais que houvessem grandes nomes na historiografia brasileira, como Caio Prado Jr., Sergio Buarque de Holanda ou Nelson Werneck Sodré, pouco havia na formação do historiador brasileiro relativa a instrução acerca dos processos formativos concernentes a pesquisa histórica. O caminho trilhado pela maioria dos formados pelos cursos de História até a década de 1970 foi para a docência, já que nesse período os programas de pós-graduação estão em sua fase embrionária. Essa foi uma das razões pelas quais o percurso de Ciro Cardoso se desenvolveu, inicialmente, no exterior.

³³ AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História... *Op. cit.*, p. 161.

A profissionalização do ofício de historiador, diferente ao de professor, até então se condensava a poucos indivíduos que, ou partiam para o exterior ou doutorava-se na Universidade de São Paulo.³⁴ A Universidade de São Paulo, até a década de 1960, era a única instituição que tinha um curso de doutorado em História no Brasil.³⁵ Cecília Westphalen, ao fazer um levantamento dos programas de pós-graduação em História em 1976, assinala que naquele período somente a Universidade de São Paulo detinha um curso de doutorado. Sendo a maioria dos novos programas, pós Reforma do Ensino Superior, de formação em mestrado. Esses elementos evidenciam que existiu um problema nacional frente a formação de pesquisadores no campo da historiografia brasileira. Conforme a mesma expressa,

é preciso lembrar também que a institucionalização do Programa de Pós-Graduação em História visualiza não apenas uma clientela originária destinada ao magistério superior, mas sobretudo a capacitação técnica e científica dos que irão construir a historiografia brasileira.³⁶

A pontuação de Westphalen relativa à falta de um sistema organizado que visasse formar pesquisadores precisava ser alterada. A questão frente a formação de historiadores pesquisadores era configurada como prioritária, ao passo que os cursos até então objetivavam apenas a formação de professores. Outro ponto a ser constatado se configura na preocupação acerca das questões teóricas e metodológicas presentes até então. Ponderar a falta de diversidade teórica dentro dos cursos de história nas décadas de 1950 e 1960 torna-se um elemento constitutivo dessa análise.

³⁴ PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. **Uma introdução à História da Historiografia brasileira (1870-1970)**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2018, p. 155 *et seq.*

³⁵ Cf. OHARA, João Rodolfo Munhoz (org.). **Catálogo Histórico de Teses e Dissertações da Área de História**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/programas/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

³⁶ Segundo o levantamento realizado pela historiadora, dentro das universidades federais tínhamos curso de mestrado na Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal de Pernambuco. Dois cursos de mestrado em instituições privadas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Somente a Universidade de São Paulo detinha um curso de mestrado entre as universidades estaduais. WESTPHALEN, Cecília Maria. A situação da Pós-Graduação em História. **Revista de História**, São Paulo, v. 55, n. 110, p. 415, 1977.

Por conseguinte, a segunda razão que fundamenta essa transformação foi a tradução de obras voltadas para problemas de cunho teóricos e metodológicos (o segundo em especial). Conforme aponta Mateus Pereira, Thiago Nicodemo e Pedro Santos, a preocupação com elementos formativos na área de pesquisa só foi elencada enquanto problema, de forma sistemática, por José Honório Rodrigues a partir de 1949 com a publicação de *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*.³⁷ Em seu livro, Rodrigues destaca a importância da formação científica do historiador (a), necessitando principalmente da metodologia no empreendimento de pesquisas na área. Andre de Lemos Freixo afirma que a intenção de Rodrigues com seu “manual introdutório” foi de

sistematizar o que considerava as etapas e os cuidados para se produzir um texto de história que pudesse ser conhecido e reconhecido como plenamente científico, profissional e especializado, enfim: moderno.³⁸

A proposta de sistematizar uma disciplina de teoria de história, que visasse a formação de novos historiadores pesquisadores não foi efetivada naquele período. O campo acadêmico historiográfico brasileiro até esse momento é formado em sua maioria por professores tradicionalistas.³⁹ Os quais mantinham uma concepção de História atrelada à visão dos franceses metódicos do século XIX. Pensar em disciplinas que priorizavam questões teóricas e epistemológicas não faziam grade dentro dos cursos de História. Francisco Falcon, professor e amigo de Ciro Cardoso, comenta acerca de sua experiência

³⁷ PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. **Uma introdução à História da Historiografia brasileira (1870-1970)**... *Op. cit.*, p. 139; 141 *et seq.*

³⁸ FREIXO, Andre de Lemos. José Honório Rodrigues (1913-1987). *In*: RODRIGUES, Henrique Estrada; PARADA, Maurício (org.). **Os Historiadores: clássicos da história do Brasil**. Dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. V. 4. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/ PUC, 2018, p. 368.

³⁹ Conforme argumenta alguns historiadores, os professores tradicionalistas (ou empiristas) dominavam os cursos de História, o que viria a mudar a partir dos anos de 1950 e 1960, com a criação de novos cursos de História em razão da Reforma Universitária ocorrida na década de 1960 e 1970. GONTIJO, Rebeca. Revisão e prospecção da historiografia no Brasil nos anos 1970. *In*: NASCIMENTO, Bruno César; BENTIVOGLIO, Julio. **Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX**. Serra: Milfontes, 2017, p. 107; 118; LIBLIK, Carmem Silva da Fonseca Kummer. Trajetória de Maria Yedda Linhares: notas sobre a construção de um devir. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 22, p. 116-133, 2016.

nesse contexto, no qual afirma ter se habituado “à ideia de um curso voltado especificamente à formação de professores para o ensino ginasial e colegial. Não se colocava então o problema da pesquisa, nem tampouco o de um nível de estudos pós-graduados”.⁴⁰

Os professores, em sua maioria, buscavam uma pesquisa fundamentada em fontes oficiais, escritas, composta por uma narrativa cronológica e descritiva dos fatos, fenômenos e indivíduos que movimentavam a História. Marieta de Moraes aponta que

a institucionalização do curso de história na FNFi foi fortemente influenciada pela concepção de uma história política, dominante na época, destinada a reforçar os laços da identidade brasileira por meio da ênfase na unidade nacional e no papel dos grandes heróis como construtores da nação.⁴¹

A constituição de grupos de pesquisa e estudos entre discentes e docentes eram exceções. O ofício historiográfico era à época uma labuta solitária e marcado pelo individualismo e disputas acirradas.⁴² A condição do historiador pesquisador até então está calcada no ofício de gabinete. Como atesta Freixo:

cabe lembrar que em fins da década de 1930, quando José Honório iniciou sua produção historiográfica, a escrita de textos históricos era labuta de intelectuais sem o tipo de formação profissional e especializada que países como os Estados Unidos ou mesmo a França e a Alemanha conheciam. Os primeiros cursos universitários de História do Brasil datam de 1934, na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) e 1935, na Universidade do Distrito Federal (UDF). Porém, somente em 1939, já durante o Estado Novo, que se inaugurou na Faculdade Nacional de Filosofia, da recente inaugurada Universidade do Brasil, um Curso de Geografia e História que serviu de modelo para os demais cursos no Brasil. Mesmo assim, estavam muito longe de

⁴⁰ FALCON, Francisco C. O programa de pós-graduação em História Social da IFCS/UFRJ. **Topoi**, v. 13, n. 25, p. 7, 2012.

⁴¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História: da Universidade do Brasil à UFRJ. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 32, 2014.

⁴² FREIXO, Andre de Lemos. José Honório Rodrigues... *Op. cit.*, p. 371.

oferecerem um curso que estimulasse maiores reflexões intelectuais ou mesmo pesquisas acadêmicas.⁴³

A possível fissura que o questionamento proposto por José Honório Rodrigues gerou no campo acadêmico e nos congressos relativos à falta de embasamento metodológico acaba demandando novas perspectivas de como produzir pesquisas historiográficas.⁴⁴ Elenco, portanto, que nesse momento duas correntes historiográficas, que em certa medida se confluíam e passaram a impactar no quadro teórico e metodológico no Brasil. A chegada da segunda geração dos *Annales* e as propostas de novas expressões do materialismo histórico no Brasil, informadas, sobretudo, por Luckács e Gramsci.

A influência do movimento dos *Annales* já estava presente em boa parte dos historiadores que realizaram seus doutoramentos na França, principalmente aqueles que assumiram as cátedras de História da Universidade de São Paulo. Porém, em razão da difusão exponencial do *Annales* causada pela gestão de Fernand Braudel (1956-1968) e sua dominação do campo francês possibilitou a história problema adentrar outros territórios fora do espaço europeu. A América Latina, fortemente marcada pela influência da historiografia francesa, não deixou de seguir o modelo proposto pelo dominante paradigma citado. Essa profusão é rememorada por Raquel Glezer ao descrever a situação do curso de História da Universidade de São Paulo em sua graduação na década de 1960.

No processo de formação na graduação as leituras obrigatórias incluíam as obras da que chamamos hoje de escola metódica, as dos autores franceses do que é denominado 'escola *Annales*', principalmente os da primeira geração e mais alguns autores ingleses e italianos. A objetividade histórica – horizonte dos historiadores metódicos era questionada e a proposta de produzir conhecimento histórico era reconhecidamente limitada pelas

⁴³ FREIXO, Andre de Lemos. José Honório Rodrigues... *Op. cit.*, p. 363

⁴⁴ Cf. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. **Uma introdução à História da Historiografia brasileira (1870-1970)**... *Op. cit.*

condições sócio-econômicas-culturais no momento da produção, introduzida por um marxismo difuso.⁴⁵

Os anos das décadas de 1960 e 1970 foram marcados pelo confronto entre a história problema e o tradicionalismo histórico. As publicações de obras inéditas francesas e a contratação de novos professores (as) nas universidades brasileiras possibilitou o crescimento da influência do *Annales*. A história marcada pela longa duração, envolta nos quadros econômicos, que buscava solucionar problemas e não narrar os fatos crescia nos temas de pesquisa, grupos de estudo e em disciplinas com professores recém contratados na década de 1950.

Além da influência francesa que marcou intrinsecamente os historiadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, também ocorreu o apogeu do marxismo no ensino superior desses centros. As universidades, utilizando como exemplo a Universidade de São Paulo e a Universidade do Brasil⁴⁶, tiveram grande influência tanto de grupos de estudos como de militância estudantil marxistas. Conforme aponta Lidiane Soares Rodrigues, no caso da USP temos a criação do grupo de estudos, o Seminário Marx (criado em 1954), coordenado pelo filósofo José Arthur Giannotti para debater *O capital* de Karl Marx.⁴⁷ Já no Rio de Janeiro temos o movimento estudantil com um marxismo mais quente, conforme identificado por Lidiane Rodrigues, “o inverso do cenário paulista é notável, tanto no plano das disciplinas acadêmicas, quanto no âmbito marxismo”.⁴⁸ Portanto,

⁴⁵ GLEZER, Raquel. Do todo ao fragmento: um breve olhar sobre a pesquisa histórica no Brasil. In: NASCIMENTO, Bruno Cesar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Escrever História**: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. Serra: Editora Milfontes, 2017, p. 123-124.

⁴⁶ Conforme Marieta de Moraes afirma ao traçar a história das universidades no Rio de Janeiro, a Universidade do Brasil foi uma das primeiras universidades do Brasil. Tendo sido fundada em 1939 como uma universidade estadual, na qual teve incorporada vários cursos da então extinta Universidade do Distrito Federal. E, foi um importante centro de formação intelectual nas primeiras décadas do século XX. Sendo um dos primeiros cursos de História do país. Contudo, devido a reforma do ensino superior na década de 1960 e ao longo de 1970, teve seu *status* federalizado, passando a ser denominada como Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História: da Universidade do Brasil à UFRJ... *Op. cit.*

⁴⁷ Esse grupo, formado por historiadores, cientistas sociais, filósofos e economistas tinha reunido nomes como Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e Fernando Novais. RODRIGUES, Lidiane Soares. Ser marxista no Brasil. In: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco (org.). **Instelectuais e Marxismo no Mundo Lusófono**. Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2019, p. 167.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 176.

movimentava não só debates acadêmicos, mas uma ação contra professores tradicionalistas que defendiam uma história oficial em detrimento de uma historiografia crítica. Essa relação pode ser constatada na trajetória de Ciro Cardoso ao longo de sua participação no movimento estudantil durante sua graduação na Universidade do Brasil [UB]. Francisco Falcon destaca a ação desses movimentos na UB ao afirmar que:

Professores e estudantes de história também se mobilizaram. Os estudantes de cursos de graduação em história de algumas universidades do Sudeste criaram Centros de Estudos de História e reuniram-se em vários congressos, com o objetivo de discutir o ensino de história então dominante em seus métodos e orientação teórico-metodológicas. Nesse panorama de mobilização e reivindicações, [...]. As principais reivindicações de então eram a atualização curricular, a modernização de métodos docentes, a atualização bibliográfica com a inclusão de autores nacionais e estrangeiros de campos teóricos variados ou mais de acordo com as novas tendências historiográficas vindas principalmente da França.⁴⁹

Essas relações de disputas institucionais, seja por uma concepção política ou epistemológica, configuraram o momento de boa parte da geração de historiadores formados entre os anos de 1950 a 1970. As produções de discursos no intuito de deslegitimar o adversário se faz presente nas memórias daqueles que cursaram a graduação nesse contexto. Seja no embate político acerca de concepções teóricas, quer no questionamento de posições de poder ocupadas por professores catedráticos considerados defasados. Gontijo salienta essa tensão desde as missões francesas realizadas na Universidade de São Paulo:

A vinda de professores estrangeiros para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo é vista como exemplo benéfico, no entanto, isolado, pois a presença de professores recrutados entre os membros dos institutos históricos e das academias de letras, em suas palavras, 'despreparados' e

⁴⁹ FALCON, Francisco José Calazans. O Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ... *Op. cit.*, p. 12.

‘portadores de uma orientação superada’, somada ao sistema de cátedras, contribuiu para o ‘marasmo’ e a “ausência de pesquisa”, resultando em uma ‘produção fragmentária’.⁵⁰

Francisco Calazans Falcon concisa esse momento ao descrever sobre a disciplina e a formação da identidade do historiador no Brasil. Para ele,

uma parte dos anos 1950 e ao longo da década de 60, *tradição* e *inovação* constituem os pólos da prática historiadora. Do lado da *renovação* estavam o prestígio cada dia maior da Escola dos Anais e a influência da perspectiva teórica marxista, numa espécie de simbiose onde se acoplavam as citações de textos de M. Bloch, L. Febvre e F. Braudel às de Marx e Engels e seus Epígonos. A tradição porém, continuou solidamente implantada em termos institucionais e, salvo raras exceções, era quem ditava currículos e leituras na esfera da graduação em História.⁵¹

A Universidade do Brasil pode ser configurada na qualidade de exemplo para evidenciar esse tensionamento. Nos anos em que Ciro Cardoso frequentou os corredores do Faculdade Nacional de Filosofia, centro de concentração das Ciências Humanas da UB, ocorria uma renovação do quadro discente do curso de História. As duas professoras catedráticas mais novas do curso eram Maria Yedda Linhares (Catedrática de História Moderna e Contemporânea) e Eulália Lobo (Catedrática de História da América) adotavam uma perspectiva histórica mais recente, seguindo autores que pensavam a história de forma mais crítica e problematizada, como os Annales. Elas acabavam gerando conflito com os professores Helio Vianna (Catedrático de História do Brasil) e Eremildo Luiz Vianna (Catedrático de História Antiga e Medieval). Os dois professores, formados no início do processo de criação dos cursos de história, já haviam se tornado catedráticos no início dos anos 1940. Defendiam, portanto, um modelo de história tradicional, no qual importava ao historiador ser uma enciclopédia de datas, nomes e eventos. Contrariamente ao que professavam Yedda e Lobo,

⁵⁰ GONTIJO, Rebeca. Revisão e prospecção da historiografia no Brasil nos anos 1970... *Op. cit.*, p. 102.

⁵¹ FALCON, Francisco J. C. A Identidade do Historiador. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 9, 1996. Grifos do autor.

que visavam quebrar essas barreiras impostas pela tradicional forma de se ensinar.⁵²

Compreendo essas questões como disputas de poder no interior dos cursos de História que visavam à legitimação e preeminência de um modelo específico de História. Considero que esses embates instauraram elementos delimitadores e posteriormente punitivos dentro das instituições disputadas. Importante salientar a compreensão de Michel Foucault em como um determinado grupo pode se utilizar de elementos disciplinares no intuito de excluir o adversário na disputa pelo poder. Conforme afirma:

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Poder ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva.⁵³

Ao mesmo tempo em que a transformação disciplinar estava sendo pautada e constituída em uma memória acerca desse movimento, ocorreu o apagamento relativo à produção de fato desses autores considerados tradicionais. A mudança não se fez sem a criação de um elemento taxativo frente aqueles que atuaram no ensino superior nesse contexto. Saliento ainda que, por mais que faça a construção em um sentido dual em disputa, essas relações foram realizadas em perspectivas mais amplas, visto que, havia uma variedade de docentes que buscavam inovar para além da querela destacada. O período da Ditadura Militar foi um desses momentos em que havia professores que

⁵² Cf. PEREIRA, Ludmila Gama. **O historiador e o agente da história**: os embates políticos travados no curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

⁵³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**... *Op. cit.*, p. 36.

buscavam fugir de disputas mais acirradas, notadamente em razão dos órgãos punitivos criados à época.

As universidades, especialmente o curso de História, passavam por transformações disciplinares e disputas curriculares no contexto em que foi deflagrado o Golpe Militar de 1964, período em que Ciro Cardoso cursava a graduação. Em razão do estado de exceção que o Brasil viveu, o governo perseguiu diversos intelectuais e professores acadêmicos, afastando professores de suas funções. A Universidade do Brasil, especialmente, passou por grande controle do Estado. Marieta de Moraes Ferreira afirma que o movimento estudantil tinha ligações com o Partido Comunista, o que mobilizava diretamente os estudantes a combater posições conservadoras dentro do curso, mas também, principalmente, ligadas aos livros didáticos.⁵⁴

A chegada, de fato, dessas duas correntes na academia não foi aceita sem conflito. Professores empiristas foram contra a aceitação dessas novas abordagens que visavam o social, a crítica e o questionamento do padrão utilizado até então. Ademais, um dos mais conhecidos professores que visavam barrar a entrada de novas perspectivas que fossem contrárias as proposições mais tradicionais foi Eremildo Luiz Vianna, professor de História Antiga e Medieval da Universidade do Brasil. Ele foi um dos professores que se utilizaram do estado de exceção instaurado em 1964 com o intuito de perseguir e delatar intelectuais considerados “subversivos”. Foi responsável pela aposentadoria de professores e atuou ativamente contra estudantes dentro da Universidade do Brasil.⁵⁵ Portanto, ainda que os dois paradigmas citados anteriormente tenham sido consagrados na década de 1980, não o foram sem muitos obstáculos e conflitos. Pode se observar essa perseguição de modo prático ao destacar

⁵⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História... *Op. cit.*, p. 33.

⁵⁵ Conforme afirma Marieta de Moraes, ao criar um discurso de que existia professores e alunos comunistas dentro do curso de História, que visavam atos contra o governo, Eremildo conseguiu manipular a máquina do Estado para perseguir e punir aqueles que representavam ameaça a sua dominação no curso. “Esse retrato da trajetória de Eremildo, produzido pelos órgãos de segurança, nos indica os recursos de poder e o cacife que adquiriu para retornar à universidade como o ‘novo senhor’ do curso de história e do IFCS da UFRJ”. *Ibidem*, p. 35.

alguns os professores exonerados pela ditadura dentro da própria UB como Maria Yedda Linhares, Eulália Maria Lahamayer Lobo, Darcy Ribeiro e outros.⁵⁶

Correlacionar as disputas dentro do campo entre os intelectuais que dominam, ou que utilizam de aparatos discursivos para deslegitimar novos paradigmas possibilita entender esse momento. Conforme elencado anteriormente, seguindo Michel Foucault, o processo de disciplinarização dos discursos tem o sentido de limitar atores externos ou minoritários de ganhar preponderância e poder dentro da instituição. Portanto, a figura de Eremildo e sua ação discursiva de caçar seus opositores não foge a essa análise. O discurso pode se tornar uma ferramenta que perpassa o descrédito, chegando a representar um poder de exclusão. Conforme Foucault,

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância [...]. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são regiões da sexualidade e as da política [...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”.⁵⁷

Esses paradigmas, que disputavam espaço nas universidades brasileiras, conseguiram se impor. Dominantes entre a década de 1980 até meados da primeira década de 2000, viram florescer sua inserção após a criação dos programas de pós-graduação na reforma acadêmica que ocorreu durante o período militar. Os programas que ficavam localizados principalmente no sudeste e sul são difundidos no Brasil, gerando novas áreas de pesquisa e

⁵⁶ A lista de alunos e professores que foram expulsos e perseguidos pode ser observada no trabalho de Andréa Cristina de Barros Queiroz. A historiadora detalha como que o processo repressivo atuou na UB e as consequências para aquele que os sofreram. Cf. QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. A memória institucional e os impactos da repressão na URFJ (1964-1985). **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**, Rio de Janeiro, 23 a 27 jul. 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709_ARQUIVO_TextoANPUH-RIO-AndreaQueiroz.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso...** Op. cit., p. 9 et. seq. Grifos do autor.

possibilitando outras correntes teóricas que não seguissem os modelos dos *Annales* ou os métodos econômicos oriundos do materialismo histórico. Valdei Lopes de Araujo rememora que, “ao longo dos anos de 1990 não era raro ouvir entre jovens historiadores de vocação teórica a queixa em torno de certo monopólio da tradição francesa na historiografia brasileira”.⁵⁸

Essa inserção da historiografia francesa nos cursos de história, e principalmente nos programas de pós-graduação denotam essa estabilização da chamada história problema no Brasil já nos anos de 1990. Outro elemento, conforme exposto anteriormente, foi a descentralização do círculo que São Paulo exercia no cenário acadêmico nacional.

A hegemônica influência que a Universidade de São Paulo exercia sobre os outros estados foi deixando de ser preponderante.⁵⁹ A abertura de novos programas possibilitou a criação de novos periódicos acadêmicos. A capilaridade de novas abordagens e métodos, de autores estrangeiros não somente oriundos do paradigma francês atingiu um volume de publicações nunca observado anteriormente. Um exemplo acerca dessa propagação pode ser comprovado pelas universidades do Rio de Janeiro, como a Universidade Federal Fluminense, a Fundação Getúlio Vargas, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além dos periódicos, que ganham preponderância dentro do campo, no sentido de disputa. A revista *Estudos Históricos* é um desses exemplos que são criados e se pautam na propagação do novo, do emergente, do conflitante. Contudo, necessário ressaltar que por mais que novas possibilidades de pesquisa chegassem ao Brasil e ao sistema de ensino universitário, a hegemonia francesa ainda era intensa no campo historiográfico brasileiro.

⁵⁸ ARAUJO, Valdei Lopes. A história dos conceitos e história da historiografia... *Op. cit.*, p. 37.

⁵⁹ Conforme aponta Bruno Cesar Nascimento, a Universidade de São Paulo era a responsável por “exportar” professores de História para os outros estados, principalmente do sudeste e sul. Contudo, com a abertura de novos programas na década de 1980 esse quadro foi deixando de ocorrer. NASCIMENTO, Bruno Cesar. **Revista de História: trajetórias historiográficas na Universidade de São Paulo**. Serra: Milfontes, 2018, p. 105 *et seq.*

Um intelectual em formação: entre a instituição e a “revolução”

Oriundo de uma família de classe média, Cardoso desde a infância teve uma base de aprendizado disciplinada, culta, possibilitando contato com o marxismo, corrente de pensamento fortemente marginalizada nos anos de 1950, que lhe acompanhou por toda a vida. O pai, Berthelot Menezes Cardoso foi um funcionário público e integrante do Partido Comunista Brasileiro. Sua mãe, Doraci Oliveira Santana Cardoso foi professora e bibliotecária, aspectos que acabaram lhe possibilitando uma infância privilegiada. Ciro Cardoso afirma que sua infância foi muito disciplinada, já que “sempre tivemos incentivos ao estudo e à formação cultural. Em casa sempre houve uma boa biblioteca e meus pais nos davam livros que achavam importantes sobre arte, literatura, coleções infantis”.⁶⁰

A base literária e o contato com estudos históricos desde a infância, além do marxismo aprendido com o pai, fundamentou a vida intelectual de Cardoso. Segundo o historiador, a intenção de cursar História estava definida em sua vida desde os 13, contudo, seu pai desaprovava. Cardoso afirma que “essa decisão precoce me fez brigar com meu pai até os 18, 19 anos, até ele me dar consentimento para prestar vestibular para História, pois ele queria que eu estudasse Medicina”. Em razão dessa criação voltada para os estudos, Ciro Cardoso dominava bem o inglês, francês e latim, o que somado aos outros fatores acima demonstrados veio a melhorar seu desempenho na universidade em dois sentidos: o interesse pela pesquisa e a militância estudantil.⁶¹

Tendo ingressado no Curso de História da então Universidade do Brasil em 1962, se envolveu com o Centro de Estudos de História, definido como “extremamente politizado” por Cardoso. Foi reconhecido como um estudante ativamente ligado a militância política dentro do curso, chegando até a coordenar o mesmo centro, mesmo que nunca tenha se filiado ao Partido Comunista. Héctor Pérez Brignoli afirma essa relação entre militância e formação acadêmica, “participando também ativamente na publicação do *Boletim de História* do

⁶⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. In.: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** Op. cit., p. 212.

⁶¹ *Ibidem*.

referido centro; aliás, e só assinados com as suas iniciais, foi nesse boletim informativo que surgiram as suas primeiras publicações”.⁶² Contudo, como salienta Brignoli ao pesar a importância da ação política para Cardoso, relembra como que “o golpe de 1964 interrompeu abruptamente essas atividades, embora Cardoso posteriormente tenha confessado que já começava a perceber seu desinteresse e talento para a militância política ativa”.⁶³ Ou seja, Cardoso se configurava mais enquanto um intelectual marxista acadêmico do que um militante fervoroso, característico da concepção de marxismo quente posta por Lidiane Ribeiro.⁶⁴ Entretanto, conforme o mesmo afirma, “formulemos a coisa assim: sempre apreciei o combate, a polêmica”.⁶⁵

A disposição de Ciro Cardoso ao embate foi um dos elementos que marcou de sua trajetória durante a graduação, principalmente pela relação e discordância que tinha frente a alguns professores do curso.⁶⁶ Cito, principalmente no caso do já mencionado Eremildo Luiz Vianna. Por ser o professor que lecionava a disciplina de História Antiga, seu maior interesse acadêmico, Cardoso é categórico ao descrever a sua percepção do docente:

Eu sempre gostara mais de História Antiga, mas o catedrático de Antiga e Medieval era o *maior dedo-duro do Rio de Janeiro*, o professor Eremildo Luiz Vianna. Foi ele, dizem, quem fez a lista de professores a serem cassados pelo AI-5 no Rio e incluiu dona Yedda. Portanto, *em História Antiga seria impossível*.⁶⁷

Em razão dessa impossibilidade acadêmica acerca da História Antiga, Ciro Flamarion Cardoso começa a ser orientado pela Professora Maria Yedda

⁶² No original: “*participando también activamente en la publicación del Boletim de História de dicho centro; de hecho, y sólo firmadas con sus iniciales, fie em ese boletín que aparecieron sus primeras publicaciones*”. BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Itinerarios de Ciro Flamarion Cardoso: un elogio de la sinceridade académica*. In: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história: professor Ciro Flamarion Cardoso**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012, p. 44.

⁶³ No original: “*El golpe de 1964 puso abrupto fin a estas actividades aunque Ciro ha confesado después que ya antes había comenzado a percibir su falta de interés y talento para la militancia política activa*”. *Ibidem*.

⁶⁴ Cf. RODRIGUES, Lidiane Soares. Ser marxista no Brasil... *Op. cit.*

⁶⁵ MORAES, Jose Geraldo Vince de; REGO, José Marcio (org.). **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 229.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 214.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 215. Grifos meus.

Linhares. Reconhecida, dentro da Universidade do Brasil, como uma professora politicamente engajada no curso de História. Yedda era especialista em História Contemporânea, o que permitiu Ciro Cardoso seguir uma carreira acadêmica na área de História Moderna durante sua graduação.

Dentro do quadro de renovação dos professores ingressos nos anos de 1950, Yedda Linhares foi uma das mais respeitadas historiadoras que formaram aquele quadro. Conforme apresenta Carmem Liblik, “Maria Yedda destacou-se não somente como professora e pesquisadora, mas também pelo comprometimento com os embates políticos e ideológicos da época”.⁶⁸ Ao assumir a cátedra de Moderna e Contemporânea, Yedda lecionada de forma distinta aos professores tradicionalistas. Marieta de Moraes afirma que

a cadeira de história moderna e contemporânea passou a privilegiar o estudo de períodos mais recentes, com temas sobre história da África, descolonização, as revoluções comunistas, e a funcionar como um espaço de debate e crítica, o que não era comum nas outras cadeiras do curso.⁶⁹

Essa nova perspectiva histórica, no ambiente da Universidade do Brasil, utilizada por Yedda perpassava as salas de aula. Além de dirigir a Rádio MEC⁷⁰, a professora formou um grupo de estudos com alguns alunos e jovens pesquisadores, dentre eles Ciro Flamarion Cardoso e Francisco Falcon.⁷¹ Portanto, Cardoso além de acompanhar sua orientadora na graduação, começou a desenvolver sua rede de sociabilidade por intermédio da mesma.

Sua orientação à cargo de Maria Yedda o levou ao encontro do paradigma de pesquisa dos *Annales*, “fato, naquela época, encarado como uma

⁶⁸ LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. Trajetória de Maria Yedda Linhares... *Op. cit.*, p. 125.

⁶⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História... *Op. cit.*, p. 33.

⁷⁰ LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. Trajetória de Maria Yedda Linhares... *Op. cit.*, p. 122.

⁷¹ Maria Yedda Linhares foi uma das historiadoras formada na “primeira geração de historiadores brasileiros” e uma das primeiras mulheres a assumir uma cátedra no Brasil. Para saber mais sobre a vida e obra da historiadora ver: *Ibidem*; FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História... *Op. cit.*

novidade”.⁷² Todavia, ao final de sua graduação, concluída em 1965, Cardoso observou que se profissionalizar e seguir uma carreira acadêmica no Brasil seria um desafio. Um ano antes de se formar ocorreu no país o Golpe Militar de 1964. Por ser um marxista, ligado ao Centro Estudos de História da Universidade do Brasil e ter sido eleito em 1965 como representante nacional desses centros que tinha em outras universidades, vaga que nunca veio a assumir,⁷³ se encontrou impossibilitado de continuar os estudos no Brasil. Isso ocorreu, em certa medida, por dois motivos: a falta de pós-graduações no Rio e o estado de exceção vigente. Como afirma Almir Chaiban El-Khareh, amigo e companheiro de graduação,

como evitar coisa mais desagradável do que o Golpe de 64? Com ele vieram a censura e as perseguições políticas, e o Ciro, por volta de 1967, já engajado na Nacional como professor de História Moderna e Contemporânea, aproveitou para se auto-exilar na França, onde foi fazer seu doutorado. Acho bom lembrar que, nessa época, o único doutorado existente no Brasil em ciências humanas era o da USP.⁷⁴

O primeiro se constituiu em razão da impossibilidade de fazer uma pós-graduação fora de São Paulo, já que era o único estado que possuía cursos de pós-graduação. Essa impossibilidade encorajou Ciro Cardoso a seguir a recomendação de Maria Yedda para se doutorar na França sob a orientação de Fernand Braudel. Historiador francês reconhecido por ter liderado a “segunda geração” dos *Annales* e herdar a revista de história *Annales d’Histoire Sociale*,⁷⁵ fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. A outra razão se fundamenta no receio da Ditadura Militar, porém, essa questão segue entre um aspecto memorialístico

⁷² CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 214.

⁷³ *Ibidem.*

⁷⁴ EL-KHAREH, Almir Chaiban. Cavucando no passado. *In.*: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história:** professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012, p. 27.

⁷⁵ Acerca da figura de Braudel, siga a descrição de Guy Bourdê e Hervé Martin segunda a qual “Desde a morte de Lucien Febvre em 1956, a escola dos *Annales* e a revista que é seu emblema adquiriram uma posição dominante na historiografia francesa. Até 1968, Fernand Braudel é seu guia incontestado, assumindo a maioria das responsabilidades”. BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas Históricas.** Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990, p. 137.

e contextual, sendo um elemento a ser ponderado em sua importância efetiva de sua saída do Brasil.

Ao terminar a graduação em 1965, existia uma atmosfera na Universidade do Brasil anunciando que o regime que era instaurado tornava-se cada vez mais recrudescido. Cardoso, por ser um intelectual ligado ao marxismo e conhecido por presidir grupos acadêmicos, possivelmente optou por seguir a indicação de Yedda contando com uma esperada perseguição de intelectuais contrários a ditadura. Ou seja, diferente de Almir e a percepção de um auto exílio realizado por Cardoso já em sua ida para a França, Francisco Falcon tem outra percepção. Ele indica que Cardoso estava mais preocupado com questões acadêmicas e delimitadoras em sua formação enquanto historiador e futuro doutorando do que em problemas políticos. Conforme Falcon rememora:

Quando recordamos aqueles anos agitados, antes e após 1964, temos sempre a imagem aparentemente tranquila de Ciro ao retomarmos as aulas após o golpe militar de 64. Vivíamos em meio a um autêntico caldeirão de incertezas e receios [...].

Para Ciro, a tarefa a cumprir consistia em preparar os cursos que devia lecionar e, ao mesmo tempo, pensar no futuro doutoramento.⁷⁶

Após todos os preparativos, como a delimitação de um projeto de doutorado propondo estudar a escravidão na Guiana Francesa, a obtenção da bolsa concedida pelo governo francês, a estadia na *Maison du Brésil* e a aceitação de um orientador, Cardoso iniciou em 1967 seu período no estrangeiro. Para Cardoso, esse momento vivenciado na França foi de vital importância em sua formação acadêmica. Saindo do Brasil indicado a ser orientado por Braudel, ao chegar à França acabou sendo recomendado a pedir orientação à Frédéric Mauro em virtude da ausência de Braudel.⁷⁷ Por mais que

⁷⁶ FALCON, Francisco José Calazans. Ciro Flamarion Santana Cardoso: uma memória em vários tempos. In: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012, p. 30.

⁷⁷ Episódio curioso em que Ciro Cardoso relembra como foi recebido pela secretária de Fernand Braudel e foi à revelia indicado a outro professor. Segundo Cardoso, “sua secretaria pessoal, madame Labrousse, que na sua ausência tinha certo poder, começou a me pressionar a para

tenha mudado de orientador, sua relação com a escola dos *Annales* somente se acentuou nesse período. Mauro era um professor ligado ao movimento dos *Annales* e um reconhecido marxista. Conforme Roberto Pereira Silva descreve,

Frédéric Mauro pode ser considerado um dos mais importantes historiadores franceses que se dedicaram aos estudos sobre Brasil, Portugal e América Latina. Aluno de Fernand Braudel e de Ernest Labrousse, sua obra, fortemente marcada pela história econômica e social dessa segunda geração da Escola dos *Annales*, ajudou a fortalecer o interesse pela história econômica do continente latino-americano em seu país de origem.⁷⁸

Frédéric atuou significativamente em conjunto com a historiografia brasileira nos anos de 1960 e 1970. Rebeca Gontijo ao analisar o I Seminário de Estudos Brasileiros (IEB) localiza as contribuições de Mauro. Gontijo chama atenção para os comentários realizados por Mauro ao texto *Roteiro suscito do desenvolvimento da historiografia brasileira*, de Alice Piffer Canabrava. O historiador francês observava uma divisão da historiografia brasileira até então entre o paradigma marxista (tendo como norte a obra de Nelson Werneck Sodrê) e o weberiano presente em José Honório Rodrigues.⁷⁹ Portanto, além de produzir acerca da história do Brasil, Mauro buscava acompanhar e contribuir com a expansão do campo da pesquisa histórica no país.

Sobre a orientação de Frédéric Mauro, Cardoso afirmou se encontrar em uma situação muito livre, em que sua tese dependia mais de si mesmo. Essa percepção é comentada por Francisco Falcon: “até onde pudemos depreender, seu orientador de tese, F. Mauro, não lhe criava maiores problemas, deixando-o bastante livre para desenvolver suas pesquisas e estudos e escrever a sua tese”.

mudar de orientador, dizendo que o professor Braudel não me orientaria sendo meu tema o que era. Quando ele retornou, soube que não era verdade, que ele queria me orientar, mas eu já havia acertado com o professor Frédéric Mauro. CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 216.

⁷⁸ SILVA, Roberto Pereira. Frédéric Mauro e a escola dos *Annales*: da história econômica à “ciência econômica do passado”. **História Econômica & História de Empresas**, v. 23, n. 1, p. 8, 2020.

⁷⁹ GONTIJO, Rebeca. Revisão e prospecção da historiografia no Brasil nos anos 1970... *Op. cit.*, p. 96.

Essa liberdade possibilitava um empreendimento em leituras e participação em debates e congressos voltados a teoria, principalmente a marxista.

Cardoso aponta que até seu doutorado, não teve contato com problemas teóricos ou epistemológicos de forma aprofundada. Contudo, essa área de estudos se tornou um de seus pontos de maior interesse, já que ao final do doutoramento, em 1971, começou a constatar alguns problemas teóricos e metodológicos.⁸⁰ Cito, em primeiro lugar, uma preocupação com a difusão didática de textos teóricos para alunos de graduação e pós-graduação na América. Como aponta Falcon, “é importante também assinalar a forte preocupação que tinham Cardoso e seus colegas com os problemas do ensino da História em termos de acesso dos estudantes aos textos teóricos fundamentais”.⁸¹

Outra preocupação que vai formando corpo ao longo da década de 1970 para Cardoso são as novas concepções de História que surgiram com a chamada *Nouvelle Histoire*, construída pela terceira geração dos *Annales* de Jacques Le Goff, Jacques Revel e Pierre Nora. Cardoso se preocupava com a abertura demasiada da metodologia em virtude de novos conceitos para o campo da História, principalmente questionando o elemento de fragmentação que a terceira geração proporcionou.

Para Ciro Cardoso, já não “mais existem os *Annales* de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel: isto é, os *Annales* pré-1969”.⁸² A renovação que ocorreu após Fernand Braudel ser substituído na revista dos *Annales* em 1969 significou o fim do legado de Bloch e Febvre para o autor. Essa percepção de Cardoso pode ser observada em outros historiadores que analisaram a historiografia francesa nesse contexto. Como posta por Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia:

⁸⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Emblemas...** Op. cit., p. 13.

⁸¹ FALCON, Francisco José Calazans. Ciro Flamarion Santana Cardoso: uma memória em vários tempos... *Op. cit.*, p. 33.

⁸² CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 216.

a organização interna da revista dos *Annales* sofre, nesse momento, uma mudança importante [...]. Os dirigentes da segunda geração, Fernand Braudel e Charles Moraze, embora permanecendo no comitê de direção, passam o poder a uma diretoria composta por André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel. A marginalização do discurso braudeliano é redobrada, portanto, pelo enfraquecimento de Braudel no plano do poder.⁸³

Elenco essa preocupação com a terceira geração em razão de sua nova postura frente elementos fundamentais da segunda geração. A concepção de história ciência concebida pelas categorias de longa duração, concepção de grupos ou o crédito na história econômica, são paulatinamente excluídos da nova geração. Como Dosse, Delacroix e Garcia afirmam, “o preço a pagar por essa reconversão é o abandono dos grandes espaços econômicos braudelianos”.⁸⁴ A história problema era voltada cada vez mais ao individual, ao questionamento do coletivo. Conforme Cardoso argumenta:

ocorre uma crítica com toda a razão o economicismo, uma preocupação exclusiva demais com grades estruturas meio-abstratas, não-encarnadas, e aí você cai no outro oposto: vamos estudar só o cultural entendido como representações, só os indivíduos, só os pequenos grupos.⁸⁵

Essa percepção que perpassa Flamarion não é distinta de outros historiadores. Guy Bourdè e Hervé Martin ressaltam que a chamada história nova não foi bem aceita por todos os historiadores, principalmente entre os marxistas. Contudo, durante a década de 1970 a nova geração ganhou algo que François Furet denominou, “não sem orgulho, [de] uma ‘hegemonia de reputação’”.⁸⁶ Portanto, por mais que a geração pós-1969 não fosse aceita por todos, ela ocupava espaços de poder que possibilitavam difundir suas concepções de renovação com maior eficácia.

⁸³ DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 263.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Cantareira**, Rio de Janeiro, a. 2, v. 1, n. 6, p. 5, 2005.

⁸⁶ BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas Históricas...** *Op. cit.*, p. 140.

Guilherme Moerbeck ao analisar a obra de Ciro Cardoso e sua relação com terceira geração dos *Annales* argumenta três pontos nodais da crítica de Cardoso: a) a quebra de continuidade entre uma concepção holística de história; b) o alargamento interpretativo entre determinação social e consciência histórica; c) e principal, a fragmentação do campo em temas e subtemas. Moerbeck afirma:

nota-se que não se tratava apenas de criticar a pulverização do conhecimento ou o surgimento de novas temáticas [...]. O que nosso autor parece querer apontar é que [...] o problema central da *Nouvelle histoire* era menos o que ela pesquisava, mas a forma como se pesquisava.⁸⁷

Essa relação crítica o acompanhou em toda sua carreira. Inúmeras são as vezes que Cardoso criticou os principais atores que herdaram o projeto de Bloch e Febvre. Contudo, por mais que Cardoso tecesse críticas a terceira geração, ele não recusou por inteiro as novas abordagens e métodos propostas então. Como afirma “que algumas das temáticas praticadas pela ‘Nova História’ são, em si, perfeitamente legítimas”, o problema estava na forma teórica e metodológica empregada para se chegar aos resultados.⁸⁸

Outro elemento a ser destacado durante a década de 1970, e que se torna fulcral em sua formação intelectual, foi o aconselhamento de Maria Yedda Linhares e outros colegas de não retornar para o Brasil ao término de seu doutorado. Após a partida de Ciro Cardoso para França em 1967 o regime foi agravado. Consta em documentação da Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar⁸⁹ como o regime via a figura de Cardoso e o correlacionava a figura de Yedda:

⁸⁷ MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaios Racionalistas aos seus Novos Domínios: História, razão e marxismo em Ciro Flamarion Cardoso. *In*: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco. **Intelectuais e Marxismo no Mundo Lusófono**. Rio de Janeiro/Recife: Autografia/EDUPE, 2019, p. 99.

⁸⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio Racionalistas**. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 110.

⁸⁹ Segundo o Arquivo Nacional “A Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar CGIPM foi instituída pelo Decreto-Lei n. 459, de 10 de fevereiro de 1969, tendo por embasamento a Exposição de Motivos n. 46-SG/CSN (Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, órgão vinculado à Presidência da República) A CGIPM foi criada por sugestão do Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional, estando vinculada à Presidência da República, e tendo como atribuição ‘cooperar para assegurar a tranquilidade do país no campo da Segurança Nacional’. COMISSÃO Geral de Inquérito Policial-Militar. **Arquivo Nacional – Dibrarq – Ministerio da Justiça e Segurança Pública**. Disponível em:

1. CIRO FLAMARION SANTANA CARDOSO, professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Católica de Petrópolis, foi apontado como um dos *chefes mais exaltados* durante as agitações, na Casa do Brasil em Paris, em maio de 1968.

2. Estava em Paris como bolsista do Governo Francês (01/10/67 a 30/06/68). Esta bolsa foi obtida por intermédio da Prof^a MARIA YEDDA LEITE LINHARES, *conhecida militante comunista*, nos meios estudantis.

3. O marginado é provavelmente um dos autores da apostila de história, *altamente marxista* usada no curso de economia do Curso Platão [...] onde seu nome aparece como CIRO F. CARDOSO.⁹⁰

Observa-se que para o regime, a figura de Ciro Cardoso representava mais um elemento subversivo, com vinculações a uma opositora do regime, o que em certa medida pode ser considerado um agravamento. Importante destacar que dentro do processo de perseguição pós-AI-5 Yedda é compulsoriamente aposentada, exilando-se a convite de Braudel, Mauro e Jacques Godechot na França durante os anos de 1969 a 1974. Carmem Liblik destaca que nessa “fase francesa” de Yedda “foi muito importante o convívio com Ciro Cardoso”,⁹¹ constituindo um significativo apoio para ambos no exterior, estreitando ainda mais a relação que tinham. Portanto, articular as relações de sociabilidade de Cardoso e Yedda possibilita compreender certos movimentos do autor. Cito sua ida em 1971 para Costa Rica, intermediada por seu amigo argentino Héctor Pérez Brignoli, após o fim de seu doutorado como um exemplo dos vários momentos de oportunidades que o historiador teve em sua trajetória intelectual.

Mapear essas relações rizomáticas, próximas e distantes, mas igualmente decisivas, de aproximação entre indivíduos em sua formação intelectual proporciona formar um entendimento em como que relações de poder são

<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/comissao-geral-de-inquerito-policial-militar>.

Acesso em: 02 fev. 2021.

⁹⁰ Cf. BRASIL. Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar. **Informe nº 003/69**. Brasília: CGIPM, 1969. Grifos meus.

⁹¹ LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. Trajetória de Maria Yedda Linhares... *Op. cit.*, p. 122.

constituídas. A formação de redes de sociabilidade entre os intelectuais brasileiros exprime esse fator de forma exemplar. No caso de Ciro Flamarion Cardoso, ao associar-se com Maria Yedda Linhares, Francisco Falcon e posteriormente com Héctor Pérez Brignoli tem-se a abertura de oportunidades de atuação acadêmica que não teria sem esses atores. Isto posto, ao estruturar a trajetória do autor pode-se desvelar conexões que tem a potência de produzir um sentido para as determinadas posições posteriormente conquistadas por Cardoso.

Expansão institucional: um historiador combatente

Os cinco anos em que Ciro Cardoso passou lecionando no Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Costa Rica, localizada na província de San Jose, marca a formalização de sua produção e institucionalização acadêmica na qualidade de professor universitário. Chamo a atenção para duas ações que o historiador tomou quando começou a delimitar seu percurso: a abertura de estudos em novos campos e a produção e publicação de textos teóricos/metodológicos. Conforme salienta Cardoso, um dos seus principais projetos realizados em Costa Rica foi a criação da revista *Estudios Sociales Centroamericanos* e a participação na comissão organizadora que preparou o plano para instaurar o primeiro programa de Pós-Graduação em História. Brignoli relembra as atividades desenvolvidas por Cardoso:

durante os cinco anos de sua permanência na Costa Rica, Ciro desenvolveu uma atividade muito intensa: conferências e cursos, incluindo um curso de História Antiga e um curso de semiótica, organização e participação em seminários internacionais, direção de teses e pesquisas sobre a história econômica de café na América Central e, é claro, uma ampla variedade de publicações.⁹²

⁹² No original: “Durante los cinco años de su estadía en Costa Rica Ciro desplegó una actividad intensísima: conferencias y cursos, incluyendo un curso de Historia Antigua y un curso de semiótica, organización y participación en seminarios internacionales, dirección de tesis e investigaciones sobre la historia económica del café en Centroamérica, y, por supuesto, una amplia gama de publicaciones”. BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Itinerarios de Ciro Flamarion Cardoso...* Op. cit., p. 47.

A experiência adquirida durante sua estadia em San José viabilizou a construção e reconhecimento na qualidade de um pesquisador e professor. Cardoso destaca que ter atuado durante cinco anos enquanto professor de História da América Contemporânea e ter organizado eventos internacionais o levou a tecer relações com outros intelectuais do meio latino americano. Dentro dessa nova rede de sociabilidade o autor destaca a figura de Enrique Florescano, chefe do Centro de Pesquisas Históricas do Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH), no México.⁹³ Por meio de Florescano, Cardoso começa a ganhar espaço no meio acadêmico latino-americano, acumulando um maior capital científico que viabilizou ser convidado para lecionar como professor visitante em universidades estrangeiras, ocupando assim lugares de prestígio dentro do campo. Brignoli novamente atesta essa chave de leitura, na qual diz:

A experiência mexicana de Ciro foi uma mudança notável, pois ele passou do paroquialismo da Costa Rica para a megalópole asteca. Trabalhou em uma instituição que contava com mais de 50 pesquisadores e foi o responsável pela coordenação de um seminário de história econômica e social.⁹⁴

Essa trajetória vivenciada por Cardoso produziu uma experiência institucional fundamental em sua carreira, elemento que estabeleceu sua atuação antes de voltar ao seu país. Portanto, por mais que a ditadura militar tenha prejudicado sua volta ao Brasil nos anos de 1970, Cardoso soube aproveitar esse momento no exterior para desenvolver uma experiência aprofundada sobre ensino e pesquisa. Conforme destaca Cardoso:

por intermédio dele [Enrique Florescano] comecei a freqüentar certos circuitos de História Econômica Latino-Americana. [...] Também dei alguns cursos de curta duração na sede da Flacso [Faculdade Latino-Americana de Ciência Sociais] no país. Entre a passagem da Costa Rica para o México, fui professor convidado no Saint Antony's College na Universidade de Oxford, na Inglaterra

⁹³ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. In.: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** Op. cit., p. 217.

⁹⁴ No original: *la experiencia mexicana de Ciro fue un cambio notable, al pasar del paroquialismo de Costa Rica a la megalópolis azteca. Trabajó en una institución que tenía más de 50 investigadores y tuvo a su cargo la coordinación de un seminario de historia económica y social.* BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Itinerarios de Ciro Flamarion Cardoso...* Op. cit., p. 48.

[...]. Portanto, fiquei muito tempo fora do país: 12 anos, de outubro de 1967 até 1979, ano da anistia.⁹⁵

Assim como boa parte dos historiadores da primeira geração que ocuparam espaço dentro do campo após retornar de seus doutoramentos no exterior, Ciro Flamarion Cardoso não seguiu caminho oposto. Falcon afirma que mais de uma vez Cardoso voltou ao Brasil durante os anos de 1970, principalmente em razão de Yedda Linhares.⁹⁶ Já no final da década de 1970, enquanto lecionava na Universidade do México, Cardoso foi convidado por Aidyl de Carvalho Preis⁹⁷ a ser professor visitante do recente Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense.⁹⁸ Esse período de retorno ao Brasil e estabelecimento como professor de uma instituição de prestígio representou o início de seu projeto acadêmico no Brasil.

A atuação de Cardoso no Brasil se situou em três áreas de interesse, que ao longo do tempo foi se tornando mais ou menos intensiva.⁹⁹ A primeira, e que perdurou mais em seu início de carreira foi a História da Escravidão, constituída em razão de sua especialização em História da América. Seu percurso nas universidades da América Central e o início de atuação na UFF foi em razão dessa formação. Os seus estudos nessa temática foram publicados em artigos e livros, especialmente sua tese de doutorado a qual veio a ser premiado em

⁹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 217.

⁹⁶ FALCON, Francisco José Calazans. Ciro Flamarion Santana Cardoso: uma memória em vários tempos... *Op. cit.*, p. 35.

⁹⁷ “Além de ter sido estudante da UFF e hoje atuar como presidente da ASPI UFF (Associação de Professores Inativos), Aidyl marca presença na história da UFF também como acadêmica e gestora. Criou o curso de pós-graduação em História, foi diretora e presidente da EdUFF, diretora do Instituto Ciências Humanas em Filosofia, pró-reitora de extensão (PROEX), e também vice-reitora da universidade de 1982 a 1986, no mandato do professor Raymundo Martins Romêo”. Aidyl de Carvalho Preis. **Universidade Federal Fluminense**. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=aidyl-de-carvalho-preis>. Acesso em: 04 fev. 2021.

⁹⁸ Interessante notar que a vinda de Cardoso não foi algo certo. Conforme afirma o historiador, “de início fui contratado como professor visitante, [...] e trabalhava apenas na pós-graduação. No ano seguinte houve o chamado ‘Portelão’, que permitiu aos professores visitantes entrarem para o quadro sem concurso. [...] Eu só consegui fazer concurso para titular na Universidade em 1994. Antes de pedir tempo integral e dedicação exclusiva na UFF, fui professor horista na PUC-RJ até 1984”. Para além, seu período de atuação inicial no PPGH da UFF foi marcado por sua relação com Yedda Linhares. Portanto, o quadro relacional de atores voltava a se fechar. CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 223.

⁹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Emblemas...** *Op. cit.*, p. 12.

1999 pela Academia de Ciências do Ultramar de Paris.¹⁰⁰ Guilherme Moerback ao dizer sobre esse momento de sua trajetória afirma que

Ciro desenvolveu algumas das ideias mais importantes para os debates que atravessaram a historiografia brasileira a partir da década de 1980. Refiro-me, especialmente, à noção de modo de produção escravista colonial, bem como à ideia de brecha camponesa.¹⁰¹

A temática coma escravidão perdurou até 1992, porém, a partir dos anos de 1980 foi sendo intercalada com uma nova área de atuação. A História Antiga sempre foi desejo de atuação de Cardoso, portanto, quando teve a oportunidade de trabalhar com a nova temática ainda em sua vinda para o Brasil, não desperdiçou a chance. Como afirma Cardoso:

na época do 'Portelão', já tinha feito um movimento nessa direção e causei uma grande surpresa no departamento. Quando o professor entrava no quadro mediante aquela lei, tinha de escolher a área em que ia atuar, e eu escolhi História Antiga, quando todos imaginavam que escolheria América! [...] somente em 1980 pude criar vínculos institucionais para trabalhar com História Antiga, como já salientei, meu antigo desejo.¹⁰²

Dentro da área de Antiguidade desenvolveu projetos que buscavam estudar egiptologia, o que demandava uma constante procura por documentação e erudição na temática. Cardoso afirma que uma vez ao ano tinha de ir ao exterior buscar fontes para seus trabalhos. Esse aspecto denota que Ciro Cardoso, mesmo sabendo das dificuldades relacionadas ao trabalhar com

¹⁰⁰ A tese de Ciro Flamarion Cardoso, com o título *La Guyane française, 1715-1817: aspects économiques et sociaux : contribution à l'étude des sociétés esclavagistes d'Amérique* foi defendida em 1971, contudo, somente foi publicada em 1998. Portanto, essa foi a razão do prêmio somente ser concedido em 1999. Segundo o site da *Académie des Sciences d'Outre-Mer* o prêmio anual Robert Delavignette foi criado em 1987, sendo concedidos à autores que trabalham com as Américas ou as Antilhas, sendo somente 32 ganhadores até então, sendo Ciro Cardoso um deles. Cf. *Prix Robert Delavignette. Académie des Sciences d'Outre-Mer*, 2020. Disponível em: <http://www.academieoutremer.fr/historique-des-prix/prix-robert-delavignette/>. Acesso em: 04/02/2021.

¹⁰¹ MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaios Racionalistas aos seus Novos Domínios... *Op. cit.*, p. 79.

¹⁰² CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 226.

história antiga no Brasil, não abriu mão do desafio de seguir essa linha de pesquisa.

Importante salientar que dentro da historiografia brasileira Ciro Flamarion Cardoso foi o primeiro egiptólogo, e buscou expandir a quantidade de historiadores que poderiam atuar nessa temática. Cardoso empregava um esforço até na criação de uma disciplina de Língua Egípcia, já que seus orientandos tinham que ler os documentos no original.¹⁰³ Segundo Guilherme Moerbeck,

[Ciro Cardoso] inaugurou a área de História Antiga e Medieval em nível de pós-graduação, foi responsável pela formação de algumas gerações de historiadores e por uma inflexão qualitativa quanto aos métodos e rigor nos estudos da História.¹⁰⁴

Por último, Cardoso desenvolveu ao longo de sua carreira uma preocupação especial em relação à teoria e metodologia da História. Essa temática, por mais que nunca tenha ocupado espaço institucionalizado, como linhas de pesquisa ou orientação, esteve presente entre sua produção acerca de América e egiptologia. Destaco que desde seu momento na Costa Rica deteve uma preocupação com a produção relativa a debates de cunho teóricos e metodológicos. Cito como exemplo o livro *Los métodos de la Historia* lançado em 1979 com coautoria de Héctor Pérez Brignoli, denotando a importância que o autor atribuía a resolução acerca da escassez de textos teóricos na América Latina. Chamo atenção para o diagnóstico ao lembrar seu contato com teoria da história ao longo de sua formação:

Quanto à Teoria e Metodologia da História, meu pai, já falecido, era comunista [...] por sua influência, comecei a ler sobre o marxismo muito cedo, interessando-me intensamente por tal corrente teórica. Outrossim, constatei, durante meus estudos de Graduação em História na UFRJ [...] quão deficiente era a formação teórico-

¹⁰³ LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012, p. 15.

¹⁰⁴ MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaio Racionalistas aos seus Novos Domínios... *Op. cit.*, p. 79.

metodológica num Curso de História, naquela época, contextualizado, com pouquíssimas exceções, por total ausência de pesquisa histórica que gerasse conhecimentos novos.¹⁰⁵

Essa preocupação de Ciro Flamarion Cardoso com a produção de novos quadros teóricos se consolidou em uma série de livros que visavam auxiliar o estudante ou pesquisador a utilizar de métodos de pesquisa em Historiografia. Seja em espanhol com o *Introducción al trabajo de la Investigación Histórica: conocimiento, método e historia* ou em português com *Uma introdução a História*, ambos de 1981, constata-se uma tentativa de delimitar as bases teóricas para a formação de novos historiadores. A preocupação com elementos teóricos foi transfigurada no final da década de 1980. Com a consolidação da terceira geração dos *Annales*, a tradução de autores pós-estruturalistas e historiadores da chamada Nova História Cultural, a atenção de Cardoso foi deslocada dos textos de introdução a teoria e metodologia para uma análise e defesa da história ciência. Como explica Falcon,

desenvolveu-se uma outra linha de reflexões de caráter teórico e metodológico acerca da História e de sua escrita. [...] Em 1988, os *Ensaio Racionalistas* [...] representam as novas preocupações de Ciro – a fragmentação da escrita da História, o relativismo, as teses pós-modernas, o irracionalismo em franca expansão ao lado do ceticismo.¹⁰⁶

Ciro Flamarion Cardoso empreendeu desse momento em diante uma batalha frente ao que denominava paradigma “pós-moderno”. A defesa da História enquanto conhecimento capaz de explicar fenômenos se tornou um baluarte em sua produção. Em entrevista, Cardoso afirma que atuou em duas frentes teóricas, a primeira em defesa dos *Annales* e do marxismo e a segunda “contra duas tendências que considero reacionárias, o pós-modernismo e o ‘pensamento único’ (neoconservadorismo, neoliberalismo)”.¹⁰⁷ Ao descrever

¹⁰⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. Entrevista concedida a Cristiano Alencar Arrais. *Emblemas...* *Op. cit.*, p. 12 et. seq.

¹⁰⁶ FALCON, Francisco José Calazans. Ciro Flamarion Santana Cardoso: uma memória em vários tempos... *Op. cit.*, p. 35.

¹⁰⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. Entrevista concedida a Cristiano Alencar Arrais. *Emblemas.....* *Op. cit.*, p. 12 et. seq.

esses dois movimentos, o autor recorre como origem o ano de 1968. Segundo Cardoso, o pessimismo e o ceticismo crescente em 1968 originou um movimento duplo entre os intelectuais:

Uma, foi um pessimismo radical, diante das possibilidades, não só de mudar, mas até de explicar as sociedades humanas. Isso levou a um reforço do ceticismo, à revalorização de filosofias, como a de Nietzsche, por exemplo, como uma espécie de base muito geral que fundamenta a visão do social, e portanto uma posição fortemente cética, principalmente quanto às possibilidades de explicação globais de movimentos globais. [...] Então, esse ceticismo, que caracteriza a posição pós-moderna, foi uma das possibilidades. Muitos intelectuais que antes eram revolucionários, às vezes membros do partido comunista, às vezes não, mas de qualquer modo acreditavam na mudança, acreditavam em explicações holísticas, globais, do social, eles perderam a fé nisso e passaram a apostar em outras explicações, de esfera mais individualizada. [...] Agora, a outra posição, onde a gente também facilmente poderia dar exemplos [...]. chamado neoconservadorismo, que em economia, é ligado ao neoliberalismo, mas que tem também outros aspectos completamente políticos e ideológicos. [...] essa idéia onde o que os governos estão fazendo é o único que eles podem fazer, o neoliberalismo, diante da chamada globalização, é o único caminho possível, então, ai há uma posição que é todo o contrário da pós-moderna, que ela é afirmativa, que ela é hegemônica, que ela certeza, inclusive em nome dessa certeza que ela demoniza o inimigo.¹⁰⁸

Ao explicar as duas perspectivas como elementos que buscam deslegitimar o conhecimento histórico, enquanto saber científico, explicativo e holístico, Cardoso produz um discurso que visava barrar a propagação dessas concepções na historiografia brasileira. Cardoso, ao fomentar uma visão dualista, constituiu um movimento que buscava inviabilizar a recepção de propostas teóricas consideradas potencialmente perigosas para o estatuto da História no Brasil. Chamo atenção para a forma pela qual o autor se utiliza de

¹⁰⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Cantareira...** *Op. cit.*, p. 1 *et seq.*

elementos coercitivos ao aglutinar intelectuais das mais diversas perspectivas teóricas e filosóficas em termos como “pós-modernos”. Essa ação tem o sentido de gerar uma exclusão, não somente por uma perspectiva política, mas também pela reafirmação das bases fundacionais da história ciência. Contudo, o que se configuraria como pós-modernidade? Qual a razão de se utilizar desse termo para atacar historiadores que partem de premissas vindas do pós-estruturalismo e do *linguistic turn*? Para buscar um sentido a essas questões, parto para um esclarecimento acerca do conceito de pós-modernidade.

Pós-modernidade: um conceito repleto de sentidos

Para iniciar esta parte, acredito ser necessário expor os possíveis sentidos, ou chaves de leitura, para esse conceito que se denota como elemento fundamental na elucidação do problema proposto nessa dissertação: o pós-modernismo. Escrevo essa interseção na tentativa de atribuir um sentido possível para a forma que Cardoso utiliza o conceito, buscando enquadrar da melhor forma possível um sentido teórico que possibilite uma identificação entre a forma e o conteúdo utilizado pelo historiador.

Como dito anteriormente, por se tratar de um conceito polissêmico e ser utilizado de diversas maneiras, buscarei delimitar um sentido mais estabelecido que é atribuído a ele. Atento que a quantidade de obras que visam estabelecer uma interpretação acerca da pós-modernidade é vasta, portanto se fez necessário delimitar alguns autores.¹⁰⁹ Portanto, utilizo as formulações basilares de Jean-François Lyotard, Perry Anderson, Terry Eagleton e Alex Callinicos acerca do que se poderia chamar de um “paradigma pós-moderno”.

Como exprime Perry Anderson, a concepção de uma crítica à modernidade e a crença no signo da racionalidade pode ser encontrada desde o século XIX em autores como Nietzsche e Baudelaire, contudo, um sentido mais harmônico e delimitado foi se estabelecendo na primeira metade do século XX.

¹⁰⁹ Cf. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2008; JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo...** *Op. cit.*; BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Existem diversos termos que exprimem esse fenômeno: pós-modernismo (literatura), pós-moderno (arquitetura e arte), pós-moderna (filosofia), pós-modernidade (história). O termo se difere em especificidade a cada disciplina, mas todas utilizam as mais variadas formas para exprimir um mesmo sentido, ou seja, uma crítica ao projeto racional da modernidade. Há de se salientar que, por mais que as formulações possam ser analisadas temporalmente, em certo sentido elas ocorreram ao mesmo tempo, tendo um sentido mais característico somente nos anos 1980, marcado pelo debate que acontece ao mesmo tempo nas diversas áreas.¹¹⁰

Em seu livro, *As origens da pós-modernidade*, Anderson vai construindo todo o histórico que o termo tem desde sua proposta inicial. As formulações iniciais na Literatura e na Arte como uma resposta ao que seria uma literatura e arte modernista, passando pela Arquitetura com uma proposta que se recusava a utilizar o padrão estético moderno e como esses entroncamentos formulavam uma nova percepção na realidade. Os anos 1950 e 1960 são formulados como um momento em que o debate acerca do que se configura como pós-moderno ganha questões que buscam exprimir um sentido. Contudo, como afirma Perry Anderson, por mais que a concepção de uma pós-modernidade fosse exprimida por certos autores e artistas, não havia uma formulação teórica que abarcasse a noção conceitual do termo em si,

Nesse sentido, o recurso a um simples prefixo denotando o que vem depois é virtualmente inerente ao próprio conceito, cuja recorrência se poderia esperar de antemão sempre que se fizesse sentir a necessidade ocasional de um marcador de diferença temporal. O uso nesse sentido do termo 'pós-moderno' sempre foi de importância circunstancial. Mas o desenvolvimento teórico é outra coisa. A noção de pós-moderno só ganhou difusão mais ampla a partir dos anos [19]70.¹¹¹

Ao final dos anos de 1970 o filósofo Jean-François Lyotard, a pedido do governo do Canadá, publicou a primeira obra filosófica que busca conceitualizar o que seria esse fenômeno, ou estado que veio questionar o projeto moderno. A

¹¹⁰ Cf. ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 20.

objetivo de *A condição pós-moderna* está, nas palavras do autor, em identificar “a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chama-la de ‘pós-moderna’”.¹¹² Como Perry Anderson denota, vários autores tentaram aplicar um sentido ao termo, como Jürgen Habermas, por exemplo, porém a profusão alcançada por Lyotard foi fulcral na formulação de três elementos principais: a decretação da morte das metanarrativas, exposição da linguagem científica como elemento coercitivo e a compreensão da transformação do conhecimento como um tipo de mercadoria.

O primeiro elemento que chamo a atenção é a evidenciação da deslegitimação da ciência via metanarrativas, ou seja, “simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos”.¹¹³ Logo, os projetos modernos universalizantes como a razão iluminista, a dicotomia de classes e a idealização de um fim ético não teriam a capacidade de produzir sentido que viabilizasse a produção de um conhecimento científico, teleológico. Como Anderson afirma: “Com *A condição pós-moderna* Lyotard anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas”.¹¹⁴ A legitimidade dessas filosofias da história sofria críticas principalmente após os resultados da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Portanto, afirmava-se que existia um crepúsculo acerca da capacidade das metanarrativas de produzir sentido, e isso afetava de forma contundente o modo pelo qual se produzia e legitimava o conhecimento produzido pelas universidades, ou seja, a regras da produção de discursos.

Tem-se o segundo elemento, ou seja, a exposição e o questionamento da legitimação do conhecimento científico acadêmico por meio da linguagem técnica. Lyotard ao longo de seu livro vai expondo os jogos de linguagem que regulam a legitimação do que se é produzido na universidade, podemos citar os métodos, as referências, a aplicabilidade, a verificação empírica e pôr fim a legitimação dos pares. Características prescritivas que regulamentam o meio para se considerar um enunciado como *verdadeiro*, verossímil. Nas palavras do autor:

¹¹² LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. São Paulo: José Olympio, 2021, p. 17.

¹¹³ *Ibidem*, p. 18.

¹¹⁴ ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade...** *Op. cit.*, P. 39

Considere-se um enunciado científico; ele está submetido à regra: um enunciado deve apresentar determinado conjunto de condições para ser reconhecido como científico. Aqui, a legitimação é o processo pelo qual um 'legislador' ao tratar do discurso científico é autorizado a prescrever as condições estabelecidas (em geral, condições de consistência interna e de verificação experimental) para que um enunciado faça parte deste discurso e possa ser levado em consideração pela comunidade científica.¹¹⁵

A legitimação de um discurso que pretende ser científico passa inexoravelmente pela legitimação dos pares. Lyotard expõe que a fundamentação de qualquer trabalho só é considerada cientificamente verdadeira quando o autor tem a aceitação dos pares para que seu discurso seja aceito dentro das camadas coercitivas de controle discursivo, pois, "todo consenso não é indicativo de verdade; mas supõe-se que a verdade de um enunciado não pode deixar de suscitar o consenso".¹¹⁶ Retira-se uma proposição de que a produção de um conhecimento científico seja pautado por um viés metanarrativo e desvela que a legitimação passa exclusivamente pela debate e aceitação dos pares. Logo, Lyotard afirma que o conhecimento deixa de ser apenas poder, e se torna também uma mercadoria. Elemento esse fundamental do que o autor chama de uma cultura pós-moderna produzida por uma sociedade pós-industrial. Portanto, aquele filósofo coloca em questão a própria função social do conhecimento e sua produção. Em uma sociedade com uma cultura pós-moderna o conhecimento parte de um fim ético-político (moderno) para o comercial, mercadológico. Como denota o autor

O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (bildung) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso. Esta relação entre fornecedores e usuários do conhecimento e o próprio conhecimento tende e tenderá a assumir a forma que os produtores e os consumidores de mercadorias têm com estas últimas, ou seja, a forma de valor. O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: [...]. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu 'valor de uso'.¹¹⁷

A mudança de sentido acerca da produção de conhecimento de um fim social para um mercadológico marca o terceiro elemento. O conhecimento científico já não entendido como um processo de avanço ético-político, mas sim

¹¹⁵ LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna...** *Op. cit.*, p. 33.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 70.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 22-23.

na qualidade de uma simples mercadoria visada enquanto objeto em um sistema de trocas. Nesse sentido, como chama atenção Perry Anderson, Lyotard em certa medida afirma que ocorria uma deslegitimação de quase todas as metanarrativas, menos a capitalista. Como afirma Anderson, “longe de terem desaparecido as grandes narrativas, parecia que pela primeira vez na história o mundo caía sob o domínio da mais grandiosa de todas – uma história única e absoluta de liberdade e prosperidade, a vitória global do mercado”.¹¹⁸ A junção desses três elementos seria as características de uma “condição pós-moderna”, sendo Lyotard um filósofo que evidenciava tal transformação.

A proposta de Lyotard, publicada em 1979, pode ser encarada como um dos possíveis resultados dos debates pós-estruturalistas iniciados na década de 1960, no qual o filósofo é identificado como um dos principais expoentes. Como afirma James Williams, o pós-estruturalismo foi um movimento que tentava buscar questionar elementos estruturados do conhecimento ocidental, denotando que “os *limites do conhecimento têm um papel inevitável em seu âmago*”.¹¹⁹ Pois, como continua Williams

o projeto estruturalista pode ser sintetizado pelo conceito de que chega a um conhecimento seguro ao restringir, envolver diferenças no interior de estruturas. Segundo os pós-estruturalistas, esta segurança negligencia os papéis perturbadores e produtivos de limites irregulares da estrutura. O conhecimento não pode ultrapassar esses limites[...].¹²⁰

A produção de uma crítica interna dos limites do conhecimento proposta pelos pós-estruturalistas, principalmente em relação a linguagem e seus resultados práticos não foi aceita sem questionamentos dentro do ambiente acadêmico.¹²¹ Chamo atenção principalmente para a exposição de Lyotard acerca do que o autor interpretou como pós-modernidade e como esse conceito filosoficamente fundamentado ganhou repercussão. A evidenciação desses elementos considerados “limites” e “problemáticos” dentro do conhecimento científico não foi bem recepcionada principalmente por intelectuais ligados a tradição marxista, já que a própria condição de existência de uma metanarrativa

¹¹⁸ ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade...** *op. cit.*, p. 39.

¹¹⁹ WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 13

¹²⁰ *Ibidem*, p. 13-14.

¹²¹ Cf. *Ibidem*.

era elemento central de questionamento desses autores. O crítico literário, Terry Eagleton, em sua obra *As ilusões do pós-modernismo* [1995], chama a atenção para os usos políticos que fundamentam questões reacionárias e conservadoras utilizando premissas ditas “pós-modernas”. Como afirma a autor, “a política do Ocidente está transbordando de radicais cuja ignorância das tradições socialistas, sobretudo das próprias, decerto deriva, entre outras coisas, da amnésia pós-modernista”.¹²² Contudo, Eagleton enfatiza as assertivas discussões acerca das minorias que vieram junto a pós-modernidade como etnicidade, gênero, sexualidade permeadas pela questão da linguagem, porém o autor ressalva que

a política do pós-modernismo, [...], significou ao mesmo tempo enriquecimento e evasão. Se eles lançaram questões políticas novas e vitais, isto se dá, em parte, porque bateram em retirada diante de impasses políticos mais antigos – não por eles terem desaparecidos ou se solucionado, mas porque por ora se mostravam intratáveis.¹²³

A pós-modernidade é entendida, nesse sentido, como uma virada nos anseios ocorrida nos anos 1960, junto ao pós-estruturalismo, que necessitavam ser respondidos. Retira-se o foco dos problemas macros como os de classes, econômicos, estruturais e metanarrativos (questionando a capacidade de deles serem um referente) alternando para um foco nas especificidades e singularidades sociais. Não resta dúvida do quanto Ciro Flamarion Cardoso fazia eco a esses autores e suas preocupações.

Outro autor que procurou responder a essa questão foi o filósofo Alex Callinicos em sua obra *Against postmodernism: a marxist critique* [1989]. O autor argumentava que todas as premissas que fundamentavam uma nova era pós-industrial permeada por uma cultura pós-moderna são falsas e infundadas, “além disso, muito do que foi escrito embasando a ideia de que vivemos em uma época pós-moderna me aparenta de pouco calibre intelectual, geralmente superficial, constantemente ignorante, as vezes incoerente”.¹²⁴ Para Callinicos, a questão a

¹²² EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 31.

¹²³ *Ibidem*, p. 33.

¹²⁴ No original: “I doubt very much that Postmodern art represents a qualitative break from Modernismo of the early twentieth century. Moreover, much of what is written in support of the

ser respondida não devia ser o argumento de que vivemos em uma época pós-moderna, mas sim de onde vem esse discurso e quem o professa. Callinicos busca deslegitimar os argumentos do que poderia ser entendido como uma época pós-moderna pela desestruturação de determinadas interpretações, como por exemplo a fragmentação da academia e a pluralidade resultante dessa fragmentação (entendida como caos) dentro da cultura ocidental. Para ele, são elementos já evidenciados desde o final do século XIX, mas não entendidos como pós-modernos, e sim como resultados da própria modernidade, sendo reinterpretados nas décadas de 1960 e 1970 por uma “intelligentsia”.¹²⁵

Percebe-se que a atribuição de um sentido singular estático para o conceito de pós-modernidade não é possível visto os inúmeros entendimentos empregados. Contudo, dos variados usos, utilizo o sentido formulado por Lyotard. Faço essa escolha por ser a formulação que abarca da melhor forma as implicações políticas e éticas que fizeram parte do discurso produzido por Ciro Cardoso em seus livros, como poderá ser constatado no próximo tópico.¹²⁶ Portanto, após essa breve exposição dos complexos e disputados jogos de linguagem que perpassam a pós-modernidade pode-se partir para uma interpretação de como Cardoso passa de um conceito como o irracionalismo para o conceito de pós-modernidade e quais as implicações decorrentes dessa mudança na construção do seu discurso.

O lugar social do historiador no Brasil¹²⁷

No decorrer das décadas de 1950 e 1960, alguns intelectuais das Ciências Humanas desencadearam uma série de reflexões no tocante à

idea that we live in a postmodern epoch seems to me of small calibre intellectually, usually superficial, often ignorant, sometimes incoherent” CALLINICOS, Alex. **Against postmodernism...** *Op. cit.*, p. 5.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*.

¹²⁶ Quando nos referimos à ética do historiador, procurando uma aproximação com a concepção de Ciro F. Cardoso, pensamos em algo próximo às reflexões de SCHMIDT, Benito B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: ética e biografia. **História** (São Paulo), v. 33, n. 1, p. 127s.

¹²⁷ Este tópico faz parte de um texto publicado pela Editora Milfontes, e que utilizo neste capítulo por se correlacionar com a problemática proposta. AMARAL, Weverton B. Ciro Flamarion Cardoso e o lugar social do historiador no Brasil... *Op. cit.*, p. 174-180

linguagem em diálogos frutíferos com pensadores pós-estruturalistas, sobretudo na França. Destacavam-se os questionamentos em relação ao significado e ao significante, à naturalização dos sentidos empregados nos conceitos, às crenças e certezas dogmáticas da história das ideias, em meio a um intenso movimento de reconsideração do papel da linguagem na estrutura narrativa e sua relação com o indivíduo.¹²⁸

As décadas seguintes foram marcadas pelo questionamento das meta-narrativas, transfigurando, gradativamente, a escrita da história de grandes obras generalistas para trabalhos menores e especializados, fragmentando-a em particularidades – o que François Dosse denominou como *história em migalhas*. Desses postulados, suscitou-se um intenso embate entre os adeptos das problematizações do giro linguístico e a percepção tradicional de se pensar a história, ainda orientada pelo signo da ciência em construção, algo que, ainda hoje, é uma querela em andamento. Mas, no calor dos anos 1980 e 1990, Ciro Flamarion Cardoso já percebia e denunciava estas tensões.

Pensar a relação exposta por Helenice Rodrigues da abdicação do intelectual do espaço público para se voltar especificamente as instituições demonstra esse momento.¹²⁹ Existe o aumento da profissionalização do historiador, cada vez mais voltado para a pesquisa e o ensino, ao mesmo passo que se depreendia um movimento crítico a certos elementos constituídos da disciplina. Conforme aponta Roger Chartier, duas grandes questões abalaram a História, primeiro a unificação das ciências sociais e o descrédito da História que estava ocorrendo na década de 1980, oriundas do pós-estruturalismo e do fim da crença nas meta-narrativas. Segundo, a fragmentação das tradições historiográficas, tornando-se cada vez mais multifacetados os problemas, os entendimentos e as concepções de como se trabalhar com História.¹³⁰

O lugar social do historiador não escapou desse movimento. Consequentemente aqui entra uma questão fulcral, para alguns intelectuais a

¹²⁸ MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no *linguistic turn*, o caso brasileiro... *Op. cit.*, p. 353.

¹²⁹ RODRIGUES, Helenice. O intelectual no “campo” cultural francês... *Op. cit.*, p. 397.

¹³⁰ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 8.

História enquanto conhecimento teria perdido seu poder simbólico. Sua função social não conseguia mais se sustentar enquanto conhecimento prático. Como afirma Hans Ulrich Gumbrecht:

aqueles que são enamorados do passado reagem ou com desprezo estoico para essa falta de ‘consciência histórica’ ou com uma insistência desesperada no repertório herdado de argumentos a favor de seu valor didático.¹³¹

O lugar ocupado por tanto tempo pelos historiadores na sociedade não se configurava mais como privilegiado. O embate discursivo sobre o passado ganhou aspectos nunca vistos.¹³² Conforme salienta Cruz, “estamos sendo fragorosamente derrotados na batalha pela construção da consciência histórica da sociedade e por conseguinte tendo minado nosso papel social”.¹³³ Entretanto, a História enquanto fenômeno de construção da consciência histórica não está perdendo espaço, ela ainda é configurada como de vital importância. Contudo, o historiador, na qualidade de produtor especializado, é que tem seu lugar social questionado.

As três últimas décadas do século XX podem ser compreendidas, no Brasil, como um horizonte de renovação tanto no campo político quanto acadêmico. O processo de redemocratização política e a expansão da Pós-Graduação nas universidades ampliou a variedade da pesquisa em História no país.¹³⁴ Neste cenário de abertura, conforme os programas foram se arregimentando, novas metodologias passaram a ser utilizadas, novos paradigmas foram importados e novas posições de poder, dentro do campo, são construídas e gradualmente fortalecidas.¹³⁵

¹³¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 463.

¹³² A concepção da disputa sobre autoridade acerca de como narrar o passado pode ser visitada no capítulo: *Acadêmicos na berlinda ou: como cada um escreve história? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não-acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History*. Cf. MALERBA, Jurandir. **Notas à Margem: teoria e crítica historiográfica**. Serra: Milfontes, 2018.

¹³³ CRUZ, Marcos. O lugar dos historiadores no século XXI ou reflexões sobre o fim da historiografia. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 11, n. 2, p. 20, ago.-dez., 2018.

¹³⁴ ARAUJO, Valdeci Lopes de. História dos conceitos e a história da historiografia: um percurso brasileiro... *Op. cit.*, p. 41.

¹³⁵ MALERBA, Jurandir. **Notas à margem...** *Op. cit.*, p. 57.

O horizonte de expectativa só aumentava, tanto frente ao ofício no espaço público quanto nas universidades partir dos anos 1980. A percepção de crise que afetava a disciplina na Europa não chegava ao Brasil. Conforme Francisco Falcon afirmou em 1996, a diferença entre a concepção de crise e a consciência dos historiadores não tem sentido único. A percepção de uma crise na historiografia pertence a outras culturas historiográficas que não a brasileira. A História institucionalizada no Brasil, em sua grande maioria, não foi afetada por essa percepção, sendo apenas enunciada por uns historiadores que ocupam um lugar específico.¹³⁶ Ou seja, mesmo Falcon reconhecendo que existia um debate no exterior, pautado principalmente por aspectos teóricos, não enxergava como um problema real à disciplina no Brasil.

Em seu livro *Um historiador fala de teoria e metodologia*, ao analisar as origens do questionamento do homem enquanto sujeito e a crise dos anos 1980, Flamarion questiona as implicações que a “morte do Homem” pode gerar nas Ciências Humanas.

A ‘morte do homem’ – ou seja, sua eliminação como sujeito e objeto privilegiados –, se assumida como algo realmente ocorrido, impossibilitaria a existência das ciências sociais que fossem verdadeiras ciências, em lugar de aparecerem unicamente como saberes constituídos por certos discursos delimitados quanto às esferas de saber/poder de que provenham, mas que arrogaria ilegitimamente um valor universal geral como forma de conhecimento.¹³⁷

A deslegitimação da possibilidade de construir um conhecimento científico centrado no “homem”, segundo Cardoso, impossibilitaria também a História. Elemento que para ele já se configurava em estado de êxito. Se pensarmos na deslegitimação social que o intelectual engajado sofria na sociedade desde os anos 1980, conforme constatado por Helenice, essa percepção de uma perda de *status* simbólico não foge o campo historiográfico. Conforme Flamarion questiona:

¹³⁶ FALCON, Francisco J. C. A identidade do Historiador... *Op. cit.*, p. 18.

¹³⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Bauru: Edusc, 2005, p. 82.

até que ponto as tentativas de desconstruir uma História científica, explicativa e que constituísse totalidades sociais como objeto tiveram êxito, caso observássemos a situação tal como aparecia no final do século 20? A resposta, a nosso ver, é que tiveram bastante êxito [...].¹³⁸

O século XXI é representado pelo signo da descrença. Essa percepção acerca do lugar da historiografia disciplinada no debate da cientificidade lega um questionamento ao próprio ofício. A constatação da incapacidade da manutenção de paradigmas universalizantes criou um problema na estrutura simbólica, ou no status que gozavam as Ciências Humanas. Ou seja, a própria continuidade do lugar social do historiador está sendo fragmentada. Mas, ainda existiam aqueles que, como Flamarion, seguiam defendendo as teorias holísticas ou as macronarrativas científicas.

Para Ciro Cardoso, essas possíveis teorias terão como dificuldades, por exemplo, a linguagem. A velocidade de transformação tecnológica e informacional é configurada como impeditivo para a formação da língua erudita, o que fortalece o aspecto de crise. Assim sendo, ele acredita que o próprio modelo de escola e de educação será constituído como um impedimento para a inovação tecnológica, representando um espaço a ser superado pela tecnologia.¹³⁹ Esta constante preocupação de Ciro Flamarion, tanto do ponto de vista da educação quanto da concepção científica de História desvela, portanto, a necessidade de pensar o lugar do historiador na sociedade. Afinal,

a ciência, no entanto, só pode realizar tarefa que seja libertadora dentro de uma comunidade racional, esclarecida e democrática, na qual emerja sem os vícios habituais o nível normativo constituído pela metodologia e teoria científica. [...] ela se justifica por suas perspectivas críticas e explicativas, e caso sirva de alicerce para uma cultura de libertação social, cujos conteúdos e condições a ciência do social pode e deve esclarecer.¹⁴⁰

¹³⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia...** Op. cit., p. 82.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 100.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 108.

A evidência do questionamento relativo ao lugar social é concebida como componente fundamental, mesmo que oculto, das argumentações de Ciro Flamarion. A sua perspectiva sobre a necessidade de o historiador ser figurado como cientista social já denota tal compreensão. O historiador deve exercer seu papel social de conscientizar historicamente seu coletivo, pois “o importante, [...] é não perder o futuro de vista, nem a convicção de ser possível nele influir através das ações e batalhas do presente”.¹⁴¹

O debate acerca do lugar social ocupado pelos historiadores e das relações simbólicas de conflito exercidas no meio social denotam que a pauta ainda está na agenda do dia. Essa posição em constante reformulação, tanto interna quanto externa, desnuda a complexa rede de interpretações e problematizações referente ao lugar socialmente ocupado pelo historiador. Conforme exemplificado, as considerações de Ciro Cardoso acerca do enraizamento do legado da virada linguística na História denunciam sua preocupação com o estado da arte no Brasil. O debate considerado por ele como potencializador de um projeto “pós-moderno” e irracionalista denota uma preocupação que não se instaura em problemas de conteúdo da disciplina, mas nas potencialidades danosas que poderiam vir a assumir.

A força do entendimento vulgar acerca sobre este debate entre a crise epistemológica e o papel social dos historiadores no meio intelectual já havia sido destacada por Sirinelli. Para ele, “uma tal abordagem é delicada, pois uma tal constatação pôde ser desviada e, de clínica, torna-se polêmica, alimentando sobretudo uma certa visão antiintelectualista”.¹⁴² Portanto, pode-se perguntar se é necessário deixar a análise dessas contribuições de lado em razão dos perigos que elas trazem? As contribuições narrativistas e pós-estruturalistas não deixarão de existir, mesmo que nos voltemos para uma concepção antiga acerca do ofício. Elas são constituídas como problemas a serem solucionados, conforme entendia, em certa medida, Ciro Cardoso.

¹⁴¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia...** Op. cit., p. 112.

¹⁴² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In.*: REMOND, Réne (Org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 250.

Ao problematizar o debate acerca da crise da História no Brasil (ou dos historiadores), Carlos Alvarez Maia questiona a própria abordagem, já defensiva de Ciro Cardoso. Tanto ele quanto Francisco Falcon são apresentados como agentes da impossibilidade de mudança frente as questões “pós-modernas”. Maia entende que o termo “modismo”, utilizado por Cardoso no texto *História e paradigmas rivais*, já partia de uma concepção preestabelecida, na qual “já pressupõe uma desqualificação, uma crítica desabonadora, de descarte *a priori*, daquilo que deveria ser levado mais a sério; na realidade, é sintoma de um problema, e grave”.¹⁴³ O autor entende que a crise dos historiadores se configura em si mesmos. Afinal, “a crise está neles”.¹⁴⁴

Em certa medida, o legado dessa inquietação pode ser evidenciado no cenário atual. Uma demanda social referente a criação da lei que regulamenta a profissionalização do historiador, uma reivindicação antiga e polêmica,¹⁴⁵ foi recentemente aprovada. Destacando que o discurso histórico tem uma importância para a sociedade brasileira. Contudo, Flamarion em discordância com essa proposta já em seu tempo sublinhava: “sou contra isso por duas razões: primeiro, eu não acredito que isso aumente de verdade o mercado de trabalho; segundo, ela só protege o mercado de trabalho como *chasse gardée*. Acho isso uma espécie de fascismo”.¹⁴⁶ Portanto, mesmo que o debate tenha se modificado, certas estruturas ainda permanecem nele, mesmo na atualidade.

Levando-se em conta o que foi apresentado, percebe-se que o lugar social ocupado pelo historiador no Brasil está tensionado pela relação de disputa. O poder simbólico conferido a esse intelectual ocupa certa centralidade no debate político, cultural e social. Conforme aponta Eugenia Meyer em sua pergunta “História para que?”, o historiador e a disciplina, leva a obrigatória relação entre conhecimento e ação. Pois, se entender e estudar História é ao mesmo tempo praticar a ação de produzi-la, todo intelectual que estuda o

¹⁴³ MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no *linguistic turn...* *Op. cit.*, p. 355.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 377.

¹⁴⁵ MALERBA, Jurandir. **Notas à Margem...** *Op. cit.*, p. 123.

¹⁴⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. *In.*: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 224.

passado tem o dever social da ação.¹⁴⁷ Ou, para Flamarion, “isso demonstra que nossa disciplina – em algumas de suas modalidades – ainda é considerada pelos grupos dominantes como algo potencialmente perigoso”.¹⁴⁸ No intuito de compreender e evidenciar as estruturas que fundamentam tais afirmações de Cardoso, parto para a análise de seus livros e artigos que visam o debate no campo da Teoria da História, seguindo para a segunda parte desta dissertação.

¹⁴⁷ MEYER, Eugenia. *¿A quién pertenece la Historia?*. In.: POZZI, Pablo; GODINHO, Paula (Org.). **Insistir con la esperanza: El compromiso social y político del intelectual**. Buenos Aires: CLACSO, 2019, p. 218.

¹⁴⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ciro Flamarion Cardoso. In.: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros...** *Op. cit.*, p. 237.

Parte II

Por uma ciência em construção: conceito de História, verdade e razão nos escritos de Ciro Cardoso

No intuito de compreender a formação argumentativa de Ciro Flamarion Cardoso no embate contra os “pós-modernos”, se faz necessário expor sua compreensão acerca de certos conceitos que fundamentam sua visão de História. Como apontado anteriormente, separo a produção epistemológica de Ciro Cardoso em dois momentos: a de fundamentação teórica da ciência histórica e a de defesa dessa concepção. A primeira que vai da década 1970 a meados da década de 1980 representa um momento de otimismo do historiador frente as novas possibilidades que a disciplina conquistava naquele momento. A segunda, que vai do final da década de 1980 a 2013, representa uma mudança de seu otimismo em um ceticismo frente a tradução da chamada “Nova História Cultural” e de autores influenciados pela *linguistic turn* no Brasil. Como Cardoso mesmo afirma:

Particpei dos dois grandes debates acadêmicos que foram centrais em minha trajetória: o primeiro, a favor do marxismo e da corrente dos *Annales*, e contra a História que mesclava positivismo e historicismo (ou historicismo) em suas concepções, muito forte ainda na América Latina na década de 1970, quando comecei a publicar sobre teoria e metodologia; o segundo, ainda em curso na atualidade, contra duas tendências que considero reacionárias, o pós-modernismo e o ‘pensamento único’ (neoconservadorismo, neoliberalismo).¹⁴⁹

Pode-se perceber essa alteração que Cardoso demonstra no campo teórico pela publicação de dois livros na década de 1980, sendo *Uma introdução a História* (1981) e *Ensaio racionalistas* (1988). A primeira obra trata-se de um manual no qual contém 3 capítulos: o primeiro composto por uma fundamentação e defesa da História como ciência, apresentando visões positivas e negativas quanto a esse problema; o segundo foca nos problemas e caminhos da metodologia em História, apresentando conceitos chaves para a pesquisa histórica; o terceiro e último explicando como se delimitar um tema para ser pesquisado, como coletar fontes sobre a temática definida e a realização da crítica das fontes. Já a segunda obra trata-se de uma coletânea de artigos e ensaios publicados ao longo da década de 1980, elencando questões como o

¹⁴⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. *Emblemas...* Op. cit., p. 13-14.

marxismo, a temporalidade na História ou o elemento da semiótica na pesquisa em História. Cardoso demonstra que esse trabalho é sua guinada contra ao que ele acredita ser um movimento irracionalista que visava minar a credibilidade da História na qualidade de ciência. Por mais que os textos apresentem assuntos diversos, “Une-os, no entanto, um combate comum: aquele que, num período de avanço do irracionalismo, importa travar em favor do racionalismo e da sua forma mais eficaz até hoje – o marxismo”. Como o próprio autor chama atenção para o último capítulo intitulado *Uma nova História?*, sendo um “texto preparado especialmente para este livro”,¹⁵⁰ no qual o autor destaca a perda de identidade pela terceira geração que assumiu a revista dos *Annales*.

Como aponta Francisco Falcon, os anos 1980 tinham marcado essa dualidade entre o novo e o velho, contudo, a partir da chegada de propostas como a de Michel Foucault e Edward P. Thompson no Brasil, todo o cenário acerca das identidades do ofício historiográfico se alteraram, como aponta Astor Diehl.¹⁵¹ Tem-se novas formas de se entender o ofício, utilizando elementos sociológicos e antropológicos. Ainda segundo Falcon, a fragmentação no Brasil acentuaria principalmente após a “implosão das chamadas grandes teorias, quer dizer, basicamente, o marxismo”.¹⁵² Isto posto, a mudança de foco realizada por Cardoso no campo teórico segue um sentido, uma tentativa de enfrentar uma possível fragmentação e deslegitimação da História nos moldes construídos pelas primeiras duas gerações dos *Annales*, que se fortaleciam no Brasil naquele contexto.

Nesta seção parto principalmente de seus escritos desenvolvidos na primeira fase,¹⁵³ momento em que o historiador dedica seu tempo a expor de forma detalhada suas premissas teóricas. Elenco alguns conceitos centrais que fundamentaram suas críticas posteriores e, para isso, chamo atenção

¹⁵⁰Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas...** *Op. cit.*,

¹⁵¹ Cf. DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980:** experiências e horizontes. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

¹⁵² FALCON, Francisco J. C. A Identidade do Historiador. **Estudos Históricos...** *Op. cit.*, 12.

¹⁵³ Importante destacar que só foi possível ter acesso a 3 das 5 publicações voltadas para teoria da história desse período, sendo dois livros e três artigos. Dos três artigos, não foi possível a análise dos artigos *El materialismo histórico: presentación sumaria* (1975) e *Sociólogos Nos Domínios de Clio* (1982).

principalmente para o livro *Uma introdução a História* (1981), no qual Cardoso expõe de forma mais aprofundada sua base teórica acerca da disciplina e de suas premissas. Sendo um livro estritamente teórico, planejado como manual, o autor expõe como a História pode ser considerada uma ciência e por que esse estatuto científico é necessário para fundamentar sua argumentação.

A partir dessa obra, busco fazer uma exposição temporal de quatro conceitos e como eles são utilizados ao longo dos escritos teóricos de Cardoso, sendo: História; razão; verdade e irracionalismo. Entendo esses conceitos como alicerces de sua argumentação no campo teórico e sendo os que mais apareceram posteriormente como elementos que são empregados no sentido de deslegitimar, pela via ético-política aquilo que ele categorizava como irracionalista. Portanto, começo pelo conceito estrutural, ou seja, o conceito de História.

Uma ciência em constante construção

O fundamento central dos escritos de Ciro Flamarion Cardoso em seus primeiros debates sobre teoria da história é a fundamentação de que a História, como disciplina e ofício, é configurada como uma *ciência em construção*. A legitimação da disciplina na qualidade de ciência plena legitimaria o discurso do historiador frente a sociedade e a outros campos. Como posto por Bourdieu “o que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social”.¹⁵⁴ Sendo assim, Cardoso utiliza de sua autoridade adquirida como historiador e professor universitário para defender o discurso de uma ciência histórica, baseada no marxismo e na história problema, que visava produzir transformação social. Esse elemento, de constante preocupação em seus escritos pode ser entendido como uma necessidade que o autor dava na capacitação de novos historiadores que se empenhassem na mesma tarefa. Pode-se constar essa relevância desde seu primeiro artigo acerca da

¹⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. O campo científico... *Op. cit.*, p. 122.

fundamentação teórica do historiador, e o impacto que essa causa em sua função social:

é necessário contestar duas perguntas estreitamente vinculadas entre si, e cuja o âmbito é muito mais geral: 1) o que é História atualmente? 2) para que serve? Isso nos permitirá entender *qual é a posição do historiador em nosso mundo contemporâneo, qual a finalidade do seu trabalho*, condição previa indispensável no enfoque indispensável para a abordagem de papel a ser desempenhado pelo historiador centro-americano.¹⁵⁵

A questões propostas e desenvolvidas nesse artigo, exprimem a posição do movimento dos *Annales*, ou seja, pensar as problemáticas do presente quando se produz uma pesquisa em História. Para o historiador latino-americano¹⁵⁶, o presente se fazia conturbado, no qual alguns países encontravam-se em um momento de forte repressão por governos autoritários. A maneira de se produzir historiografia nesse ambiente, para Cardoso, era disfuncional e atrasada, ocupando espaço de uma historiografia que problematizasse o cotidiano ao invés de produzir uma massa factual acerca de um passado institucional. Como afirma Cardoso,

O historiador centro-americano se move em um ambiente universitário – e em particular o ambiente de estudos históricos – que, como no resto da América Latina – mas com maior intensidade que em alguns grandes países latino-americanos –, se caracteriza por um grande atraso com relação aos grandes centros culturais do mundo. Polêmicas mortas e enterradas na Europa, tendências

¹⁵⁵ Es necesario contestar a dos preguntas estrechamente vinculadas entre sí y cuyo ámbito es mucho más general: 1) ¿Qué es la historia en la actualidad? ; y 2) ¿para qué sirve? Ello nos permitirá plantear en qué consiste la posición del historiador en nuestro mundo contemporáneo, qué finalidad tiene su labor profesional, condición previa indispensable al enfoque del papel que debe jugar el historiador centroamericano. CARDOSO, Ciro Flamarion. El papel del historiador em Centroamérica. **Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica**, San José, v. 12, n. 35, p. 175, 1974. [Grifo meu] Tradução livre.

¹⁵⁶ Por mais que Cardoso foque no texto em um ator “centro-americano”, em razão do lugar que ocupava no momento de publicação, seu argumento acaba-se valendo para todo historiador latino-americano, já que o autor desenvolve uma forte relação do papel social que o historiador americano tem em relação a seu meio social. Cf. *Ibidem*.

condenadas lá, desmascaradas há bastante tempo, seguem vigentes aqui.¹⁵⁷

A “superação” desse atraso torna-se um elemento a ser explorado pelo autor, além de evidenciar uma marca que se tornou presente em todos seus escritos no campo da teoria: a linguagem combativa. A tentativa de difusão da proposta dos *Annales* por meio de livros paradidáticos é uma dessas empreitadas, na qual o autor utiliza uma linguagem que transita entre o formal e conceitual ao informal e irônico. Essa característica na escrita, delimita a forma que Cardoso apresenta seu argumento, na busca de legitimar seu discurso frente ao combatido. Adjetivos e verbos de sentido pejorativos como “*condenadas e desmascaradas*” demonstram como que a produção discursiva era utilizada como um instrumento de deslegitimação/legitimação ao mesmo tempo. Há, nos escritos de Cardoso, uma constância de sentido dual na forma de se apresentar os elementos propostos. A utilização desse método de construção discursiva por ser analisado segundo Foucault, pois os componentes de coerção dos discursos são efetivos a medida que se produz limites do que é aceitado ou não acerca da disciplina.¹⁵⁸ Os manuais, portanto, podem ser configurados como dispositivos que delimitam o que pode ser entendido como História, pois tem como sentido circunscrever limites ao que define uma disciplina.

A preocupação de Cardoso com a legitimação social do discurso histórico e com a afirmação de que a História é uma ciência pode ser observada em seu livro de 1981. O conceito de história, destrinchado logo na abertura do livro, é estruturado pela junção da teoria marxista e pela concepção dos *Annales*. Logo, a história é configurada como um conhecimento explicativo-cognoscível que parte do real-passado na busca de instituir-se como uma ciência tal qual as ciências naturais. Isso significa dizer que a História é um conhecimento que estuda os processos humanos, suas relações e conflitos, buscando

¹⁵⁷ El historiador centroamericano se mueve en un ambiente universitario - y en particular en un ambiente de estudios históricos - que, como en el resto de América Latina - pero con mayor intensidad que en algunos grandes países latinoamericanos -, se caracteriza por un gran atraso con relación a los grandes centros culturales del mundo. Polémicas muertas y enterradas en Europa, tendencias condenadas allá, desenmascaradas hace bastante tiempo, siguen vigentes acá. CARDOSO, Ciro Flamarion. El papel del historiador em Centroamérica... *Op. cit.*, p. 180. Tradução livre.

¹⁵⁸ Foucault, Michel. **A ordem do discurso...** *Op. cit.*, p. 36.

características extrafactuais que permitem atribuir um ordenamento ou sentido (estruturante/universal), visando construir um argumento explicativo dos fenômenos históricos. Como Cardoso expõe,

1) não há obstáculos de fundo para que a História possa ser uma ciência; 2) A disciplina histórica tal como existe concretamente na nossa época, é cada vez mais uma ciência: [...] dizemos que a conquista do método científico em História ainda está se elaborando, e que portanto a história é uma ciência em construção.¹⁵⁹

A meta de vincular a História a uma qualidade de ciência é peça fundamental na construção discursiva de Cardoso. O autor, ao fazer essa relação, ampara a capacidade do historiador, por meio do método, de produzir explicação dos fenômenos históricos, excluindo dessa maneira a afirmativa feita por alguns intelectuais de que a historiografia não seria capaz de *explicar*.¹⁶⁰ Como afirmado por Bourdieu, no intuito de não retornar à uma filosofia idealista, “que confere a ciência o poder de se desenvolver segundo sua lógica imanente, é preciso supor que os investimentos se organizam com referência a uma antecipação [...] das chances médias de lucro em função do capital acumulado”.¹⁶¹ Ou seja, Cardoso defende uma concepção progressiva de aperfeiçoamento do método historiográfico no intuito de estabelecer meios institucionalmente aceitáveis de formulação explicativa acerca de fenômenos históricos.

Nesse sentido, Cardoso busca vincular a História no mesmo patamar social ao qual as ciências naturais detêm, tornando o produto feito pelo campo um elemento de poder simbólico tal qual o realizado pelas ciências objetivas. Por

¹⁵⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 12.

¹⁶⁰ Ciro cita ao longo do primeiro capítulo autores que divergem na aceitação da História como ciência, ou ao menos tem ressalvas, sendo Gilles Gaston Granger, Paul Veyne, Pierre Jaeglé, Pierre Roubaud e Colin Peterson. O ponto nodal dentre esses é a incapacidade de a História produzir *explicação* acerca do passado, já que a história seria o conhecimento dos fenômenos únicos e irrepetíveis, sendo somente *interpretados*. Segundo Cardoso, a explicação científica é um elemento constituinte das ciências, sendo um modelo de “questões [...] bem formuladas, que os dados relativos a aquilo que deve ser explicado e às circunstâncias sejam verificáveis [...], e que as generalizações supostas sejam sistemáticas (leis). Os esquemas de explicação científica compreendem a *explicação de fatos* e a *explicação de leis*”. *Ibidem*, p. 130-131. Grifos do autor.

¹⁶¹ BOURDIEU, Pierre. O campo científico... *Op. cit.*, p. 125.

outro lado, ao ter conhecimento e aceitar a existência do problema, a contragosto, do estatuto de não ser uma ciência estabelecida, utiliza da premissa formulada por Marc Bloch de que a História está em um processo de “evolução” ou construção que idealiza no futuro a capacidade de produzir conhecimento objetivo por meio de seu método específico.

A referência ao método nas ciências naturais surge enquanto um modelo a ser seguido, mas elencando que nem as ciências da natureza detém um parecer de absoluto. A formulação do conceito de ciência em sentido maleável possibilita encaixar as Ciências Humanas, assim como a História, dentro da estrutura institucional da legitimidade. Logo, a ação de Ciro Cardoso de citar Adam Schaff acerca da relatividade da ciência em si, e de suas multiplicidades de sentidos, em uma camada infinita de interpretações correlativas a tempo e espaço simbolizam essa busca de abrir um espaço no qual permite conferir a História um estatuto científico. Portanto, essa formulação permite deduzir que a ciência, e conseqüentemente a História, pode ser configurada como um caminho virtuoso para construção de um conhecimento verossímil, mutável, não estático e absoluto. Como afirma Cardoso,

Longe de serem imutáveis, as teorias que num dado momento parecem verdadeiras são superadas por outras mais gerais, em função de descobertas posteriores: mas as teorias mais antigas não são simplesmente abandonadas, e sim incorporadas às novas, em virtude da parcela de verdade que contêm.¹⁶²

Essa argumentação, anteriormente utilizada por Bloch em seu livro *Apologia a história ou o ofício do historiador*, surge no sentido de legitimar a História frente aos demais saberes, além de justificar uma aceitação da incapacidade de se produzir resultados mais objetivos. Como constatou Bloch, a aceitação de que “estamos, portanto, doravante, muito mais preparados para admitir que um conhecimento merece o nome de científico ainda que não seja susceptível de demonstrações euclidianas ou de imutáveis leis de repetição”.¹⁶³ Cardoso, ao se amparar repetidas vezes em Bloch, assimila em *Uma Introdução*

¹⁶² CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História...** *Op. cit.*, p. 17.

¹⁶³ BLOCH, Marc. **Introdução à História.** Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1976, p. 22.

a *História* um paralelismo com a própria *Apologia* de Bloch. Pontos de inflexão como ciência, razão, verdade, conhecimento e cognição em sua argumentação acerca do conceito de História podem ser observados na obra de Marc Bloch. Chamo atenção para esses pontos pois, seja a partir do célebre manual francês ou em seus escritos posteriores, constituíram os alicerces de suas críticas as “propostas irracionalistas” na História.

Pode-se conferir duas possibilidades de entendimento do conceito de História a partir da concepção de Ciro Cardoso. A primeira como um campo disciplinar, instituído de normativas que tentam delimitar o que se pesquisar, como se pesquisar e por quais aparatos epistemológicos/teóricos instituir problemas de pesquisa. Ou seja, História deve ser entendida na qualidade de um campo científico regido por um poder simbólico que estabelece normativas delimitadoras do que pode ser considerado e consagrado enquanto um estudo histórico.

Por outro lado, entendo que Cardoso busca instituir e defender a História como um conhecimento que busca reconhecer um sentido nos fenômenos históricos, visando estabelecer vínculos entre aspectos “semelhantes” que possibilitem a formulação de “leis”. Como afirmado anteriormente, a produção de leis é o que permite o historiador conferir explicação, e não interpretação acerca de fenômenos do passado. O marxismo tendo como premissa fundamental, segundo Cardoso, a capacidade de conhecer (conhecimento, cognoscível) para então explicar fundamentalmente necessita dessa premissa para ser validado. Em razão desses elementos a necessidade de postular e defender a História como ciência explicativa. Ou seja Flamarion se aproxima de uma concepção de ciência unificada, cujo método seja capaz, independente da área, de explicar os fenômenos que investiga. Nesse movimento, busca fundir suas influências da chamada escola dos Annales, fazendo sua tradição compreensiva ser incorporada ao marxismo.

Podemos notar essas duas perspectivas em seus escritos posteriores, tanto na defesa de um campo, ora estabelecido, como na concepção de um conhecimento cientificamente reconhecido. Seja em sua crença de uma História científica e disciplinada, muito bem delimitada, e que se vê em crise em razão

das fragmentações propostas por historiadores e filósofos “irracionalistas”, ou em suas contínuas afirmações de que a História é configurada como um conhecimento holístico, explicativo e, portanto, científico. Isto pode ser visto, por exemplo, nesta passagem:

O desafio maior que enfrenta o paradigma de que estou tratando é outro, porém, que vai além do marxismo tomado isoladamente, ao afetar qualquer visão holística do social; e tem a ver muito diretamente com os historiadores, por referir-se ao sentido ou ausência de sentido da história. Refiro-me às afirmações, correntes hoje em dia, da impossibilidade de surgimento de novas ideologias globais e novas teorias holísticas do social, no que vem sendo chamado de ‘fim da história’ [...]. A melhor resposta a tal desafio seria, e claro, produzir uma teoria holística do social que, escapando à parte fundamentada das críticas feitas às teorias disponíveis, desse conta das sociedades de hoje — o que a qualificaria também para o entendimento das sociedades passadas.¹⁶⁴

No intuito de problematizar e compreender esse projeto racionalista de História, exposto por Ciro Cardoso, é necessário verificar até que ponto uma determinada defesa da razão impacta na base que sustenta esse modelo. A premissa ora proposta será pautada em como Cardoso parte do pressuposto de que o conhecimento racional é movimentado pelo signo da *verdade*. Por mais que se apresente na escrita de Flamarion como um conceito naturalizado, a potência de formular novas chaves de leitura acerca de seus escritos torna-se razão de pensar o uso da ideia empregada pelo historiador.

Razão e verdade – uma premissa do racionalismo.

Ao exemplificar a importância do conceito de razão para uma comunidade democrática, o filósofo estadunidense Richard Rorty evidenciou três premissas que visavam universalizar esse conceito: a desejabilidade de verdade; “a verdade é a correspondência da realidade e que a verdade tem uma natureza

¹⁶⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais... *Op. cit.*, p. 36. Pdf.

intrínseca”.¹⁶⁵ Essas premissas denotam uma das aspirações formuladas na modernidade resumidas no conceito de democracia, ou seja, um suposto desejo relacionado a capacidade de a verdade estreitar relações, diminuir animosidades e possibilitar uma interação social mais tolerante e democrática. Nesse sentido, o conceito de verdade entendido como ferramenta racional é premissa fundamental para a formação de uma sociedade democrática e justa. A concepção de verdade como elemento estruturante socialmente e produtora de consenso parte da capacidade racional do indivíduo de produzir um discurso verdadeiro. Portanto, a premissa da razão (entendida como sinônimo de racionalidade) de apreender o sentido dos fenômenos potencializa a produção da verdade, ou conforme Rorty explica,

As três premissas que listei são as vezes consideradas ‘exigidas pela razão’. Mas essa alegação é geralmente tautológica, pois os filósofos costumam explicar o uso que fazem da palavra ‘razão’ listando essas mesmas três premissas como ‘constitutivas da própria idéia de racionalidade’.¹⁶⁶

A partir dessa exposição, verdade pode ser interpretada como fundamentação da racionalidade. Essa racionalidade sendo a capacidade da razão de formular interpretação e explicação dos fenômenos interiores e exteriores. Logo, o conceito de verdade é entendido como um signo correlacional entre racionalidade e fenômeno. Nesse sentido, verdade não contém um significado explícito além de sua auto-justificação. Portanto, o conceito em si é entendido como absoluto, representando um elemento metafísico na construção discursiva dos indivíduos. Além disso, chamo atenção para a utilização política que se faz como aparato de legitimação social do discurso científico na concepção moderna, pois a autoridade para a produção de um discurso verdadeiro acerca dos fenômenos parte com primazia das instituições ditas científicas. Ao discorrer sobre aspecto semelhante, Michel Foucault descreve

¹⁶⁵ RORTY, Richard. Verdade, universalidade e política democrática (justificação, contexto, racionalidade e pragmatismo). In: SOUZA, José Crisóstomo de. **Filosofia, racionalidade, democracia**: os debates Rorty & Habermas. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 104.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 105.

como que a vontade de saber pode ter se modificado no século XIX para uma vontade de verdade, e

essa vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e conduzida por todo um compacto conjunto de práticas como [...] os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.¹⁶⁷

A vontade de verdade descrita por Foucault desvela outro lado da utilização do conceito. Seria a verdade um regulador institucional do que é considerado legítimo ou não legítimo, autorizado ou não autorizado, portanto, uma ferramenta normativa. Essa relação social/institucional coercitiva do que é legitimado ou não por meio do conceito de verdade denota a forma padrão que as instituições, nesse caso a universidade, exprimem os moldes de como se produzir e validar um discurso legitimamente acadêmico. A coerção por meio de práticas ou técnicas que visam construir um discurso verdadeiro é a máxima do que se denomina conhecimento científico. Michel de Certeau descreve essa relação na produção historiográfica ao exemplificar acerca das relações envolvendo a prática com o lugar, ou seja, os meios para produção do produto e as condições locais que circunscreve o meio em si.¹⁶⁸

Pensar o conceito de verdade a partir da contribuição tanto de Rorty como de Foucault permite interpretar a utilização do conceito na argumentação de Ciro Cardoso acerca da cientificidade da História. A relação entre verdade e razão, razão e realidade exprime em conjunto com as normativas institucionais a urgência que Cardoso atribuía em empregar tal conceito para atestar sua fala e deslegitimar o outro a quem contesta. A verdade é apresentada por Cardoso na qualidade de um signo legitimador do conhecimento científico tal qual exposto anteriormente. Pode-se elencar alguns exemplos como: “conhecimento científico absolutamente verdadeiro”; “processo de acumulação de verdades parciais”;

¹⁶⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso...** *Op. cit.*, p. 17.

¹⁶⁸ Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 45-88.

“em virtude da parcela de verdade que contêm” e “à verdade científica tem de ser único e tal verdade, absoluta”.¹⁶⁹

A verdade aparece como um recurso estruturante e carregado com o sentido delimitador das premissas que o envolve, porém, sem que seja exposto sua função de forma evidente. O uso deliberado e naturalizado do conceito permeia as atribuições postas por Foucault e Rorty formando um discurso disciplinado carregado de elementos de exclusão e legitimação, absoluto e real. Cardoso não aprofunda as implicações do conceito de verdade, nem esse sentido é instituído como uma necessidade ou problema a ser considerado em seu discurso. Os exemplos já denotam o sentido intrínseco imposto ao conceito, ou seja, o historiador utiliza-se em seu sentido absoluto em correspondência com o real, legítimo, verossimilhante. Logo, pode-se atribuir que o intuito de Cardoso se baseia na legitimação de sua concepção de História, visando deslegitimar as outras duas correntes tratadas em seu texto, o neopositivismo e o historicismo.

Em seu texto *Uma nova história?* Cardoso analisa uma possível “decadência dos Annales, [e um] recuo do marxismo...” em razão da adoção de um grau de irracionalismo adotado pelos Annales e por filósofos que estavam em voga nos anos de 1970 e 1980.¹⁷⁰ Nesse texto pode-se observar a constante reafirmação de que a história necessita ser entendida como um conhecimento holístico e cognoscível. Nesse sentido, História deve ser entendida enquanto um conhecimento que produz explicação do real, concreto. Portanto, qualquer discurso que tenha pretensão de desvirtuar a cientificidade da história deve ser não só deslegitimado, como também combatido. Tal proposta é posta em prática em relação ao filósofo Michel Foucault, pois segundo Cardoso,

o que me parece inadequado não é que os historiadores considerem de interesse, por exemplo, alguns dos temas tratados por Michel Foucault: eles são de interesse. E sim, que não percebam as tremendas deficiências do método com que os

¹⁶⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História...** *Op. cit.*, p. 18; 17; 16.

¹⁷⁰ *Idem*. **Ensaio racionalistas...** *Op. cit.*, p. 93.

aborda; e, claro, o caráter reacionário da teoria que sustenta o método em questão.¹⁷¹

Por mais que Foucault tratasse de temas que fosse de interesse do historiador, as premissas que envolviam a proposta pós-estruturalista desvirtuavam o trabalho de um historiador tradicional como Cardoso. Ou seja, o problema da “Nova História” e dos irracionistas como Foucault não se configura nos temas que são abordados, mas em como são abordados e qual a teoria sustenta tal empreitada. Se o questionamento proposto na pesquisa não tenha a intenção de *explicar* o fenômeno estudado e não perpassa em um sentido de efeito prático no meio social, logo ele não é um produto histórico reconhecido. Pois, se o historiador não tem a capacidade de explicar o real (nesse sentido, passado) por meio de um discurso verdadeiro, não existe uma legitimação acadêmica e social de sua função.

Um dos elementos que aparenta surgir nesse momento (produção da obra *Ensaio racionalistas*) é a crítica de Cardoso em relação a abertura do campo da História a outras disciplinas. Se anteriormente Cardoso afirmava a interdisciplinaridade como um elemento de legitimação e superioridade da ciência histórica instituído pela geração de Bloch e Febvre,¹⁷² nesse momento era tornado um caminho desvirtuante que introduzia “modismos irracionistas” no cerne da História, enfraquecendo-a. Podemos ver essa ação na forma em que o autor começa a questionar as contribuições especificamente de Foucault, ou seja, um filósofo que “praticou” o ofício historiográfico por meio da obra *História da sexualidade*. A preocupação de Cardoso gira em como a aceitação da proposta de Foucault como um modelo metodológico e teórico influenciava cada vez mais historiadores não só na França, mas também no Brasil. Portanto, Cardoso visou combater não só a proposta, mas a própria legitimação do autor no campo historiográfico. Pode-se observar essa percepção quando Cardoso afirma,

O ecletismo era também uma velha tendência: a interdisciplinaridade tão proclamada dos *Annales* servia para

¹⁷¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas...** *Op. cit.*, p. 110. Grifos do autor.

¹⁷² *Ibidem*, p. 95.

substituir a (inexistente) teoria do social por uma mescla de elementos disparatados, tomados de empréstimo à Sociologia, à Economia, à Demografia etc. [...] Até 1969, porém, havia, quando menos, alguma exigência de seriedade na erudição e nos procedimentos - o que depois foi jogado fora em proveito de variados modismos.

Como tudo isto era muito frágil e a recusa teórica estava presente desde o início, foi relativamente fácil ceder ante o estruturalismo e o pós-estruturalismo; estes davam, pelo menos, a ilusão de fornecerem pautas para construções - globais ou parciais - mais sólidas.¹⁷³

A posição de Ciro Cardoso em questionar a formação do intelectual que participa do debate teórico/epistemológico da história foi um dos elementos de argumentação na sua ofensiva contra os ditos irracionalistas da história. Se esses autores não tem a legitimidade do campo para acrescentar algo ao conhecimento histórico, os próprios historiadores não deveriam dar vazão as preposições formuladas por esses indivíduos. Contudo, se torna um problema quando historiadores legitimados adotam perspectivas que questionam o “modelo” teórico-metodológico creditado por Cardoso. Chamo atenção para sua contínua crítica a terceira geração dos *Annales*. Como a própria abertura de seu capítulo questiona: “mais um crepúsculo da razão?”.¹⁷⁴ A questão colocada pelo autor é justamente uma tentativa de deslegitimar os historiadores que começam a adotar teorias e questões de outros campos como a Antropologia e a Filosofia que estavam ocorrendo naquele contexto. Se no início da década de 1970, como afirmado anteriormente, a crítica de Cardoso centrava em como a historiografia latina estava atrasada visto o que era produzido na Europa, o quadro se modifica ao longo da década de 1980. Como Ciro afirma,

as ‘últimas novidades chegadas de Paris’ trazem sobretudo mensagens irracionalistas, uma espécie de neo-anarquismo cultural, formas abertas ou insidiosas de idealismo, um reforço do liberalismo (às vezes disfarçado de ‘socialismo democrático’);

¹⁷³ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas...** *Op. cit.*, p. 100.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 93.

quando não uma assim chamada ‘nova Filosofia’, violentamente reacionária e antimarxista”.¹⁷⁵

Essas novidades, consideradas pelo autor como irracionais, possibilita pressupor que as propostas que não seguiam o modelo de historiografia proposto pelos *Annales* pré-1969 (forma que o autor chama a geração de Bloch, Febvre e Braudel) foram questionadas de duas formas: 1º se o proponente tinha legitimidade para assim o fazer; 2º se a proposta não questionava o modelo de “ciência” estabelecido até o início do século XX. A relação entre esses dois pontos aparece como argumento contra historiadores e filósofos que propõem novas formas de se pesquisar em História. Além disso, chamo atenção para como Cardoso denota a “intromissão” de agentes externos do campo histórico e os efeitos de suas ações.

Em *Ensaio racionalistas*, o autor utiliza pela primeira vez a noção de que teóricos nem sempre são historiadores, quando afirma que Bloch e Febvre “não gostavam de envolver-se em intermináveis discussões abstratas que viciavam os debates tradicionais entre os filósofos e os teóricos da História (muitos dos quais *não eram historiadores*)”.¹⁷⁶ Esse mesmo tipo de percepção pode ser notada em outros trabalhos posteriores. Tomo como exemplo o questionamento do lugar ou as propostas desses autores, como feito em uma resenha que Cardoso fez do livro *From modernism to postmodernism*, do filósofo Lawrence Cahoon.¹⁷⁷ Cardoso salienta que nas livrarias dos Estados Unidos filósofos como Foucault, Derrida, Deleuze e o historiador Theodore Zeldin não são considerados autores reconhecidos de seus respectivos campos (filosófico e histórico) em razão de sua abordagem pós-moderna, sendo legados à crítica literária por serem, nas palavras do autor, “algo meio alienígena” em suas propostas.¹⁷⁸

¹⁷⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas...** *Op. cit.*, 1988, p. 93.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 97. Grifo meu.

¹⁷⁷ A proposta do livro de Cahoon é fazer um mapeamento dos filósofos que construíram o projeto de modernidade, passando por seus argumentos, até os filósofos considerados pós-modernos e sua crítica ou negação de tal empreendimento.

¹⁷⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. Modernismo e pós-modernismo numa antologia de alto nível. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 196-201, p. 3, 1997.

Algo semelhante pode ser notado em seu artigo *Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo*, de 1998, quando Cardoso utiliza o termo “teóricos” ao se referir a Hayden White e a Hans Kellner.¹⁷⁹ Como se os historiadores estivessem ligados a uma prática que não pertencesse ao campo historiográfico. Sendo que, em entrevista publicada em 2007, Dominick LaCapra e Hayden White são considerados pelo historiador como autores problemáticos em razão de serem “pessoas com formação em literatura, não em História”,¹⁸⁰ o que não era verdade. Existe uma tentativa do autor de separar certos autores de sua posição no campo historiográfico, como é o caso de White. Podemos observar essa mesma ação quando o autor engloba Hayden White em um grupo de filósofos considerados “pós-modernos” como Martin Heidegger, Edmund Husserl e Paul Ricoeur, para afirmar a partir de David Carr que esses autores “postula[m] uma descontinuidade radical entre a narrativa e o mundo real físico ou humano”.¹⁸¹ Contudo, pode-se observar que a estrutura de argumentação se modifica quando o autor de uma leitura “irracionalista” parte de um autor consagrado como historiador profissional em seu próprio país.

Ciro Cardoso ao analisar o texto de um par renomado dentro da disciplina de História Antiga, em uma comunicação de 2011, exprime bem sua ainda constante preocupação com o estatuto da verdade enquanto representante do real e a capacidade da razão de apreender tal objeto. Cardoso ao iniciar seu questionamento acerca do conceito de verdade, proposto pelo historiador José A. Dabdad Trabulsi, afirma que:

Trabulsi professa não acreditar que se possa atingir a verdade na escrita da História. Em suas palavras: ‘pessoalmente, nunca acreditei muito na verdade em História e acredito nisso cada vez menos’ [...]. E ainda: ‘Acreditou-se por muito tempo na verdade em História, quase sempre na própria verdade de cada um, aliás, pensando tratar-se de uma questão de qualidade profissional’, ou de ‘probidade intelectual e de honestidade pessoal’. Embora ainda

¹⁷⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo*. **Diálogos**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 47-64, 1998.

¹⁸⁰ *Idem*. Entrevista. Entrevista concedida a Critiano Alencar Arrais. **Emblemas...** *Op. cit.*, p. 16.

¹⁸¹ *Idem*. *História e Paradigmas rivais...* *Op. cit.*, p. 21.

haja muitos que gostariam de continuar acreditando nessa verdade, prossegue o autor, embora a honestidade e a probidade sejam exigências legítimas feitas ao historiador profissional, ‘mesmo se praticadas no nível mais alto, jamais garantirão a verdade na interpretação do passado’.¹⁸²

A questão elencada por Trabulsi denota um questionamento das premissas anteriormente exposta por Rorty, ou seja, que a verdade pode não corresponder ao real e nem possuir uma natureza intrínseca,¹⁸³ sendo um argumento considerado irracionalista. A posição de Trabulsi exposta por Cardoso vai ser criticada ao longo da comunicação, sempre no sentido de trazer um entendimento de que a verdade, por mais que tenha uma série de problemas, deva ser tratada como absoluta. Qualquer relativização acerca do entendimento de que a verdade exprime a possibilidade da razão de alcançar e explicar o real deve ser combatida, seja por meio das ciências humanas ou naturais. Nas palavras de Cardoso:

nosso autor defende no abstrato uma postura radicalmente cética sobre a verdade em História para, depois, ao criticar outros historiadores, se comportar como se existisse uma verdade histórica que é ela mesma histórica, portanto mutável, parcial (incompleta) e cumulativa – sem o qual não se poderia acusar autor algum de estar ‘superado’.¹⁸⁴

O fato de ser um par legitimado no campo produz a necessidade de o autor explorar o argumento de que existe um elemento de legitimação na utilização do conceito de verdade, para além de seus problemas teóricos e epistemológicos. O questionamento feito por um historiador, que segundo Cardoso, é estimado como um dos maiores nomes da historiografia antiga no Brasil demanda uma resposta que justificasse o “erro” do colega em fazer afirmações que ferisse o estatuto científico da História. Contudo, Ciro Cardoso

¹⁸² CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e verdade**. [s.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/12320917/Palestra_Hist%C3%B3ria_e_Verdade. Acesso em: 07/08/2021.

¹⁸³ RORTY, Richard. Verdade, universalidade e política democrática (justificação, contexto, racionalidade e pragmatismo)... *Op. cit.*, p. 104.

¹⁸⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e Verdade**... *Op. cit.*, p. 5.

reafirma que “o fato de que o vá criticar longe está de significar que eu negue o seu enorme valor no ambiente da disciplina e da prática”.¹⁸⁵ Portanto, ao contrário de outros autores que Cardoso produz críticas, utilizando termos que os englobam a certas correntes consideradas irracionistas, em razão de tratar-se de um historiador brasileiro de renome, o autor faz ressalvas que justificassem o “equivoco” cometido. Como pode ser constatado no trecho a seguir:

Nota-se também que como Dabdab Trabulsi longe está longe [sic] de ser um pós-moderno, não acredita que escrever História e escrever ficção sejam exercícios idênticos. Mas, acha ele, o recurso à documentação, que faz a diferença entre ambas as escritas, pouco garante quanto à verdade.¹⁸⁶

Cardoso ao longo dessa exposição reverbera o conceito de verdade como elemento estruturante da ciência histórica, explorando de forma mais profunda as razões que sempre elenca como necessárias para a produção desse conhecimento. Pode-se até mesmo constatar a tentativa do autor em fundamentar uma justificativa teórica para o problema da verdade, sendo um conceito plástico e maleável, não absoluto e vulgar que perpassa por uma intensa teorização acerca de seus pressupostos e implicações para as ciências humanas e naturais. Porém, identifico que a importância do conceito de verdade, por mais que passe por elementos teóricos e fundamentais em sua arguição, é ancorada sempre na responsabilidade social do historiador frente a sociedade. Como podemos exprimir do texto quando Cardoso expõe que:

O que me interessava ao, pelo menos, mencioná-las [debates acerca da verdade], era mostrar como se afigura *ingênuo e inaceitável* discutir sobre se há ou não verdade em História – que se supõe ser uma disciplina, senão científica (a enormes debates a respeito), pelo menos racional – do modo vulgar do dia a dia e se referindo a verdades absolutas mas vagas; coisa, porém, infelizmente muito comum ainda entre historiadores.¹⁸⁷

¹⁸⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e Verdade...** *Op. cit.*, p. 1.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 2.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 10. Grifo meu.

A forma como o autor chama a atenção para sua indignação com a questão de a verdade ser ou não pautada no debate teórico pode ser entendida como uma preocupação, como afirmado anteriormente, com o estatuto científico e de legitimação da História no ambiente social e acadêmico. Pois se a História não produz um conhecimento formador de explicações verdadeiras acerca do passado, logo ela não tem o mesmo peso no debate social que outras ciências sociais detêm.

Um segundo ponto que destaco é a correlação entre verdade e realidade que está atribuído ao conceito utilizado por Cardoso. Seguindo o próprio argumento do autor, o objetivo final da produção científica baseia-se na capacidade de a razão formular um conhecimento que explique o real, esse real sendo sinônimo de verdade.¹⁸⁸ Essa correlação anteriormente exposta na segunda premissa de Rorty pode ser compreendida em uma crença na razão e no projeto racionalista formulado ao longo dos séculos XVIII e XIX, possibilitando a formulação de sociedades de estudos que se tornam instituições de saber, como demonstradas por Certeau.¹⁸⁹ Portanto, não seria errôneo a afirmação de que Ciro Cardoso defende uma concepção moderna de ciência, pautada por um racionalismo. O racionalismo parte da premissa em “que enfatize o papel da razão, que nesta perspectiva garante a aquisição e justificação do conhecimento sem auxílio”.¹⁹⁰ Esse conhecimento fundamenta um avanço científico que transforma e beneficia o social. Portanto, a História, como conhecimento capaz de produzir uma escrita explicativa acerca do passado, ou uma escrita parcialmente verdadeira do passado, também carregaria simbolicamente o projeto moderno de ciência que ativamente atua na transformação social.

O fato de Trabulsi está problematizando justamente a falta de capacidade de o historiador garantir, por meio da razão, uma explicação “verdadeira” dos fenômenos o colocaria entre os ditos irracionalistas. Contudo, afirmo que a preocupação de Cardoso transpassa a preocupação teórica, por mais que para ele isso representasse ter que aceitar/conviver com certas afirmações de

¹⁸⁸ Cf. *Idem. Uma introdução à História... Op. cit.*

¹⁸⁹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História...** *Op. cit.*, p. 52-53.

¹⁹⁰ BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 333.

historiadores da “Nova História Cultural” como Roger Chartier, ou o próprio debate realizado com Trabulsi.

Nesse sentido, não seria falso afirmar que, para Cardoso, o que está em disputa não são somente debates teóricos e epistemológicos acerca da cientificidade da História, se existe ou não verdade em História ou até mesmo se a História, como possível conhecimento holístico, é capaz de produzir explicação e gerar sentido. Além da importância desses elementos pode-se conjecturar que perpassa em seus textos uma preocupação, e essa se configura como de ordem ética. Como pode-se notar em um trecho em que, ao exemplificar a contribuição dos *Annales*, aponta como um dos elementos centrais “o reconhecimento da ligação indissolúvel e necessária entre presente e passado no conhecimento histórico, contra qualquer concepção que negue as *responsabilidades sociais do historiador*”.¹⁹¹ Seria possível compreender um pouco essa exigência, tomando como referência uma fala do historiador italiano, Alessandro Portelli para o qual

como somos agentes ativos da história e participantes do processo de fazê-la, cabe-nos situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas. Em última análise, as diretrizes éticas [...] terão razão de ser apenas se constituírem manifestações externas de uma consciência mais abrangente e profunda do compromisso pessoal e político com a verdade e a honestidade, na medida de nossas possibilidades.¹⁹²

Do irracionalismo à pós-modernidade

Todos os tópicos apresentados anteriormente e defendidos por Cardoso estão profundamente relacionados com a legitimidade da História no meio social, com a necessidade em produzir uma consciência histórica que tenham efeitos práticos na sociedade. Nesse sentido, o que entendo que é configurado como um possível problema *de fato* para Cardoso era o avanço de um discurso

¹⁹¹ *Idem. Uma introdução à História... Op. cit.*, p. 38. Grifo meu.

¹⁹² PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas referências sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, n.15, 1997, p. 13.

neoliberal para a historiografia. Utilizando de premissas relativistas, individualistas e fragmentarias, como as advindas do pós-estruturalismo e da virada linguística, formando uma possível base discursiva que poderia utilizada no intuito de minar a legitimidade da função do historiador frente o social. Podemos ver a preocupação de Cardoso quando o autor denota que adentrava um enfraquecimento da História e das Ciências Humanas por meio de duas correntes após 1968¹⁹³: pós-modernismo e o neoconservadorismo (entendido como neoliberalismo).

Para Cardoso, o pós-modernismo apresentava um “pessimismo radical” frente as possibilidades de transformação de tamanha envergadura que, ao ser tornando em um movimento que questionava a capacidade explicativa das ciências humanas, impossibilitava sua dimensão holística. Esse movimento “levou a um reforço do ceticismo, à revalorização de filosofias, como a de Nietzsche¹⁹⁴, [...] uma posição fortemente cética, principalmente quanto às possibilidades de explicação globais de movimentos globais”.¹⁹⁵ O irracionalismo afigurado como questionamento é projetado, portanto, como um paradigma.

¹⁹³ David Harvey em seu texto, *Condição pós-moderna*, afirma que as manifestações de 1968 marcaram um período simbolizado por uma quebra de paradigmas, pois “foi quase como se as pretensões as pretensões universais de modernidade tivessem, quando combinadas com o capitalismo liberal e o imperialismo, tido sucesso tão grande que fornecessem um fundamento material e político para um movimento de resistência cosmopolita, transnacional e, portanto, global, à hegemonia da alta cultura modernista. Embora fracassado, ao menos a partir dos seus próprios termos, o movimento de 1968 tem de ser considerado, no entanto, o arauto cultural e político da subsequente virada para o pós-modernismo”. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural... *Op cit.*, p. 44.

¹⁹⁴ A caracterização de Nietzsche na qualidade de “fundador” de um pensamento pós-moderno será retomada novamente mais adiante. Contudo, se faz necessário a pontuação acerca de como Cardoso o elenca como a persona que possibilita a abertura para um paradigma pós-moderno. Buscando evidenciar essa leitura, as contribuições de Rusley Biasutti, ao tratar da leitura Nietzsche feita entre os historiadores, inclusive a de Cardoso, aponta que a recepção da obra do filósofo “foi e tem sido bastante controversa”, em razão de suas considerações aos usos da História para a vida e da História enquanto ciência. Oriundas dessas considerações, Biasutti afirma que “entre os historiadores profissionais, as leituras de Nietzsche quando não feitas com a preocupação de defender o campo de ataques oriundos da crise epistemológica desencadeada pela pós-modernidade – e de certa forma podemos situar o filósofo na esquina que separa modernidade e pós-modernidade, daí o fulcral interesse em sua obra – as muitas outras leituras tendem à caricatura”. Para conferir mais sobre as interpretações acerca de Nietzsche no campo histórico conferir: BIASUTTI, Rusley B. **Nietzsche contra Nietzsche**: linguagem, história e política. Um estudo sobre a Segunda Consideração Intempestiva (1974). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018, p. 14; 12-29.

¹⁹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Cantareira...** *Op. cit.*, p. 1. Grifo meu.

O segundo movimento pós-1968, descrito por Cardoso, “foi uma adesão ao chamado neoconservadorismo, que em economia, é ligado ao neoliberalismo”. Esse segundo movimento se caracterizou pela crença em um sistema de explicação único. Como afirma o autor,

o neo-conservadorismo pratica o chamado pensamento único, isto é, [...] tudo que funciona, funciona assim porque tem que funcionar assim, e não poderia ser de outra maneira. [...], o neo-liberalismo, diante da chamada globalização, é o único caminho possível, então, ai há uma posição contrária da pós-moderna, que ela é afirmativa, que ela é hegemônica, que ela [é] certa, inclusive em nome dessa certeza que ela demoniza o inimigo.¹⁹⁶

Em resumo, a pós-modernidade é configurada enquanto cética as metanarrativas e o neoconservadorismo postula que não existe outra metanarrativa que tenham êxito se não ela mesma. Ou seja, Cardoso pontua a existência de uma negação retroativa que um movimento faz em relação ao outro.

Eu acho essas duas atitudes muito diferentes, uma não tem nada a ver com a outra no essencial, uma é cética, é pessimista, onde não podemos, não sabemos, por mais que queiramos, não podemos explicar, podemos apenas entender, e do outro lado, pelo contrário, é uma visão de mundo hegemônica, imperialista e forte”.¹⁹⁷

Essa exposição de Cardoso denota o *não-dito* exposto por Certeau, sendo “a exterioridade daquilo que se faz com relação aquilo que se diz”,¹⁹⁸ nesse caso, estando na percepção do autor da possível utilização que um movimento faz do outro. Se não existe metanarrativas que funcionem (pós-modernidade) e o neoconservadorismo postula a não existência de outra possibilidade que não a sua (capitalismo), logo, do segundo discurso pode se depreender um sentido de fortalecimento do primeiro em relação as outras metanarrativas que não a sua. Portanto, nota-se uma arguição, às vezes, em tom beligerante e defensora que

¹⁹⁶ Ibidem, p. 2.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 2.

¹⁹⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História...** *Op. cit.*, p. 75.

Cardoso empregou, como demonstrando anteriormente, tornando-se um discurso de conflito.

Buscando delimitar essa atuação combativa em seus discursos, parto do entendimento de que Cardoso utilizou como recurso coercitivo em seus discursos duas terminologias classificatórias ao longo de seus textos teóricos, sendo: a) irracionalistas, b) pós-modernos. Seguindo Foucault, o uso desse recurso teria como objetivo inicial a *interdição*. Questiona-se a legitimação de quem o faz pois, “sabe-se bem que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”,¹⁹⁹ portanto, contestando-se o lugar de quem pronuncia e descaracterizando a validade de seus conteúdos. Posteriormente carregaria o sentido de exclusão por negação, com a justificação pautada na proteção de uma pretensa vontade de verdade, assim reconhecendo o que Foucault delimita como

a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recoloca-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura.²⁰⁰

As terminologias, portanto, carregam como sentido a função de combater autores que, em alguma medida, proporcionavam um alargamento discursivo acerca do debate considerado por Cardoso como partícipe do que veio a chamar de paradigma pós-moderno na Historiografia, ou seja, potencialmente deslegitimador da disciplina. Contudo, como exposto anteriormente, esse processo se deu em camadas, evoluindo à medida que o debate acerca da teoria da história foi sendo desenvolvido e aprofundado no Brasil.

Primeiro, esses autores foram considerados irracionalistas, como já demonstrado e que intitula seu livro de 1988. Posteriormente serão categorizados como pós-modernos, ou seja, além de serem irracionalistas (céticos da viabilidade do projeto racionalista) também postulariam uma nova temporalidade. Pode-se observar essa percepção em seu texto chamado

¹⁹⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso...** *Op. cit.*, p. 9.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 20.

História e paradigmas rivais, publicado em 1997, onde está localizado de forma mais substancial a dualidade entre o que o autor chama de *paradigma “iluminista”* e o *“paradigma pós-moderno”*.²⁰¹ Ao iniciar a exposição de sua argumentação, Cardoso demarca o que seria o limiar entre os dois paradigmas:

uma das opções possíveis para definir o deslocamento de paradigma na área das humanidades e das ciências sociais que se liga, em nosso século, a um processo mais ou menos longo cuja fase decisiva parece ter sido 1968-1989 consistiria em vê-lo como uma vitória do corte interpretativo de origem alemã sobre o de origem francesa, sintetizando o que muitos pensadores contemporâneos vêem como o fim de uma longa fase na história dos homens e suas visões de mundo, começada com o Renascimento e intensificada com o Iluminismo: donde a designação usual deste fim de século como inaugurando um período pós-moderno.²⁰²

A “vitória” que Cardoso atribui como de corte interpretativo de origem alemã está justamente na relação entre hermenêutica e História. Segundo Jean Grondin “por hermenêutica entende-se, desde o primeiro surgimento da palavra no século XVII, a ciência e, respectivamente, a arte da interpretação”.²⁰³ Logo, o problema da interpretação e suas relações com a linguagem e respectivamente os questionamentos oriundos do pós-estruturalismo inflados pelo giro linguístico foram configurados como vitoriosos por Cardoso em meados dos anos de 1990.

Contudo, é possível pressupor que Cardoso parta do princípio de que o historicismo não carregue uma contribuição ao desenvolvimento da História na qualidade de ciência. Isso pode ser reconhecido de, ao menos, duas possibilidades naquele historiador: a) ação deliberada que visava o reconhecimento somente do marxismo e dos *Annales*; b) a excessiva reafirmação da historiografia francesa, portanto, resultando em um discurso

²⁰¹ Aqui se faz necessário salientar que Ciro Cardoso desenvolve críticas pontuais a certos autores que ele considera como pós-modernos e, caso fosse analisar a argumentação do autor em relação a cada um, divagaria muito em relação ao objetivo proposto nessa parte. Acredito ser frutífero a realização de tal empreendimento em um momento futuro.

²⁰² CARDOSO, Ciro Flamarion. *História e Paradigmas rivais... Op. cit.*, p. 2

²⁰³ GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica Filosófica**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999, p. 23.

francófilo. Pode-se ainda afirmar que as duas possibilidades se correlacionam, além de ser justificada em razão de sua formação como historiador. O exposto constitui um problema no discurso de Cardoso pois, a contribuição do historicismo para a disciplina em sua busca em ser aceita como científica é vasta. Como afirma Julio Benvivoglio ao analisar a posição de Verena Alberti:

Talvez fosse o caso de reputar o historicismo como um dos grandes paradigmas da história, [...] [esquecem-se] que aspectos decisivos tanto da escola histórica alemã, quanto da hermenêutica filosófica, inspirados no historicismo, oferecem rico painel para o debate disciplinar e para se entender a formação de uma *ciência* da história, marcando ainda todo o pensamento social do século XX. Face ao avanço do relativismo, à problematização da narrativa na história, à complexidade da noção de documento, à redução de escala de análise do social e do individual, ou ainda em relação ao sentido do passado, as contribuições de ambos – historicismo e hermenêutica foram decisivas.²⁰⁴

Pode-se citar ainda Benvivoglio no intuito de rememorar a importância que a historiografia alemã exerceu sobre Lucien Febvre e principalmente a Marc Bloch, já que em “Estrasburgo sintetizava esse espírito de renovação do pensamento francês e da influência científica exercida pelos alemães [nos dois historiadores].²⁰⁵ Portanto, a segunda metade do século XX marcava o avanço da interpretação sobre a explicação, podendo ser exemplificada pela Nova História, “já que ela é a ‘história em migalhas’, preocupada centralmente com a diversidade dos objetos e a alteridade cultural, entre sociedade e dentro de cada uma delas”.²⁰⁶ Pontos marcantes que foram debatidos no historicismo voltavam a estar em pauta, tanto na historiografia francesa quanto na brasileira.

²⁰⁴ BENTIVOGLIO, Julio. História e Hermenêutica: a compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **Opsis**, v. 7, n. 9, p. 70, jul.-dez. 2007. Grifos do autor.

²⁰⁵ Cf. *Idem*. Desconstruindo Marc Bloch (1886-1944). **Academia.edu**, [s.d]. Disponível em: https://www.academia.edu/26629938/Desconstruindo_Marc_Bloch. Acesso em: 05 mai. 2022; *Idem*. Marc Bloch (1886-1944). In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

²⁰⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas rivais p. 3

Nessa sequência, Cardoso compreendia que o historicismo era constituído como síntese de um projeto de História que rivalizava com o proposto pelo paradigma iluminista, o qual “opôs-se, neste século [XX], durante várias décadas e com bastante sucesso, ao historicismo em suas várias vertentes²⁰⁷ [...] e ao método estritamente hermenêutico ou interpretativo que tal corrente propugnava”.²⁰⁸ Além disso, o autor pretendeu fazer de seu texto, de 1997, uma janela de defesa contra essa empreitada irracionalista que teria raízes no historicismo tal como ele o concebe.²⁰⁹ Para isso, Cardoso buscou evidenciar aqueles que classifica como filósofos críticos da modernidade. Em um sentido mais explícito, Cardoso afirma que

um primeiro grupo de críticas ao paradigma ‘iluminista’ em seu conjunto tem um caráter amplo – filosófico e epistemológico – que, até certo ponto, deriva de um abandono dos pontos de referências filosóficos até então preferidos (a alternativa: Hegel e Marx de um lado ou Kant do outro), inseridos no grande âmbito do racionalismo moderno, em favor de outros que são semi-racionalistas (Karl Popper, Noam Chomsky) ou irracionalistas (Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e, no campo da filosofia da ciência, P. Feyerabend e Thomas Kuhn).²¹⁰

²⁰⁷ Para compreender os vários sentidos e debates que circunscrevem o conceito de historicismo, conferir a introdução da tese de Marcelo Durão Rodrigues da Cunha, no qual o historiador debate com flego as implicações e complexidades que tal corrente e suas vertentes carregam. Cf. CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. **A História em tempos de crise: Friedrich Meinecke (1862-1954) e os problemas do historicismo alemão.** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017, p. 17-26.

²⁰⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas rivais p. 3.

²⁰⁹ A compreensão de Ciro F. Cardoso do historicismo é no mínimo reducionista e problemática. Provavelmente ele compartilha de uma posição equívoca que o associa ao positivismo e a uma história factual e demasiadamente conservadora. Para acompanhar melhor o debate em torno do historicismo seria útil consultar: BARROS, José D’Assunção. Historicismo: notas sobre um paradigma. **Antíteses**, n. 5, v. 9, p. 391-419, 2012; CALDAS, Pedro Spinola Pereira. As Dimensões do Historicismos: Um estudo dos casos alemães. **OPIS**. v. 7, n. 9, p. 47-66, 2007; FALCON, Francisco. Historicismo: antigas e novas questões. **História Revista**, n. 7, p. 23-54, 2002; HERMANN, Paul. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais. **História da Historiografia**, v. 21, p. 25-42, 2016; MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: Tese, Legado, Fragilidade. **História Revista**. v. 7, p. 1-22, 2002; MATA, Sérgio da. Anos de aprendizagem de um jurista formado “numa perspectiva histórica”: Max Weber e o historicismo. **História da Historiografia**, v. 6, p. 64-80, 2011; MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. **A Dinâmica do Historicismo**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

²¹⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas rivais, p. 10.

Chamo atenção, primeiramente, para a afirmação da existência de um semi-racionalismo que questionaria o paradigma iluminista, mas não o negaria, demonstrando uma possível aceitação de certos questionamentos feitos ao “modelo racionalista”. Como demonstrado anteriormente, autores como Roger Chartier, que fazem parte da Nova História, já não representam um irracionalismo tal qual os ‘pós-modernos’. Pode observar essa conotação em texto publicado três anos depois, no qual Cardoso afirma que

Se quisermos ser mais específicos, a postura de Chartier parte de quatro elementos: [...]; 4) da fidelidade, *apesar de tudo*, à história encarada como ciência social (uma das premissas tradicionais dos *Annales*), por meio do que se volta contra os *representantes mais radicais da ‘virada linguística’*, como Hayden White.²¹¹

O irracionalismo passa a ser tratado em camadas, em graus, como já exposto seguindo a proposição de Richard Rorty. Intelectuais irracionalistas seriam aqueles que, segundo Rorty, “tem dúvidas acerca de uma ou outra dessas três premissas [...]. Graus de irracionalidade são atribuídos, segundo quantas dessas premissas o filósofo suspeito nega [...]”.²¹² A existência da impossibilidade de se retratar o real, o questionamento da capacidade da razão, na concepção exposta por Cardoso, seriam elementos deslegitimadores da sua própria concepção de ciência, logo, a autolegitimação social da História. Nesse sentido, o paradigma pós-moderno está assinalado justamente por filósofos e historiadores que praticariam propostas “irracionalistas” que não só questionariam, mas em certa medida, negariam o projeto moderno. Conforme expõe Ciro Cardoso, o paradigma pós-moderno, que seria vinculado a um irracionalismo “radical”, significaria que

no mundo em que agora vivemos, qualquer ‘metadiscurso’, qualquer teoria global, tornou-se impossível de sustentar devido ao colapso da crença nos valores de todo tipo e em sua hierarquização como sendo universais, *o que explicaria o assumido nihilismo*

²¹¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000, p. 12.

²¹² RORTY, Richard. Verdade, universalidade e política democrática (justificação, contexto, racionalidade e pragmatismo... *Op. cit.*, p. 105.

*intelectual contemporâneo, com seu relativismo absoluto e sua convicção de que o conhecimento se reduz a processos de semiose e interpretação (hermenêutica) impossíveis de serem hierarquizado de algum modo que possa pretender ao consenso.*²¹³

Partindo de uma compreensão dicotômica, Cardoso expõe que o pós-moderno além de não partir de uma formulação hierárquica de discursos, erra ao assumir uma postura niilista. O traço que norteia novamente o texto de Cardoso é a preocupação com a relativização, dita enquanto absoluta, da importância do discurso histórico. Como afirma ao levar o relativismo radical: “as interpretações são necessariamente múltiplas a respeito de um dado tema; e inexistem formas aceitáveis de escolher entre elas. São todas válidas se satisfizerem aos critérios do autor e daqueles que com ele concordarem”.²¹⁴ Ora, caso não tenha possibilidade de se chegar a consensos, e nem categorizar discursos verdadeiros de falsos, o que legitimaria a História?

Ainda sublinho como Cardoso chama a atenção para o modo de argumentação que “os pós-modernos costumam [utilizar], com efeito, ser mais apodícticos e retóricos que argumentativos: abundam em seus textos as afirmações apresentadas como se fossem axiomáticas e auto-evidentes [...]”.²¹⁵ Contudo, Cardoso não fez o mesmo em seus manuais, ou mesmo quando utiliza de sátira ou ironia ao questionar o argumento contrário em seus textos? Por exemplo, ao citar Keith Jenkins e a falha em seu questionamento acerca das fundamentações que sustentam o discurso científico da História, afirma o autor “procurar-se-ia em vão em seu livro um esclarecimento de qual é, afinal, a base de poder de seu próprio discurso”.²¹⁶ Porém, ao fazer tal constatação, Ciro Cardoso não apresenta um argumento que de fato inviabilize o questionamento proposto por Jenkins. Ao contrário, o autor tem a preocupação de reafirmar a fraqueza do argumento combatido e utiliza-lo de modo a reafirmar seu discurso como mais eficiente.

²¹³ CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas rivais... *Op. cit.*, p. 39-40 do pdf. Grifo meu.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 46 do pdf. Grifo meu.

²¹⁵ *Ibidem*.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 46-47.

Em se tratando do texto *História e paradigmas rivais*, muito ainda poderia ser elencando como objeto de labuta e que, posteriormente, voltou em exposição no texto *Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo*.²¹⁷ Porém, chamo atenção para a percepção de descrença que Cardoso aparenta frente as questões que ora tentava combater pois, elas permaneceriam a ser recorrentes no campo historiográfico. Como afirma:

O que estou querendo dizer é que, no caso da Nova História, como neste capítulo tomamos a expressão, alguns de seus aspectos vieram para ficar, entre eles a ampliação considerável dos objetos e estratégias de pesquisa e a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões necessárias e legítimas de análise histórica.²¹⁸

Mesmo em relação à posição, dita pós-moderna, Cardoso finalizava o texto se “recusando firmemente” a acreditar em uma relativização total da História: “Não creio que estejamos obrigados a passar do rigor formal e muitas vezes ilusório do cientificismo para algo tão limitado quanto uma ‘busca interpretativa culturalmente contextualizada’, uma hermenêutica que esgote em si mesma”. Portanto, por mais que a expectativa do horizonte historiográfico do final da década de 1990 não fosse tal qual foi em meados da década de 1980, Cardoso ainda buscava deslegitimar a aproximação de teorias avessas ao modelo historiográfico defendido por ele. Contudo, pode-se afirmar que a tentativa de excluir ou frear a inserção do que Cardoso considerava como o “paradigma pós-moderno”, não obteve êxito em sentido amplo.

No livro *Novos domínios da História*, lançado 15 anos depois de seu predecessor, chamo atenção a dois elementos que denotam essa falta de êxito: a) a reavaliação do discurso enfático e pragmático; b) a falta da persona acadêmica de Flamarion Cardoso. Sobre o primeiro, os organizadores Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas iniciam o livro com uma exposição breve dos “resultados” que teriam advindos da primeira publicação, sendo fortune ressaltar

²¹⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo...* *Op. cit.* p. 47-64.

²¹⁸ *Idem*. **História e Paradigmas rivais...** *Op. cit.*, p. 50.

a ressalva que fazem em relação ao termo “polêmica” e “controvérsia”. Como pode-se observar:

os debates, se bem que numerosos e acirrados, configuram, segundo Noiriél, polêmicas, e não controvérsias. Com isso queremos dizer que neles enfrentam-se historiadores cujas divergências mostram existir um terreno comum muito menor (e defendido com maior dificuldade) do que no passado. A multiplicação de polêmicas seria mesmo ‘uma das provas mais espetaculares da dimensão das incompreensões que minam a comunidade’.¹ Independentemente da opinião que se possa ter a respeito, não parece ser duvidoso que a história presente, hoje em dia, uma diversidade de temáticas, abordagens e concepções muito mais evidentes do que acontecia, digamos há trinta ou quarenta anos.²¹⁹

Portanto, se no livro de 1997 a introdução era enfática e apresentava uma visão pragmática acerca do paradigma pós-moderno como elemento a ser superado, posteriormente ele se tornou algo a ser considerado. Não mais como paradigma, mas como um movimento de “desconstrucionismo” com a mesma legitimidade que os outros dois expostos em seu texto, o construcionismo e o reconstrucionismo. Portanto, não está mais em questão deslegitimar tal movimento, não mais se pretende a superação ou exclusão total do dito paradigma pós-moderno, pois ele havia chegado para ficar. Como Cardoso assinalou,

Ao ocupar-se do embate entre tendências epistemológicas em história, o estudioso deve levar em conta que *todas* as posturas epistemológicas aqui tratadas continuam presentes e ativas, sendo falso acreditar que alguma delas tenha sido refutada com consenso (pretende-lo é simples arrogância).²²⁰

²¹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Apresentação. *In: Idem. Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. XI.

²²⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: História e conhecimento – uma abordagem epistemológica. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 18. Grifo do autor.

Como afirmado, ocorreu uma reavaliação de como deveria abordar a temática, não mais apresentando formas de deslegitimá-la, mas sim procurando considerar os pontos positivos e negativos de tal proposta. Isso pode ter ocorrido por uma série de questões. Uma que elenco como possibilidade é a avaliação dos próprios organizadores acerca do patamar que o debate acerca da Teoria da História foi aprofundado no Brasil daquele momento.²²¹ Não sendo mais possível apresentar argumentos que visavam, além da crítica, uma determinada postura teórica e caricaturá-la, gerando mais aberturas para questionar a legitimidade de tal proposta.

O segundo ponto que destaco é a ausência da persona acadêmica característica de Ciro Cardoso. Como proposto por João Ohara, “a persona acadêmica é um repertório de características em relação às quais um indivíduo se situa para ser reconhecido enquanto historiador”.²²² Ou seja, a forma crítica que Cardoso empregava em sua escrita como um historiador enfático, sempre na primeira pessoa e de forma crítica, ressaltando a importância do marxismo e das primeiras gerações dos *Annales*, não mais estavam presentes. Encontra-se uma persona tradicional, de historiador que apresenta as propostas teóricas diversas de forma desapaixonada, serena e buscando a imparcialidade. Portanto, troca-se a vestimenta do historiador combatente por uma mais ordinária, usualmente praticada na historiografia, de cordialidade e consideração.

Essa preocupação na forma de escrita de Cardoso pode ser entendida como uma percepção de como suas contribuições ao debate teórico foi recepcionada. Talvez não por Cardoso, mas por seus pares. Nesse sentido, torna-se importante expor e apresentar uma leitura acerca da fortuna crítica que a visão de Ciro Cardoso teve e tem na teoria da história. Afinal, a legitimação de um historiador, como afirma Certeau, estão justamente nas leis que regem o

²²¹ Cf. SANTOS, Wagner Geminiano dos. **A invenção da historiografia brasileira profissional...** *Op. cit.*

²²² OHARA, João R. Munhoz. **Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017, p. 24.

meio, entendido aqui como os próprios pares da área de teoria, nesse caso, a “polícia do trabalho”.²²³

A crítica visita o crítico: recepção como disputa.

A fortuna crítica que circunda as contribuições de Ciro Cardoso na historiografia brasileira é vasta. Portanto, com o sentido de circunscrever apenas a sua contribuição ao debate teórico a exposição será pautada por leituras interpretativas e críticas já realizadas acerca dos argumentos de Ciro Cardoso em relação a pós-modernidade. Listo historiadores como, Durval Muniz de Albuquerque (2006), Carlos Alvarez Maia (2010), Temístocles Cezar (2015), Aline L. Garcia, Gabriel Giannattasia e Antonio Benatte (2017), Wagner Geminiano dos Santos (2018) e Guilherme Moerbeck (2019) no intuito de observar se há um consenso na interpretação que esses autores deram para as argumentações de Cardoso. A seleção segue esse sentido em razão dos autores terem elencado Ciro Flamarion Cardoso e suas contribuições especificamente como análise, portanto, atribuindo sentido em relação a proposta do autor.²²⁴

O primeiro historiador a quem chamo atenção é também o mais enérgico em produzir uma resposta a leitura proposta por Ciro Cardoso acerca dos “pós-modernos”, sendo Durval Muniz de Albuquerque. Em seu texto chamado *O historiador Naïf ou a análise historiográfica como prática de excomunhão*, faz reflexões relativas ao que chama de “cultura historiográfica” e busca elencar

²²³ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História...** Op. cit., p. 56.

²²⁴ Pode citar alguns trabalhos em que a contribuição de Cardoso aparece, mas não constitui tema central ou significativo. Cf. GODOY, João M. Teixeira de. Alguns desafios dos estudos de historiografia. **Projeto História**, n. 41, p. 195-214, dez. 2010; REIS, José Carlos. Marxismos e Annales: “programas Históricos” complementares, antagônicos ou diferenciados?. **Vária História**, Belo Horizonte, n. 19, p. 68-91, nov. 1998. Pode-se citar a própria Tese de João Ohara relativo a uma contribuição acerca da produção de Cardoso, contudo, que não passa pelo problema da pós-modernidade, focando-se em uma querela acerca do livro *O Egito Antigo*. Cf. OHARA, João R. Munhoz. **Virtudes Epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)**... *Op. cit.*, p. 65 *et seq.* Por fim, cito o artigo de José Campigoto, que trabalha justamente com a obra *Domínios da história*, porém, tendo como mote central as contribuições de Cardoso e Vainfas relativas ao problema específico da hermenêutica e suas complicações ao se aprofundar na leitura que os organizadores fazem e comparando-as as múltiplas concepções que aprofundam o tema. Cf. CAMPIGOTO, José Adilçom. Interpretação de textos, de história e de intérprete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 229-252, 2003.

quais traços dessa cultura reverberam na disciplina. Nesse caso, o principal interlocutor de Albuquerque é Ciro Flamarion Cardoso, mesmo não citando nominalmente o autor, toda sua crítica é estruturada em cima dos textos de Cardoso. O autor chama atenção que, em razão da abertura teórica da disciplina, muitos historiadores buscavam “avaliar o estado da arte no campo historiográfico”, porém, ao fazer tal empreendimento, acabavam realizando uma “abusiva adjetivação” daquelas propostas ora elencadas. Pode-se ver essa percepção no discurso de Albuquerque quando enfaticamente diz que,

“as análises que se fazem das obras ou de dadas correntes historiográficas não são feitas em termos substantivos, isto é, não estabelecem um diálogo com os conceitos, com os pressupostos, com a metodologia que estruturam as obras analisadas, não dialogam com o pensamento do autor ou com as conclusões a que chegou em sua pesquisa, mas procuram desqualificar a obra ou o autor brandindo contra ele meia dúzia de adjetivos que pretensamente o localizam no debate historiográfico e avaliam o valor de sua contribuição. Termos como pós-modernos, conservadores, neoconservadores, idealistas, populistas, ideológicos, irracionalistas, [...] são brandidos sem que nunca sequer se discuta o que significam, como se fossem auto-evidentes ou se houvesse consenso sobre seus significados, sendo usados, portanto, como meras pechas desqualificadoras que, ao invés de instaurarem o debate, o desestimulam de saída.”²²⁵

Albuquerque propõe um diálogo para além da caricatura que poderia ser feita, e em certa medida é, com Cardoso. Para isso, utiliza de cinco conceitos a abrir um debate para além da dicotomia exposta por Cardoso, buscando elencar questões possíveis a serem trabalhadas ao se pensar tais conceitos como: pós-modernidade; realismo; racionalismo; verdade e holismo. Para além da discussão específica, o que chamo atenção no texto de Albuquerque é a figura de Ciro Cardoso como um historiador estabelecido, exercendo um poder simbólico no campo que influencia o outro. Nesse sentido, “os estudantes passam a repetir as sentenças condenatórias exaradas por estes juízes

²²⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *naïf* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 192.

[Cardoso sendo o exemplo] da produção historiográfica” sem que se tenha lido a produção de tais historiadores ou filósofos.²²⁶ Para Albuquerque, essa ação configura um exemplo de como a historiografia reproduz elementos de formação da sociedade brasileira como as “relações pessoais, onde comumente imperaram relações de poder bastante autoritárias e excludente”.²²⁷

Esse excesso que busca a deslegitimação e exclusão do outro vigora nos textos de Cardoso, como demonstrado tanto anteriormente nessa dissertação como por Albuquerque em seu texto. Faz-se necessário afirmar que esse traço já havia sido questionando anteriormente por José Campigoto, mas de forma sutil, quando afirma que “Cardoso ridicularizou os intérpretes que achincalharam Marx e Engels. Se nos empenharmos em fazer chacotas do texto de Cardoso estaremos caindo naquilo que Gadamer chamou de armadilhas da linguagem”. Campigoto ainda traz traço semelhante ao exposto posteriormente por Albuquerque, “é possível, pensamos, discutir idéias e apontar as falhas dos métodos sem o recurso à desmoralização das pessoas que pertencem e defendem outras perspectivas teóricas e se utilizam de outros métodos de interpretação”.²²⁸ Por mais que o elemento dicotômico chame atenção no discurso de Cardoso, os autores ainda avaliam os elementos suscitados em seu texto de forma séria.

Carlos Maia não foge à regra em seu artigo chamado *Crise da história ou crise dos historiadores*, no qual trabalha com o conceito de crise relacionando ao *linguistic turn*, além de questionar os impactos da mesma na historiografia brasileira. Em seu texto, a figura de Cardoso aparece junto a Francisco Falcon como sendo dois dos mais renomados historiadores do campo, assim como exemplos de um diagnóstico de que a disciplina no Brasil também se encontrava em crise. Mais especificamente acerca de Cardoso, Maia afirma que

Quero refletir aqui sobre esta questão, contra aquilo que ele, Cardoso, possa, ou pretenda, designar sob a ideia de um modismo.

²²⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *naïf* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão... *Op. cit.*, p. 193.

²²⁷ *Ibidem*, 194.

²²⁸ CAMPIGOTO, José Adilçon. Interpretação de textos, de história e de intérprete... *Op. cit.*, p. 239.

Modismo é uma qualificação que já pressupõe uma desqualificação, uma crítica desabonadora, de descarte *a priori*, daquilo que deveria ser levado mais a sério; na realidade, é sintoma de um problema, e grave. Um problema que deve ser enfrentado.²²⁹

O que destaco no texto de Maia é justamente uma consideração, que transpassa o elemento coercivo do discurso de Cardoso, ou seja, perceber *para além* do limite discursivo que Cardoso impõe ao buscar debater em seus textos propostas “pós-modernas”. A finalidade que tanto Maia como os dois autores acima propõem é de que “hoje não é mais possível aos historiadores acomodarem-se naquele apelo à autoridade cientificista de um objetivismo factual, como o realizado por Ciro Cardoso, nem de omitirem-se ante os dilemas do tempo presente”.²³⁰

Traçando um perfil que foi construído por Ciro Cardoso em seus textos teóricos, pode-se afirmar que o traço marcante nessas três leituras seja a consideração do elemento passional do discurso de Cardoso. Seu apelo a autoridade e a tentativa de conservar aquilo que chamava de História ciência. Além disso, chamo atenção para o momento em que os três textos foram publicados, ou seja, momento em que Cardoso estava ativo, academicamente falando. Portanto, pode-se considerar como uma crítica direta produzida por seus pares no intuito de deslegitimar a finalidade discursiva de Ciro Cardoso. Como demonstrando por Certeau em relação às leis do meio e à polícia do trabalho anteriormente exposta, o elemento coercitivo e quase sentenciais do discurso produzido por Cardoso não passava mais alheio entre seus pares. Figurava uma nova reação a suas leituras belicosas, e essa composta por autores que justamente questionavam o elemento tradicional em seus textos.

Posteriormente ao falecimento de Ciro Cardoso, elenco os três textos publicados que não só visavam produzir um sentido as contribuições de Cardoso, como também os inserir no debate historiográfico da própria disciplina, na busca de uma memória disciplinar.

²²⁹ MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no *linguistic turn*, o caso brasileiro. **Projeto História**, n. 41, p. 355, dez. 2010.

²³⁰ *Ibidem*, 262.

Temístocles Cezar publicou em 2015 o texto *Hamlet Brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e indeterminação historiográfica (1970-1980)*, tendo como mote central a recepção do giro linguístico na historiografia brasileira. Em seu texto, Cezar realiza um levantamento de autores que fazem parte do desdobramento do *linguistic turn*, sendo que “o alcance do giro linguístico cobre estratos de tempo diversos e espaços – acadêmicos ou não – múltiplos. [Pois] seu impacto, seus efeitos ou potencialidades não são facilmente mensuráveis”.²³¹ O autor busca importantes nomes do campo histórico, filosófico e linguístico e realiza uma exposição acerca de cada contribuição a historiografia, no sentido de formar um quadro teórico acerca do debate oriundo de tal movimento.

Cezar afirma em sua análise que Ciro Flamarion Cardoso “foi quem assumiu a posição de porta-voz e defensor dos perigos que essas ‘distorções ou inversões radicais de perspectivas’ significariam para a historiografia”.²³² Ou seja, Cardoso foi alçado não mais aquele que produz um discurso, mas que produziu e, portanto, faz parte da memória disciplinar que era instaurada, principalmente no âmbito do debate teórico. Contudo, mesmo que Cezar atribua uma iniciativa na recepção ou “reação” a tais propostas, Cardoso ainda aparece pelo signo posto pelos autores anteriores. Portanto, por mais que tenham sido um dos primeiros produzir uma crítica às propostas do giro linguístico,

“Nessa primeira abordagem, embora Cardoso reconheça a validade de algumas temáticas [...], desde que adequadamente trabalhadas, a sua crítica ainda é muito difusa: trata-se de um ataque generalizado a quase toda a produção recente que não seja orientada pelo marxismo. Não há, por exemplo, uma aproximação entre Nova História, pós-estruturalismo ou pós-modernidade, [...], e muito menos uma demonstração do que seria o irracionalismo, em termos de teoria ou filosofia da história, de tais tendências.”²³³

²³¹ CEZAR, Temístocles. *Hamlet Brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e determinação historiográfica (1970-1980)*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 441, abr. 2015.

²³² *Ibidem*, p. 448.

²³³ *Ibidem*.

A crítica à Cardoso está justamente na falta de uma análise crítica daquilo que o autor chama de pós-moderno, para além de um sentido de deslegitimação. Para tanto, o autor continua as considerações de Cardoso com os argumentos do historiador Zaidan Filho, que compartilhava e procurava ir além das considerações de Cardoso.

Outro traço que não passa despercebido no texto de Cezar é justamente a comparação que o autor faz ao modo de escrita de Cardoso em relação ao seu par no livro *Domínios da história*. Se Cezar Cardoso produz uma análise difusa em relação ao “paradigma pós-moderno”, Cezar destaca o contraponto de Ronaldo Vainfas: “ressalta-se, contudo, que o mérito do livro e não restringir a participação de um ou outro autor em função de sua suposta posição em relação a esses dois paradigmas. Nesse sentido, ver a *ponderada conclusão* de Ronaldo Vainfas [...]”.²³⁴

Se Cardoso peca pelo excesso, operando pelo limiar do que seria um discurso historiográfico válido, Temístocles Cezar reafirma essa condição pela exaltação do texto de Vainfas, como também faz em relação ao *Novos domínios da história* pois, “mais uma vez, Ronaldo Vainfas, de modo elegante, faz o contraponto necessário na conclusão [...] *relativizando* certos argumentos muitos gerais de Cezar Cardoso”.²³⁵ Nesse sentido, existe uma delimitação do que seria aceitável ao se produzir uma crítica no debate teórico e o que não mais poderia ocorrer, não sendo necessário utilizar nenhum termo coercitivo ou que deslegitimasse pessoalmente a escrita de Cardoso.

Em outro caso, Aline Garcia, Gabriel Giannattasio e Antonio Benatte fizeram um balanço distinto do realizado por Temístocles. Ao invés do impacto do giro linguístico, os autores analisaram a recepção da pós-modernidade na historiografia brasileira, no artigo *O debate sobre a pós-modernidade na historiografia brasileira: tempo e narrativa (1985-2011)*. Em seu texto, os autores iniciam com uma exposição a partir do conceito de pós-modernidade desenvolvido pelo filósofo francês Lyotard e, buscam na historiografia brasileira

²³⁴ CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro... *Op. cit.*, p. 450. Grifo meu.

²³⁵ *Ibidem*. Grifo do autor.

“as questões que envolvem o tempo e o texto histórico em uma historiografia pós-moderna”.²³⁶

Ciro Flamarion Cardoso é apresentado desde o início do artigo como o “historiador brasileiro que mais escreveu sobre a questão” da pós-modernidade, o que denota um sentido de autoridade ao historiador. Ao longo do artigo, ao descrever como os historiadores marxistas recepcionaram o “tempo” pós-moderno, os autores inserem Cardoso como partícipe de uma corrente marxista que visava a defesa da história da crítica pós-moderna junto à Emília Viotti da Costa. Nesse sentido, Cardoso é afigurado não como aquele que deve ser criticado ou ressaltado, como feito anteriormente, mas levado em consideração na qualidade de um historiador profissional. As argumentações acerca do historiador sempre são realizadas em relação a outrem, não realizadas em si mesmas. Para isso, os autores afiguram que existe

uma corrente representada por aqueles que procuram estabelecer o estatuto científico da história e acreditam na existência de uma continuidade entre a narrativa e o mundo, ou seja, que a linguagem usada pelo historiador para escrever sobre o passado corresponde ao passado como narrativa. Nomes como Ciro Flamarion Cardoso, Francisco Falcon, Emília Viotti da Costa e Jurandir Malerba defendem essas proposições.²³⁷

Observa-se que as contribuições de Cardoso são consideradas além de validas, pertinentes. Os autores não fazem uma análise das argumentações dos historiadores descritos, já que essa não é configurada como um objetivo do artigo. Contudo, ao se expor as leituras dos pares de Cardoso, principalmente na crítica feita por Astor Diehl e Pedro Paulo Funari, os autores denotam que as considerações de Cardoso foram recebidas com crítica, com estranhamento. Mesmo que no caso de Diehl e Funari fossem previamente acordadas entre os críticos e o autor.

²³⁶ GARCIA, Aline L.; GIANNATTASIO, Gabriel; BENATTE, Antonio. O debate sobre a pós-modernidade na historiografia brasileira: tempo e narrativa (1985-2011). **Revista Expedições**, Morrinhos, v. 8, n. 3, p. 303. set./dez. 2017.

²³⁷ *Ibidem*.

Por último, a contribuição de Wagner Geminiano em seu livro intitulado *A invenção da historiografia brasileira profissional*, faz um parecer cirúrgico a contribuição teórica de Ciro Cardoso para a historiografia brasileira.²³⁸ Em seu livro, o historiador procura traçar uma geografia disciplinar no intuito de “pensar a espacialização do saber histórico no Brasil a partir dos anos 1980 e a constituição das hierarquias de espaços e lugares de inscrição e produção do discurso histórico nesse período”.²³⁹ Ao procurar evidenciar justamente as disputas engendradas na disciplina, Geminiano participa ativamente do debate constituído até então acerca da recepção de Ciro Cardoso, sendo esse um dos exemplos em seu texto ao tratar a crise da história oriunda dessas disputas.

Segundo Wagner Geminiano, “há quem diga que estejamos passando por uma crise de temporalidades, de regimes de historicidade, [...], crise de valores, crise da história, crise da historiografia e dos historiadores”,²⁴⁰ ou seja, de que o signo da crise paira sobre todos. Nesse contexto, Geminiano insere em sua análise Cardoso como um historiador profissional que, se empenhavam ao debate teórico e epistemológico com mais afinco, não buscando somente na teoria uma ferramenta. Há, portanto, uma separação para o autor entre os historiadores marxistas que buscam na teoria apenas a aplicabilidade como modelo e marxistas que buscavam pensar o conhecimento teórico para além de uma caixa de ferramentas, nesse caso, Ciro Cardoso e Michel Zaidan.²⁴¹

Em relação a Cardoso, Geminiano é categórico em atribuir ao carioca como “um dos primeiros historiadores a *gritar ou bradar* em torno de uma suposta ‘crise’ da História”.²⁴² Aparece novamente o elemento passional de Cardoso como traço inicial de exposição. Contudo, diferente dos autores anteriores, Geminiano produz um entendimento aprofundado acerca de Cardoso e suas razões em se produzir um discurso que bradava contra a “crise”.

²³⁸ Em razão de ser o autor que mais aprofunda uma contribuição analítica acerca dos escritos de Ciro Cardoso, irei me ater de forma mais longa a explorar as análises do autor.

²³⁹ SANTOS, Wagner Geminiano. **A invenção da historiografia brasileira profissional...** *Op. cit.*, p. 26.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 257

²⁴¹ Aqui, nota-se a continuidade da análise realizada por Temístocles Cezar, na qual Geminiano utiliza da dupla novamente para evidenciar a resposta ao giro linguístico e a proposta pós-moderna por meio do sentido de crise.

²⁴² *Ibidem*, p. 261. Grifo meu.

Primeiro, Cardoso é inserido em uma tradição que é “contemporâneo de dois momentos ou de dois processos bastante angustiantes e até certo ponto traumáticos para o marxismo, no geral, e os historiadores a ele ligados”:²⁴³ o fim da união soviética e a “vitória” de um modelo capitalista no Brasil pós-ditadura. Além disso, Cardoso pertence a um grupo de historiadores que se viam diante de novas propostas teóricas divergentes das quais defendiam. Portanto, Geminiano afirma que se

se antes o marxismo fazia da teoria uma arma de combate político efetivo diante de um presente ditatorial e opressor, naquele momento são as disputas políticas no campo do conhecimento histórico que vão ser o meio de se manter legitimando teoricamente o marxismo. [...] Ciro não cansa de afirmar, como uma espécie de *Dom Quixote combatendo moinhos de ventos*, que o marxismo como teoria é necessária, não há forma de racionalismo mais eficaz que ele, em especial para se pensar e se fazer história, para ele o marxismo era a expressão, como teoria e ação, da própria história.

Geminiano ao analisar a contribuição de Cardoso como um importante historiador que participa de um dado debate teórico, também o caracteriza como um historiador que perpassa os limites estabelecidos pelos pares, ou seja, impõe demasiada ênfase em sua defesa do marxismo, beirando emocional. Contudo, Geminiano atribui um sentido a ação de Cardoso pois,

os conceitos manejados por Cardoso explicitam, em chave epistemológica, uma disputa política de fundo que, para ele, parecia ser mais importante e relevante que qualquer outra coisa, uma vez que ameaçava a própria razão como meio de transformar o mundo, ou seja, o marxismo.²⁴⁴

O autor, ao produzir um quadro comparativo do período de produção de Cardoso, enuncia que o historiador fluminense tinha um alvo ao desenvolver determinada leitura enfática, nesse sentido, seus pares que aderiram a propostas consideradas “pós-modernas”. Elemento já denunciado por Durval

²⁴³ SANTOS, Wagner Geminiano. **A invenção da historiografia brasileira profissional...** *Op. cit.*, p. 262.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 264.

Muniz, mas que foi aprofundado por Wagner Geminiano,²⁴⁵ pois o autor afirma que “apesar de Ciro, em nenhum momento do livro [*Ensaio racionalistas*] se referir, citar ou estabelecer um diálogo claro com a historiografia produzida no Brasil na década de 1980, ao meu ver, seu diálogo, ao longo de todo o livro é com ela”,²⁴⁶ a Nova História e seus adeptos no meio nacional.

É justamente nesse momento que entendo a análise que Geminiano desenvolve como destoante das anteriores. O autor afirma que, mesmo o marxismo ocupando um espaço edificado pelo sentido de crise,

colocar-se da maneira como Cardoso se postava significava [...], estabelecer-se, ainda, em um lugar legítimo de fala, senão por sua capacidade explicativa da realidade presente, mas pelo seu poder de mobilização e atuação política no âmbito da produção do conhecimento histórico.²⁴⁷

Geminiano atribui um sentido para além do texto, sendo a utilização do lugar ocupado por Cardoso como legitimador de cerceamento. Como afirma o autor, o marxismo ganha atributos de validação epistemológica e política sobre o conhecimento, conferindo ao “materialista histórico, por sua condição de suposto arauto da razão – assumiria o papel ou o lugar de crítico historiográfico, que é aquele de onde parece pretender falar e se postar, Ciro Flamarion Cardoso”.²⁴⁸ Portanto, partido do entendimento que Cardoso tenha uma legitimidade para dizer o que é ou não História, o autor afirma que “Cardoso

²⁴⁵ Conforme apontado por Albuquerque, “outra estratégia comum do debate historiográfico, entre nós, é o de não apresentar os autores nacionais como referência, fazendo de conta que nada foi escrito sobre o assunto em nosso país ou que nada de relevante foi dito ainda neste campo, por nossos pares, embora haja exceções”. A prática de se produzir uma crítica que utilize como diálogo somente com os autores estrangeiros constitui uma forma de coerção, questionando o referencial teórico de pares nacionais sem que os cite, impossibilitando as vezes o diálogo frutífero que poderia surgir dessa relação. Como exemplo, Durval Muniz afirma que “Ciro Flamarion Cardoso, embora praticamente não cite seus pares para sustentar seus argumentos, deixa muito claro, em dada passagem de seu livro com quem está dialogando”, impossibilitando, portanto, uma contra argumentação possível. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *naïf* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão... *Op. cit.*, p. 195; 212.

²⁴⁶ SANTOS, Wagner Geminiano. **A invenção da historiografia brasileira profissional...** *Op. cit.*, p. 268.

²⁴⁷ *Ibidem*.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 269.

parece inaugurar uma espécie de crítica historiográfica com forte caráter prescritivo e normativo”.²⁴⁹

O que norteia o discurso de Ciro Cardoso, para Geminiano, é a preocupação de ordem política. Pois, as implicações em uma deslegitimação social da História rondavam os escritos de Cardoso. No intuito de combater tais posturas relativistas, Cardoso utilizou do debate teórico como “arma de combate político”, pois segundo Geminiano, “Se luta melhor contra a ‘Nova História’ e seus ‘novos historiadores’ no Brasil, combatendo e deslegitimando, epistemologicamente, suas matrizes de pensamento”.²⁵⁰ À vista disso, Geminiano chega à conclusão de que tal postura de Cardoso não foi única e nem sem engajamento, gerando o que o autor chama de “*retórica da crise*”, ou seja, uma busca pelo cerceamento e controle do discurso aceito sobre a História. O autor ainda afirma que esse discurso reverberou posteriormente por outros historiadores marxistas que fazem fronteira com Ciro Cardoso, mas que, não entrarei no tema pois fugiria do escopo ora desejado.²⁵¹

O último trabalho, mas não menos importante, é o de Guilherme Moerbeck com seu capítulo de livro intitulado *Dos Ensaios Racionalistas aos seus Novos Domínios: História, razão e marxismo em Ciro Flamarion Cardoso*. Moerbeck tem como proposta fazer um mapeamento das contribuições ao fazer historiográfico propostas por Cardoso. O autor em sua escrita inicia tecendo comentários expositivos acerca de cada livro teórico produzido por Cardoso, iniciando em *Uma introdução a História*, perpassando suas contribuições a historiografia

²⁴⁹ SANTOS, Wagner Geminiano. **A invenção da historiografia brasileira profissional...** *Op. cit.*, p. 269.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 171.

²⁵¹ Acerca das contribuições de Geminiano, cito ainda artigo que se encontra em fase de produção, no qual o autor busca produzir um sentido mais aprofundo a contribuição de Ciro Cardoso à historiografia brasileira. Com o título *Ciro Flamarion Cardoso e a crítica historiográfica como instrumento de militância política: a retórica da crise em movimento*, Geminiano perpassa o debate entre os historiadores do Rio de Janeiro em contraponto a São Paulo, as alterações na forma discursiva de Cardoso em relação aos debates travados durante os anos de 1980 e 1990, as implicações normativas oriundas dos escritos do historiador, principalmente a partir do livro *Domínios da história*. Por fim, Wagner Geminiano busca posicionar a contribuição de Cardoso no quadro da memória disciplinar, pois como o autor afirma, “a obra de Cardoso marca a importância das problematizações, muitas vezes naus políticas que epistemológicas, que os historiadores de formação marxista produziram e que foram colocadas como balizas para definir o que era a historiografia brasileira a partir dos anos 1980”. SANTOS, Wagner Geminiano. **Ciro Flamarion Cardoso e a crítica historiográfica como instrumento de militância política: a retórica da crise em movimento**. [No prelo].

antiga e da escravidão, até os *Novos domínios da História*. Como Moerbeck afirma,

a vasta obra de Ciro Cardoso não é simples de ser mapeada. Há alguns livros e muitos artigos dedicados ao tema da Teoria da História. [...] O objeto desse trabalho reside na sistematização das bases teóricas, das opções metodológicas e daquilo que o professor Ciro Cardoso pensava ser uma História racional, objetiva e científica.²⁵²

Em relação a proposta de Moerbeck, chamo atenção para dois pontos: a) uma tentativa de delimitar a qual corrente marxista o autor se filiava; b) a afirmação da importância da contribuição de Cardoso à Teoria da História. Na primeira, Moerbeck demonstra que Cardoso tem como principal fundamentação marxista o próprio Karl Marx, pois o autor buscava se vincular diretamente aos escritos do filósofo, e não a comentadores. Em seu texto, Moerbeck explicita que Cardoso absorvia das leituras de Gramsci, Eric Hobsbawm e George Rudé, contudo o autor afirma que, “ao lado, mas não ao largo, desses debates, Ciro continuou a se orientar pela noção de forças produtivas, sobretudo pelos escritos do próprio Marx, ou ainda com alguma influência de Gramsci”.²⁵³ Portanto, partindo da exposição de Moerbeck, entendo que Cardoso não se deixou levar em uma corrente de interpretação mais definida acerca do marxismo. O historiador fluminense se afastava do que considerava uma relativização ou deturpação do pensamento de Marx como, tão criticada por Cardoso, escola de Frankfurt.

O segundo ponto a destacar é a exaltação realizada por Moerbeck em relação as contribuições de Cardoso a Teoria da História. Pode-se a legitimação que Moerbeck busca realizar em relação as considerações de Cardoso como quando afirma que “Não se deve esperar do Ciro uma apresentação metódica, linear, monocórdia e supostamente neutra de tendências historiográficas e

²⁵² MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaio Racionalistas aos seus Novos Domínios... *Op. cit.*, p. 80.

²⁵³ *Ibidem*, p. 92.

filosóficas. *Ciro era um combatente da História*".²⁵⁴ O termo combatente utilizado, não furta de ser justificado pelo autor em um universo mais amplo, pois o mesmo afirma que tal atuação

lembrava a alguns outros historiadores, como Moses Finley, e Arnaldo Momigliano, que pelas suas escritas mordazes, às vezes irônicas, mas bem calculadas, conduziam a leitura de maneira que se pudesse perceber claramente as tomadas de posição no campo.²⁵⁵

Moerbeck situa Cardoso em uma *persona acadêmica*, portanto, não única e singular, mas comum em historiadores estrangeiros de renome. Além disso, o autor convida o leitor a "vislumbrar alguns fulgores desses combates"²⁵⁶ em um tom, que não seria errado pressupor, nostálgico. Nesse sentido, Moerbeck produz uma análise de legitimação dos argumentos de Cardoso e arregimenta o autor como um historiador a ser prestigiado. Essa perspectiva difere, portanto das apresentadas anteriormente até então. E esse elemento de legitimação perpassa a figura de Cardoso e atinge quem teceu críticas ao historiador. Pode-se ver esses elementos quando o autor afirma que, em relação a obra *Domínios da História*,

não obstante *pudesse não agradar ao olhar daqueles que preferem as minúcias das articulações conceituais e intelectuais de uma época*, a abordagem flamariônica não se deixava levar por tendências reducionistas e/ou simplificadores que esse ângulo aberto de abordagem pudesse suscitar.²⁵⁷

Nesse sentido, o autor compreende que a obra suscitada não passou sem a crítica dos pares, contudo, ela não fazia jus em razão da abertura que Cardoso pretendia realizar. Por mais que o autor busque atribuir uma importância a Cardoso, nota-se em certa medida uma aproximação em relação ao mesmo. Talvez em razão de ter sido orientado tanto no mestrado como no doutorado por

²⁵⁴ MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaio Racionalistas aos seus Novos Domínios... *Op. cit.*, p. 94. Grifo meu.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 84. Grifo meu.

ele, Moerbeck apresenta um argumento que não só legitime as ações de seu antigo orientador, mas também as justifique. Essa relação pode ser demonstrada quando o autor afirma que “Ciro era um combatente e não costumava economizar nos adjetivos em relação aos seus adversários no campo das ideias e no campo político”, o que denota uma tentativa evidente de justificar qualquer ação exacerbada do historiador. Contudo, Moerbeck produz uma leitura fundamental acerca do historiador fluminense, e nesse sentido não foge à regra de todos os historiadores apresentados anteriormente. Conforme afirma,

Ciro Flamarion Cardoso parecia ter muito a expor sobre uma mesma temática em apenas um único texto, por isso sempre revisitava os assuntos que lhes eram mais interessantes em novas publicações. Se um leitor lesse apenas um artigo ou um capítulo de livro, poderia lhe parecer que o nosso autor pesara demais a mão ao pôr em um mesmo conjunto de críticas a micro-história italiana e outras vertentes correlatas e, às vezes, nem tão facilmente correlacionáveis assim. No entanto, ao se cotejar as diversas contribuições de Giro para os debates teórico-históricos, percebe-se que ele reconhece as dimensões muito diversas das correntes pós-modernas em seus diversos *turns* e que lhes atribui valores distintos nas formas de contribuição ao desenvolvimento da História como disciplina acadêmica.²⁵⁸

Como síntese do quadro exposto, pode-se afirmar que a recepção da contribuição ao debate teórico realizada por Giro Cardoso foi recebida, por esses autores, com desconfiança e ressalvas, sendo as vezes até mesmo caricaturada. Essa relutância em relação ao discurso de Cardoso por vezes é denotada em razão de sua escrita beligerante e cheia de adjetivos, ou mesmo por aglutinar diversas propostas que são as vezes contraditórias e divergentes não sendo desenvolvidas com clareza. Contudo, perpassa por todas a importância da abertura que Cardoso desempenhou ao tratar tal temática em seus textos, sendo de importância significativa para o amadurecimento do debate teórico no país, mesmo que as vezes Cardoso tecesse impressões que mais visavam inviabilizar o debate do que o potencializar. Portanto, um sentido que não foge a nenhum

²⁵⁸ MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaio Racionalistas aos seus Novos Domínios... *Op. cit.*, p. 94. Grifo do autor.

dos autores ora tratados, seja em grau menor ou maior de importância, é acerca da relevância dos escritos de Ciro Flamarion Cardoso ao debate teórico e epistemológico da História no Brasil.

À guisa de conclusão, ou sentido ético-político como crítica historiográfica

Para atribuir um sentido ético aos escritos de Ciro Cardoso, me volto as contribuições de Marcelo Rangel no que tange a discussão em volta do termo ético-político, sendo de importância para essa dissertação a definição de tal conceito, mesmo que tardiamente. Rangel pontua que *ética*,

vem do grego ‘*éthos*’, que significa morada do homem, ou seja, o espaço no interior do qual os homens em geral se mobilizam, seu mundo. De modo que a atividade ética é ou pode ser, ao menos de forma mais geral e de acordo com seu sentido mais originário, uma atividade teórica preocupada e dedicada a pensar o mundo no interior do qual ela (esta atividade) se torna possível.²⁵⁹

Rangel correlaciona o conceito de ética junto com o de política pois entende que a política é configurada como uma ação que visa atuar no próprio mundo, contudo, “mais específico na medida em que se orienta objetivo-explicitamente (o quanto isto é possível) por um conjunto de determinações mais sistemático”.²⁶⁰ Nesse sentido, entendo que o discurso de Cardoso pode ser atribuído de um sentido ético pois sua ação carrega uma vontade genuína de conservar a História como um saber legitimado pelos parâmetros regidos pelo signo da ciência. Em relação a Cardoso, mesmo tratando-se de um discurso que buscou barrar tal tipo de proposta ora utilizada para analisado, utilizo das próprias palavras de Marcelo Rangel quando afirma,

por que o historiador deveria continuar investigando o passado se seus enunciados estariam muito mais relacionados ao seu mundo, história, corpo/desejo etc., do que ao seu objeto mais

²⁵⁹ RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristovão, v. 13, n. 25, p. jul./dez., 2019.

²⁶⁰ *Ibidem*, 26

propriamente? Ao fim, nossa proposição é a de que a orientação ético-político responsável pelo *giro* tem figurado e mesmo se constituído como uma justificativa razoável ou suficiente em meio ao que podemos chamar de uma crise epistemológica significativa pela qual a história, a teoria e a história da historiografia passaram ao longo dos anos 60 e 70 do século passado.²⁶¹

As atitudes beligerantes e coercitivas do discurso de Cardoso podem ser entendidas como uma tentativa de salvaguarda não somente sua posição de poder, como também uma suposta legitimidade outorgada ao historiador de possibilidade em transformação o social. Para Cardoso, minar esse papel ao historiador seria o mesmo que o destituir de sua função mais primordial.

Nesse momento faço uso mais uma vez a proposta de João Ohara. Por mais que Cardoso atribua-se de uma persona acadêmica carregada de uma posição, por vezes, autoritária e normativa em excessos, não se deve esquecer que a persona se relaciona com o *scholarly self*. Na definição de Ohara,

O conceito de *scholarly self* se refere justamente à dissonância entre (1) os repertórios abstratos de características e valores considerados necessários para que alguém seja considerado historiador e (2) as performances individuais daqueles que se reconhecem enquanto historiadores. Trata, em suma, da efetivação desses repertórios nas práticas de um indivíduo, no processo complexo e longo de subjetivação através de que se aprende a ser historiador.²⁶²

A partir dessa compreensão de *scholarly self*, entendo que Ciro Flamarion Cardoso não só atuou boa parte de sua carreira acadêmica por meio dessa sua atitude coercitiva, como também foi legitimado para atuar de tal forma por seus pares, podendo tal legitimação ser visto no livro *Um combatente pela história*.²⁶³ Contudo, ao final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 essa legitimação,

²⁶¹ RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristovão, v. 13, n. 25, p. jul./dez., 2019.

²⁶² OHARA, João R. Munhoz. **Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)**... *Op. cit.*, p. 30.

²⁶³ LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história: professor Ciro Flamarion Cardoso**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.

especificamente no debate teórico, começou a ser contestada. Esse momento de maior fragilidade, como demonstrado anteriormente em razão da falha de sua proposta discursiva, configura-se como momento em que o autor mais deixa transparecer sua inquietação em relação aos caminhos que a disciplina toma. Como pode ser, por fim, percebido junto ao historiador:

O anti-realismo, nas ciências sociais, não é politicamente inocente. Independentemente das intenções – e a sabedoria popular afirma que o caminho do inferno esteja atapetado de boas intenções -, conduz à idéia de que todas as versões se equivalem, enquanto qualquer pretensão a um horizonte mais holístico ou geral seria ilusória, impossível, perversa ou voltada para a manipulação. Não é possível enfrentar o *establishment* para valer, isto é, num sentido que não seja o de meras lutas parcializadas, sem uma visão holística do social a partir da qual se proponham alternativas.²⁶⁴

²⁶⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia...** *Op. cit.*, p. 72.

Considerações Finais

Após todo esse percurso, volto a pergunta na qual início essa dissertação: afinal, Ciro Cardoso produziu um discurso que visava deslegitimar autores considerados pós-modernos? E se caso tenha feito, qual o sentido de assim o fazer? Como demonstrado ao longo desse trabalho, não é tarefa fácil a tentativa de atribuir sentido a produção de um historiador, dado que essa se configura como múltipla. Contudo, busco concluir tentando realizar tal empreendimento, visto que não parto de considerações sem o escopo de historiadores que o fizeram anteriormente.

Em minha compreensão, Cardoso não só produziu um discurso normativo, como buscou implementar tal ação na prática. Como exposto, o historiador fluminense empenhou-se em uma missão, no sentido de dever ou mesmo de obrigação, em realizar aquilo que o veio a chamar de defesa do paradigma iluminista, ou de ciência histórica, ou mesmo de História. Essa construção discursiva, que como afirmado por Moerbeck, perpassa *todos os escritos* acerca do ofício do historiador produzidos por Cardoso, se analisadas em conjunto, possibilitam uma compreensão de modo mais evidente do problema elencado por Ciro Cardoso, sendo a legitimação social do conhecimento histórico.

Cardoso acreditava que a legitimação social do saber histórico estava sob ameaça em razão do que chamou de paradigma pós-moderno. No sentido de precisa um sentido mais fortuito ao conceito de pós-modernidade, utilizei das formulações de Lyotard, compreendendo-o como um período de descrença à metanarrativas, a exposição dos jogos de linguagem que autolegitima o saber e posteriormente como esse fenômeno carrega o signo de movimentos como o pós-estruturalismo e a virada linguística. Para Cardoso e outros historiadores esse fenômeno não vai denotar apenas a deslegitimação de sua função, como também a criação de uma crise na História, que pode ser entendida como varias, e que figura como termo aglutinador em seu discurso, o que Geminiano chamou de retórica da crise.

Nesse sentido, a pretensão de tal discurso visava produzir um efeito coercitivo, pois além de fundamentar o que seria aceito como conhecimento histórico, definiria também o que *não* deveria ser considerado como tal, mesmo que tivesse que deslegitimar seus proponentes para se atingir tal meta. Como pode ser apreendido da formulação de Foucault, a junção de um discurso normativo, calcado no poder institucional, não só fundamenta a legitimidade daquele que o produz como é carregado de sentido de verdade. Ou seja, Cardoso não poupou esforços na tentativa de formular um discurso beligerante para deslegitimar a propagação do que considerou como preposições relativistas, irracionalista e pós-modernas.

Como resultado disso, teve-se uma reação dos pares ora contundente (cito a leitura de Durval), ora ponderada (o caso de Campigoto) sempre versando acerca das problemáticas oriundas de tais formulações e suas validades para o debate teórico. Portanto, por mais que tal construção discursiva tenha sido realizada e em sua decorrência temos uma serie de reações, torna-se difícil negar o papel desempenhado pelas contribuições de Cardoso no campo historiográfico (o que pode ser visto nas análises de Geminiano).

Partido da concepção que a primeira hipótese foi confirmada, busca-se a razão de tal ação. Compreendo que Cardoso empreendeu a formulação desse tipo de discurso em razão de uma preocupação política, assim como exposto na análise de Geminiano, elencando como preocupação a função social da História. Cardoso entendia que a pratica historiográfica não se justificava somente na explicação do passado, mas na construção de uma consciência que transformasse o presente. Como um marxista empenhado, compreendia que a História tinha como principal função a formação da consciência histórica, potencializando a transformação do todo.

Nesse sentido, chamei atenção para o elemento ético que permeia seu discurso. Se a política é evidente em sua estrutura argumentativa, sobressai em sua justificativa a legitimação de ordem ética. Afinal, o que assegura que o historiador produza um discurso “verdadeiro” acerca do passado, que não procure falsear as fontes e produzir análises distorcidas se não seu compromisso ético? Além de uma ética individual, não se faz presente no policiamento

realizado pelos pares a procura incessante de elementos que necessitem serem corrigidos entre si? A ética, em minha compreensão, é elencada como elemento *não dito* pelos historiadores, contudo, que se faz presente a todo momento na pesquisa histórica, assim como estrutura de forma mais basilar a preocupação de Ciro Cardoso. Por fim, pode-se notar que, por mais que o conceito de ética apareça de forma espaçada em minha análise, ele ainda é operado como principal elemento de legitimação do discurso histórico.

Concluo essa dissertação com a pergunta que orienta um artigo de Keith Jenkins, não buscando responde-la, mas indagando quais pressupostos temos como elementos estabelecidos que não enxergamos como estruturantes de nosso ofício. Portanto, “os historiadores na qualidade de historiador detêm uma responsabilidade ética? Caso tenham, a quem e ao que?”.²⁶⁵

²⁶⁵ Cf. JENKINS, Keith. Ethical responsibility and the historian... *Op. cit.*

Referências

Fontes

BRASIL. Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar. **Informe nº 003/69**. Brasília: CGIPM, 1969.

Obras de Ciro Flamarion Cardoso:

CARDOSO, Ciro Flamarion. Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo. **Diálogos**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 47-64, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. El papel del historiador em Centroamérica. **Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica**, San José, v. 12, n. 35, p. 175, 1974.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio Racionalistas**. RIO DE JANEIRO: CAMPUS, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Cantareira**, Rio de Janeiro, a. 2, v. 1, n. 6, p. 5, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. **Emblemas**, Catalão, v. 1, n. 3, p. 13, 2007. [Entrevista concedida a Cristiano Alencar Arrais].

CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista. Entrevista concedida a Critiano Alencar Arrais. **Emblemas**, Catalão, v. 1, n. 3, p. 16, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador. **Diálogos**, Maringá, v. 3, n. 3, p. 1-28, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da História**. São Paulo: Campus Elsevier, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Modernismo e pós-modernismo uma antologia de alto nível. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 196-201, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Paradigmas Rivais Na Historiografia Atual. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 47, p. 61-72, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**: Ensaios. Bauru: EDUSC, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORAES, Jose Geraldo Vince de; REGO, José Marcio (org.). **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34,

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: História e conhecimento – uma abordagem epistemológica. *In.* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012,

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Apresentação. *In.* *Idem*. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e verdade**. [s.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em:

https://www.academia.edu/12320917/Palestra_Hist%C3%B3ria_e_Verdade.

Acesso em: 07/08/2021.

Demais obras consultadas:

Aidyl de Carvalho Preis. **Universidade Federal Fluminense**. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=aidyl-de-carvalho-preis>. Acesso em: 04 fev. 2021.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O historiador *naïf* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão. *In*: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

AMARAL, Weverton B. Ciro Flamarion Cardoso e o lugar social do historiador no Brasil. *In*: OLIVEIRA, Ueber J. de; SANTOS, Cleber F. dos. **Intelectuais & ideias políticas**. Vitória: Milfontes, 2021, p. 174.

ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARAUJO, Valdei Lopes. História dos conceitos e história da historiografia: um percurso brasileiro. *In*: NASCIMENTO, Bruno Cesar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). **Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX**. Serra: Editora Milfontes, 2017.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 160, 2010.

BARROS, José D'Assunção. Historicismo: notas sobre um paradigma. **Antíteses**, n. 5, v. 9, p. 391-419, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENTIVOGLIO, Julio. Desconstruindo Marc Bloch (1886-1944). **Academia.edu**, [s.d]. Disponível em: https://www.academia.edu/26629938/Desconstruindo_Marc_Bloch. Acesso em: 05 mai. 2022

BENTIVOGLIO, Julio. História e Hermenêutica: a compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **Opsis**, v. 7, n. 9, p. 70, jul.-dez. 2007

BENTIVOGLIO, Julio. Marc Bloch (1886-1944). *In*: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A constituição da História como ciência**: de Ranke a Braudel. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BIASUTTI, Rusley B. **Nietzsche contra Nietzsche**: linguagem, história e política. Um estudo sobre a Segunda Consideração Intempestiva (1974). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 1976

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas Históricas**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3 ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. Comissão Geral de Inquérito Policial-Militar. **Informe nº 003/69**. Brasília: CGIPM, 1969.

BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Itinerarios de Ciro Flamarion Cardoso: un elogio de la sinceridade académica*. *In*: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. As Dimensões do Historicismos: Um estudo dos casos alemães. **OPSIS**. v. 7, n. 9, p. 47-66, 2007.

CALLINICOS, Alex. **Against postmodernism: a Marxist critique**. Cambridge: Polity Press, 1989.

CAMPIGOTO, José Adilçon. Interpretação de textos, de história e de intérprete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 229-252, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3. Ed. rev. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CEZAR, Temístocles. Hamlet Brasileiro: ensaio sobre giro linguístico e determinação historiográfica (1970-1980). **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 441, abr. 2015.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002,

COMISSÃO Geral de Inquérito Policial-Militar. **Arquivo Nacional – Dibrarq – Ministerio da Justiça e Segurança Pública**. Disponível em: <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/comissao-geral-de-inquerito-policia-militar>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CRUZ, Marcos. O lugar dos historiadores no século XXI ou reflexões sobre o fim da historiografia. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 11, n. 2, ago.-dez., 2018.

CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. **A História em tempos de crise: Friedrich Meinecke (1862-1954) e os problemas do historicismo alemão**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

EL-KHAREH, Almir Chaiban. Cavucando no passado. *In*: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.

FALCON, Francisco C. O programa de pós-graduação em História Social da IFCS/UFRJ. **Topoi**, v. 13, n. 25, p. 7, 2012.

FALCON, Francisco J. C. A Identidade do Historiador. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 9, 1996.

FALCON, Francisco José Calazans. Ciro Flamarion Santana Cardoso: uma memória em vários tempos. *In*: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história**: professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012

FALCON, Francisco. Historicismo: antigas e novas questões. **História Revista**, n. 7, p. 23-54, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura Militar, universidade e ensino de História: da Universidade do Brasil à UFRJ. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 32, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FREIXO, Andre de Lemos. José Honório Rodrigues (1913-1987). *In*: RODRIGUES, Henrique Estrada; PARADA, Maurício (org.). **Os Historiadores**: clássicos da história do Brasil. Dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. V. 4. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/ PUC, 2018.

GARCIA, Aline L.; GIANNATTASIO, Gabriel; BENATTE, Antonio. O debate sobre a pós-modernidade na historiografia brasileira: tempo e narrativa (1985-2011). **Revista Expedições**, Morrinhos, v. 8, n. 3, p. 303. set./dez. 2017.

GLEZER, Raquel. Do todo ao fragmento: um breve olhar sobre a pesquisa histórica no Brasil. *In*: NASCIMENTO, Bruno Cesar; BENTIVOGLIO, Julio (org.).

Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. Serra: Editora Milfontes, 2017.

GODOY, João M. Teixeira de. Alguns desafios dos estudos de historiografia. **Projeto História**, n. 41, p. 195-214, dez. 2010.

GONTIJO, Rebeca. Revisão e prospecção da historiografia no Brasil nos anos 1970. In: NASCIMENTO, Bruno César; BENTIVOGLIO, Julio. **Escrever História:** historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. Serra: Milfontes, 2017.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica Filosófica**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926:** vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HARTOG, François. **Crer em História**. Belo Horizonte, 2017

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HERMANN, Paul. Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e de metas intelectuais. **História da Historiografia**, v. 21, p. 25-42, 2016.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

JENKINS, Keith. Ethical Responsibility and the Historian: on the possible End of History "Of a Certain Kind". **History and Theory**, v. 43, n. 4, p. 43-60, dez. 2004;

LIBLIK, Carmem Silva da Fonseca Kummer. Trajetória de Maria Yedda Linhares: notas sobre a construção de um devir. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 22, p. 116-133, 2016.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (org.). **Um combatente pela história:** professor Ciro Flamarion Cardoso. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna.** São Paulo: José Olympio, 2021,

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Editora José Olympio, 2000.

LYOTARD, Jean-François. O diferendo. **Revista Lampejo**, n. 2, p. 177, out. 2012.

MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no linguistic turn, o caso brasileiro. **Projeto História**, n. 41, p. 353, dez. 2010.

MAIA, Carlos Alvarez. Crise da História ou crise dos historiadores no *linguistic turn*, o caso brasileiro. **Projeto História**, n. 41, p. 355, dez. 2010.

MALERBA, Jurandir. **Notas à Margem:** teoria e crítica historiográfica. Serra: Milfontes, 2018.

MALERBA, Jurandir. Teoria e a história da historiografia. *In.*: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita:** teoria e a história da historiografia. Curitiba: Editora Primas, 2016.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. *In.*: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo; ARAÚJO, Valdei Lopes de. **A Dinâmica do Historicismo.** Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: Tese, Legado, Fragilidade. **História Revista**. v. 7, p. 1-22, 2002.

MATA, Sérgio da (2011). Anos de aprendizagem de um jurista formado "numa perspectiva histórica": Max Weber e o historicismo. **História da Historiografia**, v. 6, p. 64-80, 2011.

MOERBECK, Guilherme. Dos Ensaio Racionalistas aos seus Novos Domínios: História, razão e marxismo em Ciro Flamarion Cardoso. *In*: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco. **Intelectuais e Marxismo no Mundo Lusófono**. Rio de Janeiro/Recife: Autografia/EDUPE, 2019

MUDROVIC, María Inés. *Historical Narrative as a Moral Guide and the Present as History as an Ethical Project*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 21, p. 10-24, ago. 2016.

NASCIMENTO, Bruno Cesar. **Revista de História**: trajetórias historiográficas na Universidade de São Paulo. Serra: Milfontes, 2018,

OHARA, João R. Munhoz. **Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

OHARA, João Rodolfo Munhoz (org.). **Catálogo Histórico de Teses e Dissertações da Área de História**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/programas/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PEREIRA, Ludmila Gama. **O historiador e o agente da história**: os embates políticos travados no curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. **Uma introdução à História da Historiografia brasileira (1870-1970)**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2018.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas referências sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, n.15, 1997

Prix Robert Delavignette. **Académie des Sciences d’Outre-Mer**, 2020. Disponível em: <http://www.academieoutremer.fr/historique-des-prix/prix-robert-delavignette/>. Acesso em: 04/02/2021.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. A memória institucional e os impactos da repressão na URFJ (1964-1985). **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**, Rio de Janeiro, 23 a 27 jul. 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709_ARQUIVO_TextoANPUH-RIO-AndreaQueiroz.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

RANGEL, Marcelo; LOPES, Valdei. Apresentação – Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 17, p. 318-332, abr. 2015.

REIS, José Carlos. Marxismos e Annales: “programas Históricos” complementares, antagônicos ou diferenciados?. **Vária História**, Belo Horizonte, n. 19, p. 68-91, nov. 1998.

RODRIGUES, Lidiane Soares. Ser marxista no Brasil. *In*: FREIRE, Américo; MARTINHO, Francisco (org.). **Instelectuais e Marxismo no Mundo Lusófono**. Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2019

RORTY, Richard. Verdade, universalidade e política democrática (justificação, contexto, racionalidade e pragmatismo). *In*: SOUZA, José Crisóstomo de. **Filosofia, racionalidade, democracia: os debates Rorty & Habermas**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **A invenção da historiografia brasileira profissional: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012)**. Vitória: Editora Milfontes, 2020

SANTOS, Wagner Geminiano. **Ciro Flamarion Cardoso e a crítica historiográfica como instrumento de militância política: a retórica da crise em movimento**. [No prelo].

SCHMIDT, Benito B. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: ética e biografia. **História** (São Paulo), v. 33, n. 1, 2014.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em questão. *In*: LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, p. 19.

SILVA, Roberto Pereira. Frédéric Mauro e a escola dos *Annales*: da história econômica à “ciência econômica do passado”. **História Econômica & História de Empresas**, v. 23, n. 1, p. 8, 2020.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*.: REMOND, Réne (Org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003,

THOMPSON, Willie. **Postmodernism and history**. *Theory and history*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

VOIGT, André Fabiano. Há um “giro ético-político” na História. *In*: MEDEIROS, Bruno Franco; DE SOUZA, Francisco Gouvea; BELCHIOR, Luna Halabi; RANGEL, Marcelo de Mello; PEREIRA, Mateus H. F. (org.). **Teoria e Historiografia**: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

WESTPHALEN, Cecília Maria. A situação da Pós-Graduação em História. **Revista de História**, São Paulo, v. 55, n. 110, p. 415, 1977.

WHITE, Hayden. *Foreword: the postmodern Messenger*. *In*.: JENKINS, Keith. **At the limits of history: essays on theory and practice**. New York: Routledge, 2009, p. 2.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: Editora Edusp, 2008.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZARMEÑO, Guillermo. *?En el umbral de una nueva teoria de la historia? Algunas reflexiones desde América Latina*. *In*.: DURÁN R. A., Norma (org.). **Epistemología Histórica e Historiografía**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2017.